

CONT. LIT.
E EDUCAÇÃO

Anno IV

SETEMBRO -- DEZEMBRO DE 1930

Num. 22

Revista

--- DE ---

Ensino

Orgão Official

DO DEPARTAMENTO GERAL DA INSTRUÇÃO PUBLICA DE ALAGOAS
E DA SOCIEDADE ALAGOANA DE EDUCAÇÃO



MACEIÓ

Estado de Alagoas

BRASIL

REVISTA DE ENSINO

Orgão Official

DO

Departamento Geral da Instrução Publica e da Sociedade Alagoana de Educação

PUBLICAÇÃO BIMENSAL



N.º 22 --- SETEMBRO -- DEZEMBRO --- 1930

Assignatura annual.	24\$
semestral.	12\$
Numero avulso.	4\$

Imprensa Official

REDACÇÃO :

RUA DA BOA VISTA N. 184, 1.

MACEIO'

SUMMARIO

Aprendizado Activo, Prof. José Ribeiro Escobar —
Syntaxe do Advérbio, Dr. Zeferino Rodrigues — *O*
Exame e suas consequências, Prof. José D. Calderaro
— *METODOLOGIA, Ensino do emprego e conjugação*
dos verbos, Prof. C. Doliveira — *Apostamentos para*
preleções sobre o curso de pedra, lignite e turfa —
A Prática de Escola Activa, Dr. J. Travassos — *Cir-*
culo de Paes e Professoras, Prof. Luiz Cerqueira —
NOTICIARIO

O APRENDIZADO ACTIVO

Prof. José Ribeiro Escobar

(Conclusão)

SURGE ET AMBULA

A Natureza nos disse: "Trabalha ou morre!" A lei do exercicio é a condição para a vida do espirito; a lei de exercicio genético-funcional nos diz que o exercicio de uma função é a condição de seu desenvolvimento, assim como da eclosão de outras funções ultteriores.

No aprendizado activo e individual, a creança é que faz, observa, julga, raciocina, compara, generaliza, exercita a atenção e a vontade, constroe, produz. A ella — cabe a espontaneidade; ao mestre — o "contrôle", o guia.

No aprendizado activo, a atenção assume suas formas mais energicas, porque é investigativa e constructiva e pôde passar por todos os graus: o interesse, a reflexão, a applicação, a meditação, a contenção, a contemplação.

No aprendizado activo, o espirito se debruca na janella de todos os sentidos; interessa-se o maior numero de actividades sensoriaes e perceptivas e, portanto, lembrança de uma impressão complexa é melhor, porque concorre maior numero de memorias parciaes. Nesse poderoso aranhol de associações, a verdade fulge, para sempre captiva.

Qualquer conhecimento que o alumno tenha adquirido por si, qualquer problema que tenha resolvido sem auxilio, se torna, "par droit de conquête" muito mais completamente seu do que de outro modo: a verdade não se quer offerecida, senão cortejada e conquistada.

A evolução "propria" garante a viveza e a permanencia das impressões. A actividade preparatoria do espirito, depois sua concentração, e a emoção do triumpho, se ajuntam para registrar todos os factos na memoria.

No aprendizado activo pelas cousas, o objecto agrada e captiva a atenção, hospeda-se na memoria e ahi deixa "saudades" — as imagens precisas, concretas, intensas, sempre susceptiveis de reviver; o aprendizado pelas cousas mostra o conjuncto ao mesmo tempo que as partes, fórma a aptidão para observar e dá o ensejo e a necessidade de observar mais.

O alumno que mistura o amarello e o azul, e descobre que formam o verde, para se lembrar disso dez annos depois, não precisa fazer o esforço consciente que faz quem o aprendeu por explicação; elle o sabe, como sabe seu nome, como sabe que tem duas mãos, dez dedos, que o tempo é frio no inverno, como sabe os mil e um factos que aprendeu praticamente por si.

No aprendizado activo, o alumno assimila o objecto de ensino, que se torna uma verdadeira parte viva e util de sua personalidade, em vez

de se enkystrar sob fôrma de erudição morta, como um corpo extranho, no cerebro.

No apprendizado activo, cada espirito experimenta as proprias azas, ganhando fé na envergadura, cada ser se constróe sobre os alicerces da hereditariedade, aprendendo a vencer as forças más do passado.

No apprendizado activo, na redescoberta, na explicação genetica, o alumno refaz a sciencia, assistindo-lhe o processo de formação, o desfilar de erros e triumphos. E começa humildemente: em chimica, é um alchimista; em astronomia, e um chaldeu; em linguas, um immigrante; em literatura, um rhapsodo; em desenho, um troglodyta; em arithmetica, um fetichista; em botanica, um pagé; agora, mais fortalecido, sobe do empirismo, que é o simples conhecimento dos phenomenos, para a sciencia, que estuda as relações constantes entre os phenomenos; e, si já está rico, é justo que se envaideça, relacionando as leis, alcandorando-se á philosophia.

No apprendizado activo, o espirito fica um millionario, de fortuna solida, garantida por ouro em barra, e não fortuna de papel-moeda que é o ensino por palavras, sem lastro metallico. Mas a riqueza maxima é outra, é a cultura. A cultura não é o que sabemos: é o que fica, quando esquecemos tudo o que aprendemos; os que cultivaram seriamente as sciencias, ficam impregnados do espirito dos methodos scientificos, vantagem inapreciavel, que se não perde. "Si o meu espirito fosse um quadro, do qual se apagassem todos os factos aprendidos nas escolas, diz White, minha perda seria bem pequena: mas si lhe tirassem o desenvolvimento mental ganho com o estudo desses factos, quasi todos esquecidos, o prejuízo seria formidavel e sem reparação.

O apprendizado activo é um prolongamento do jogo, cujos principios applica: a creança, quando joga, aprende, mas a aprendizagem não é seu fim directo, sinão o exercicio do seu psychismo.

O apprendizado activo attende ao interesse do educando, e o interesse é a palavra magica na educação. A creança, agindo, interessa-se pela sua obra, tem o precioso estimulante das sensações quentes, que acompanham a acção e recompensam o exito do esforço. Ha toda uma volupia no agir: só a actividade nos torna alegres e felizes — e a alegria é um tónico, como o provaram as experiencias de Binet, Courtier e G. Dumas.

Quasi todas as creanças mostram gosto em cantar, desenhar, narrar, inventar, mecher nos objectos, modificá-os, empregá-os em construcções. Enxertando a educação sobre estas actividades naturaes, aproveitamos o impulso que nos é dado pela natureza: ella — fornece o movimento; o mestre — dirige-o.

O apprendizado activo em vez de começar pela ideia geral, que é incomprehensivel e vasia para os que lhe não conhecem o conteúdo, começa pela experiencia concreta, pelo facto particular, porque um exercicio é sempre particular. O alumno só sabe o que passa pelos órgãos dos sentidos, pelo cerebro e pelos musculos: só sabe o que fez. E o espirito, passando pelos mesmos caminhos que seguiu o espirito da humanidade, procede do composto para o simples: avança do conhecido para o desconhecido, do sensivel para o abstracto, cada noção nova fundando-se sobre as associações antigas: reproduz a lei fundamental da evolução.

Philosophicamente, toda vida intellectual consiste em actos de adaptação. Havendo a evolução do homem, a partir de ancestraes infra-humanos, nos quaes a pura razão existia apenas, o espirito, tanto quanto função, appareceu como órgão destinado a adaptar as reacções do organismo ás impressões recebidas do meio ambiente. E' preciso que o alum-

no faça actos de adaptação: dahi, as lições com cousas, os passeios escolares, os exercicios de laboratorio, o aprendizado activo.

Nenhuma recepção — sem reacção, nenhuma impressão sem expressão correlativa. Uma impressão tocando simplesmente os olhos e os ouvidos de um alumno, sem modificar de nenhum modo sua vida activa, é uma impressão perdida, ensina James. E' physiologicamente incompleta. Nada incorpora de novo ás capacidades adquiridas. Mesmo como pura impressão, é incapaz de affectar a memoria; porque, para perdurar entre as impressões desta faculdade, ella deveria se inserir no cyclo inteiro de nossas operações. Ora, são as "consequencias motoras" que operam esta fixação. Todo effeito produzido no dominio activo deve voltar ao espirito sob a fórmula de sensação de ter agido, que se liga á impressão.

A vida é uma conquista? o aprendizado activo dá ao educando a fibra do conquistador. Estamos, como diz Euclides da Cunha, condemnados á civilização: ou progredir ou morrer? o aprendizado activo dá o instrumento do progresso, que é o habito de observar e de raciocinar, de dominar-se, de ter acção perseverante, de produzir, de inventar; o aprendizado activo dá a lampada de Aladino que descobre thesouros, faz do alumno um novo Oedipo que arranca da natureza o segredo das leis maravilhosas.

Só o aprendizado activo pôde fazer o brasileiro hombraear com o Brasil opulento e gigantesco: só o aprendizado activo pôde dominar os 50 milhões de cavallos-vapor de nossas cachoeiras; só o aprendizado activo pôde obter um clima moral dentro do nosso clima ardente, cuja luz cheirosa corrompe, cuja doçura suborna... Ha a resurreição de uma raça!

A ESCOLA NÃO E' UM TEMPLO

Hoje não se exige do educando que creia e repita, mas que pense e aja. A escola não é um templo, o professor não é sacerdote, a sciencia não é dogma. A sciencia não tem altares para o absoluto e o eterno.

A sciencia feita é uma reunião provisoria de verdades, de erros e de conjecturas. A sciencia é obtida pela percepção e pelo raciocinio; mas estes são sujeitos aos desfallecimentos de nossa organização, ás pressões do habito, da imaginação e do sentimento; nossos sentidos são enfermos e enganadores, variando a attenção e a finura das impressões de um dia para outro; é preciso um rude esforço, uma vigilancia de todos os instantes, para o espirito não misturar suas operações, seus juizos, ás percepções naturaes, para não introduzir interpretações precipitadas da nossa intelligencia, preconceitos rotineiros da nossa educação, para despistar "a logica dos sentimentos", a intrusão da sensibilidade nas apreciações, os ardis do coração, as surpresas das associações das ideias. Platão disse que não ha sciencia do que passa; veiu o espirito moderno e redarguiu: so há sciencia do que é passageiro.

A sciencia feita, pois, não pôde ser recebida em confiança. O alumno deve refazer a sciencia no aprendizado activo, observar, raciocinar e exercitar-se em ser juiz: acceitar ou não? Descartes negou o principio da autoridade, o "magister dixit", o "credo quia absurdum", e sujeitou a verdade á evidencia racional de cada pessoa: Não procureis o que pensaram e escreveram antes de vós, mas sabeis apegar-vos ao que reconheceis por evidente.

Depois de muitas decepções, os sabios crearam o espirito critico — fórmula superior, refinada, sublime e moderna do espirito scientifico. Os antigos methodos eram determinados pela ideia da verdade a descobrir; os methodos criticos se organizam em verdade dos erros a evitar.

A vida reclama o espirito critico: o fazendeiro, para escolher o adu-

bo; o joven, para seriar, classificar, hierarchizar, e reagir ou adherir aos sentimentos moraes, e submeter a sinceridade, a fé e o amor á verdade; o oleitor, para não cair no "viveiro" e não seguir o rebanho de Panurgio; o operario, para evitar a tyrannia das "associações", o discurso dos arruaceiros. O fim da educação na escola primaria, deve ser dar ao Paiz cidadãos capazes de lêr o jornal, isto é, de fazer-lhe correções e endireitamentos necessarios, porque todos os jornaes nos enganam, mormente os do nosso partido.

Suggestibilidade não é educabilidade; os processos da educação de autoridade, da educação sacerdotal e militar, contando sobre os actos collectivos, cerimonias, cantos, etc., afoga o eu de cada um na massa, supprime o julgamento pessoal. As pessoas mais suggestionaveis não são "as mulheres nervosas", como se crê, mas os antigos militares, os funcionarios, todos os que contrairam o habito da disciplina.

O que se quer, não é formar cerebros que sejam echos dos professores, individualidades estereis dos sem vontade, fakirisados diante da sabedoria suggestionadora dos mestres, prosternados ante todas as autoridades; o que se quer é preparar a vida, para a existencia pessoal, para o bom uso das liberdades e dos direitos, á intelligencia das responsabilidades.

A crença provém da preguiça do espirito. Substituamos o acatamento ao dogma — acto de humildade do homem livre; substituamos a sala-audição pela sala ambiente.

Os exercicios devem ser explorados, não pejando a memoria com palavras que traduzem o resultado de observações e conclusões alheias, mas, sob a dependencia do desenvolvimento material e funcional dos sentidos — *pela attenção, pela observação e pela reflexão*; pela actividade consciente de uma intelligencia que se adextra na gymnastica do proprio esforço, para a conquista, não tanto do saber, como da sua maxima capacidade de energia; *pela actividade analytica, critica, assimilante e creadora*.

Binet exalta estas quatro funções mentaes, cujo conjuncto fórma a intelligencia: a faculdade de comparar e analysar, de comprehender, no sentido commum da palavra; a de inventar, de estabelecer ligações entre as ideias; a de dirigir nossa attenção e nosso trabalho mental; a faculdade critica, de julgar os erros.

Si a sciencia é passageira, si a fixação de conhecimentos por meios automaticos mata a observação e a reflexão, como transformar a cathedra num pulpito? E hodiernamente — parece paradoxo — o discipulo se prepara para ensinar ao mestre, tal a delicada missão do que sabe guiar o aprendiz na pesquisa da sciencia. A educação, diz Michalet, não abarca só a cultura do espirito dos filhos pela experiencia dos paes, porém, e muito mais, a cultura do espirito dos paes pela inspiração innovadora dos filhos.

O dogmatismo, ou obediencia mental, conformou durante seculos o espirito a um estado social, cujo fundamento é a obediencia — e dahi formar a mais resistente incrustação psychologica. O professor deve estar sempre alerta contra as proprias regressões atavicas de dogmatismo.

LIMEN INTELLECTUS

Para haver uma equação psychologica entre a ideia e a palavra, façamos o educando conhecer o mundo dos factos, que se estende para além do mundo das palavras, e não só os livros, que para elle ficam sendo mais reaes do que a natureza. Dizer-lhe as cousas e não lh'as mostrar, é fazel-o um recipiente das observações alheias, é enfraquecer-lhe as disposições naturaes de se instruir espontaneamente, e prival-o do prazer que dá a actividade coroada de exito.

Infelizmente, não ensinamos a observar: damos aos espiritos alimentos intellectuaes já completamente mastigados. O esforço de digestão, o mais util para a formação mental, é muita vez reduzido a nada.

Contentamo-nos com affirmar a verdade e com descrever de longe, por palavras, os factos concretos. Em classe, contamos como se faz o pão; livros, illustrados, quadros muraes, dão mesmo imagens approximadas; mas nunca dizemos: Vamos ao padeiro defronte pedir-lhe que nos mostre o forno e o logar de amassar o pão. Por isso é que, um bacharel em sciencias, capaz de dissertar sabiamente sobre as solanaceas, ao atravessar um batatal, não sabe que as flores são de batateira; capaz de discorrer sobre os caracteres exteriores de um nervo, na mesa não póde distingui-lo do tendão de um bife.

O ensino de botanica sem plantas e de zoologia sem animaes, são pequenos crimes contra a intelligencia dos alumnos. Si o ensino das sciencias naturaes não fôr baseado na observação effectiva dos seres viventes, ha o maior interesse em supprimil-o mais cedo possível. A geographia aprendida nos livros, é má; nos mappas é passavel; a unica boa é a que se aprende nos locais: a geographia em conjuncto é uma compilação de geographias locais. O professor de composição, nos primeiros annos, deve ser um professor ao ar livre. São os gnitos da escola nova.

Tanto quanto possível, nada de observação de segunda mão: habituemo-nos a verificar tudo por nós mesmos. Comenius dizia ha tres seculos: Porque em logar dos livros mortos, não abrimos o livro vivo da natureza? Instruir a mocidade não é inculcar-lhe um amontoado de palavras recolhidas nos autores; é abrir-lhe o entendimento pelas cousas, offerecer-lhe, *não a sombra das cousas, mas as cousas mesmas*, que impressionam os sentidos e a imaginação.

"Crève-toi les yeux á force de regarder", disse Flaubert. O ensino pela percepção dos phenomenos é immorredouro: Miguel Angelo, depois de cego, esculpia ainda; Beethoven, depois de surdo, compunha symphonias. As lições de cousas concretas são a gloria de nossas escolas.

E' preciso que o alumno, pequeno ou grande, aja por si mesmo. *E' preciso mostrar-lhe as cousas em si mesmas, "não de longe, como num theatro", mas de perto, de muito perto, e assegurar-se que elle as percebe exactamente.*

Na primeira infancia, diz Payot, o alumno experimenta com vezes as propriedades dos objectos, da agua, da areia, do fogo, etc.; bruscamente a escola desvia-lhe a attenção para as cousas que o não interessam; tornamolo surdo e cego para as cousas, as plantas, os animaes, em vez de aproveitarmos seu interesse pela natureza. Remergulhemos as creanças no concreto, nas cores, nas linhas, nos odores, nos sons! Remergulhemol-os no real. Que observem as estações, a chuva, o vento, o mar, as florestas, os trabalhos, as colheitas.

A consciencia immediata é o "limen intellectus", o humbral do conhecimento. O ponto de partida obrigatorio do ensino regular é a experiencia pessoal do educando. Colle-se o alumno aos seres, como uma machina de extrair phenomenos e leis, em cada olhar um triumpho, em cada bocca um "Eureka!".

A SALA MAGNA DE ESTUDOS

No mundo das letras, o aprender e o conhecer são uma só cousa, e os livros são a fonte de ambos; tanto na sciencia, como na vida, são cousas distinctas, e o estudo das cousas, e não dos livros, é a fonte do conhecer, diz Herbart. O beneficio da educação se afere pela medida em que o espirito de

estudante esteve em contacto immediato com os factos, pelo grau em que elle aprendeu o habito de appellar directamente para a natureza e de adquirir atravez dos proprios sentidos as imagens concretas das propriedades das cousas, que são e serão sempre só approximadamente expressas na linguagem humana.

Ha almas livrescas, para as quaes o Universo não é feito senão de papel e tinta, diz Anatole France; mas o bom mestre, observa Lavissee sente-se estreito na escola e nos programmas: olha além a vida, a natureza, a patria e a humanidade, sabe que os sentidos se embotam pelo desuso, que não admiramos os espectaculos da natureza, e ha no entanto uma alegria na vida em amar a natureza. Ha um ensino sem regras nem programmas, que em todas as occasiões abre claros em a natureza, desde os costumes do insecto e as graças das flores, até a mecanica sublime dos astros do dia e da noite. Si tivesse de escolher entre estes dois destinos: saber ler nos livros, e nada nos ceos e na terra, e — nunca ter segurado um alfabeto, mas ler correntemente no livro da natureza, não hesitaria um instante em preferir o segundo; o primeiro é obscuro, estreito, miseravel, e, tenho vontade de dizer, impio.

Não ha percepção sem pre-percepção. Os selvagens, a quem se mostra uma grande cidade, não admiram e não vêem nella nada do que os devia impressionar. Por isso as composições dos alumnos não são copias do natural: são reminiscencias de leitura.

Esses alumnos são como o viajante Tristão Bernard, o qual, lendo em automovel, nada olha: lê durante o tempo de viagem, lê andando, lê durante os "pannes", lê á mesa, e de noite; os companheiros, intrigados, descobrem que este leitor obstinado segue com paixão... uma narrativa de viagem em automovel. Muitas vezes se tenta em vão fazer admirar o occidente flammejante a um pariziense que sae de uma exposição de pintura, onde se tinha extasiado com o pôr de sol de Rambrandt!

Ensinemos a conhecer e a amar o sorriso das cousas: ha uma arte de saborear as paizagens. Ajudemos a natureza no seu esforço para falar: a natureza tem sempre cousas que dizer aos que a amam. E as nossas paizagens são tão bellas, que, disse Guido Spano "en la naturaleza del Brasil se ve la mano de Dios".

Que é sciencia? é a natureza tornada pensamento. Que é arte? é um canto da natureza visto atravez de um teperamento. Portanto, caçadores de leis, garimpeiros do bello, rumo á natureza; muita vez a escola é o artificio, é a Bastilha da intelligencia, e a natureza é sempre a sala magna de estudos.

Emigrar! A "bandeira" da intelligencia busque a escola verde da mata; admire o bazar do bosque, a pinacotheca do poente, o museu da Primavera. A maior Universidade de hygiene é o ar livre, e, de todas as flores, é a flôr humana a que mais tem necessidade de sol; a escola ao ar livre não é só para os debeis: é para todos. Appliquemos uma therapeutica floral para os inactivos, os attingidos de nutrição, os fatigados do trabalho; levemos ás classes no meio de uma atmosphera de vida, de effluvios odorantes, de emanações vitaes, de plantas de perfumes pronunciados, que são pequenas usinas productoras de ozone.

Dos bancos de verdura folheemos a natureza, "esse livro de imagens, illustrado pelo sol, pela lua e pelas estrellas". Ahi, "a professora Primavera põe no cerebro das creanças uma florida encyclopedia elementar".

Nos passeios escolares, que Rabelais aventou, a arithmetica se aprende contando as pernas de insecto, fazendo calculos sobre as petalas de uma rosa; a geometria, medindo a largura de um rio, a sombra de uma

avrore, a fôrma das folhas; a meteorologia, discernindo um cirrus de um estrato e de um cumulus, estudando o vento e a chuva; a geologia, remirando as rochas, descendo ás bossorocas; a astronomia, fazendo quadrantes solares e orientando-se; a physica, estudando a velocidade do som no trovão, a queda de laranjas atiradas de varias alturas; a botânica e a zoologia, vasculhando as moitas, surprehendendo uma corolla que desabrocha, uma chrysalida que se abre; o desenho, copiando uma borboleta, um caracol, uma tapera; a linguagem, aprendendo o nome adequado de tudo o que se percebe, de tudo o que se sente... Mas seria infinita a enumeração; ahi tudo se aprende: a natureza é a escola dos grandes sabios e dos grandes artistas.

Desemperremos os musculos: quem dirige o automovel é o chauffeur, que o conhece bem; e quem dirige o complicado machinismo do corpo humano é o dono, que não o conhece e não sabe que os nervos tanto dependem da tonicidade muscular.

Que a escola saia á rua. Levemol-a ás fabricas, ás officinas, ás outras escolas, aos matadouros, aos museus, as pinacothecas, ás obras em construcção, ás estações, aos institutos hygienicos, aos asylos, ás crèches, ás egrejas, á camara, ao jury, aos navios, aos quarteis, aos montes, aos rios, aos parques. Desenclausuremos nossos alumnos; tiremol-os dessas gaiolas douradas — as escolas, desses espelhos sem aço que interceptam a natureza.

OS "QUESTIONARIOS" DE LA PLATA

Quando, de motu proprio, fui estudar a instrucção no Uruguay e na Argentina, visitei La Plata, onde ha uma universidade famosa, e o Collegio Nacional, cuja orientação de ensino me seduziu. Ahi conheci Eutimio d'Ovidio, Mercante, Herrera, Ernesto Nelson e outros sabios timoneiros da escola nova. De volta, publiquei uma dezena de artigos no "Estado de S. Paulo"; como a orientação é maginifica, força é insistir.

Cada sala de aula em La Plata, é destinada a uma materia: sala para chimica, sala para geographia, sala para historia, etc. Em cada sala ha a bibliotheca especial e todos os objectos e materiaes da respectiva materia: é a sala-ambiente.

Os alumnos que não apresentam dois terços dos trabalhos praticos ordenados pelo professor, não pódem entrar em exame; e, si os trabalhos são excellentes, ha dispensa de exame.

Veamos uma aula de chimica. Cada alumno tem sua mesa, seus tubos de ensaio, seus corpos chimicos. De um lado, um livro-guia, só de questionarios, diz: 1) Ponha acido chlorhydrico no vaso; 2) tome um pedaço de sodio; 3) observe e descreva esses corpos; 4) ponha o sodio no acido; 5) que vê? descreva-o; 6) que ha no fundo do vaso? prove: é o chlorureto de sodio.

O alumno vai fazendo e observando o que o "questinorio" manda e escrevendo logo num livro em branco, que é o seu verdadeiro livro de chimica. O professor passeia entre as carteiras, guiando, corrigindo, attendendo ás duvidas...

Logo que fui nomeado inspector das escolas normaes e profissionaes, elaborei um plano para modificar a orientação do nosso ensino normal: não tive a ventura de executal-o, devido á Reforma da instrucção, mas entendi-me com varios lentes. Agora indico, de passagem, alguns "questionarios", para que o professorado secundario e normal os adopte e os adapte ás nossas escolas: Exercicios de laboratorio, por Eutimio d'Ovidio; Physica, Isnardi; Batanica, Cortellezi; Geometria, Lepori; Geogra-

phia, Ernesto Nelson. Vendem-se na "Libreria del Colegio", de Cabaut y Cia., calles Alsina y Bolivar, Buenos Aires. Esses trabalhos são inspirados em livros americanos e allemães, que iniciaram o aprendizado pela redescoberta.

A ANTECIPAÇÃO DOGMÁTICA

Já exprobamos a passividades musulmana das classes-auditorio; já estigmatizámos o ensino de oitiva, de segunda mão; já ridicularizámos o professor grammophónico, que com a sua tagarelice vaidosa, vai á escola tendo por fito exhibir-se e deleitar-se com a propria erudição — Narcisos intellectuaes.

Mas sejamos razoaveis: quanto possivel, o ensino deve ser feito pela descoberta do alumno, ageitada pelo professor; no entanto, ás vezes, por excepção, é necessaria a antecipação dogmatica, força é dar ao alumno theorias completamente feitas. Haja vista certas materias expositivas; a historia, no curso infantil, ou é ensinada verbalmente, ou supprimida.

Por mostra e por não sermos fanaticos e intransigentes, damos duas opiniões, que só em parte minima accetamos:

Ardigó oppõe a lei do trabalho abreviado ás applicações esquerdas e absolutas do principio evolucionista, pois a lei de acceleração caracteriza o verdadeiro desenvolvimento dos seres vivos.

Assim, a creança recebe da geração adulta uma linguagem construída para exprimir relações delicadas e complicadas, de que ella não tem a menor preocupação; esta lingua, que ella fala sem comprehender a principio as nuanças e o alcance logico, chama pouco a pouco sua attenção sobre ideias e relações susceptiveis de exercitarem seu pensamento e que de outro modo lhe teriam ficado extranhos.

A creança póde aprender a numeração falada ou escripta e applical-a, muito antes de comprehender as razões; o ir do conhecido para o desconhecido tem em geral um valor relativo. Si se quizer fazer trabalhar o espirito, é bom ahí depositar, por antecipação, noções que sejam pontos de interrogação e que, a principio incomprehendidas, são mais tarde os materiaes sobre que se exercita um trabalho de elaboração verdadeiramente fecundo.

Na traça do philosopho paduano vai Hachet-Souplet, director de um Instituto de psychologia zoologica: Um bom "dressage" é uma excellente disciplina. Quanto mais depressa e melhor as creanças tiverem este primeiro tratamento, mais depressa chegará o momento em que, sufficientemente armadas de conhecimentos, poderao fazer uso de sua razão e adquirir por este canal conhecimentos mais elevados. No ensino das materias mais simples, só interessando a memoria, ha grande interesse em se approximar do methodo mais geralmente empregado para instruir os animaes, e que consiste em determinar associações de sensações, sem utilizar o intermediario da consciencia. Ha materias em que o magister dixit é indispensavel; é preciso seguir o mestre unicamente pelo seu testemunho, não se vendo interesse em se afastar dos processos dogmaticos.

A VIRTUDE CANONICA DO HABITO

Viver é habituar-se. Nossa vida é um feixe de habitos — praticos, emocionaes e intellectuaes — organizados systematicamente para nossa felicidade ou desgraça e conduzindo-nos irresistivelmente ao nosso destino. A educação real é o habito da acção:

A formação intellectual (percepção, memoria, abstracção, racio:

nio) é a aquisição de concepções e a aquisição de um feixe de hábitos: observar com atenção, raciocinar com clareza e depressa, recordar com exactidão e a tempo, associar ideias, comparar, abstrair e generalizar. As ideias devem ser principalmente o motor da actividade: devemos adquirir o habito de realizar as representações mentaes.

A formação moral é baseada na repetição de actos moraes, nos hábitos bons e aperfeiçoadores: substituição das tendencias más pelas boas, endurecimento psychologico, pequenas victorias progressivas. O character é uma vontade completamente educada, é o expoente dos hábitos que adquirimos: assim como semeamos hábitos nos musculos, nos nervos e no cerebro, diz Roarek, assim colheremos no campo da aptidão, da habilidade e do character.

O espirito se habitúa á acção e á inercia. A escola não deve favorecer a inactividade psychica, a estagnação de leziria, o sybaritismo passivo dos receptores de regras, leis e definições elaboradas, a mumificação da personalidade, a paralyisia da consciencia; deve formar soes e não luas, radiosos astros de luz propria e não astros mortos de luz emprestada; deve dar o gosto pela acção e o prazer da actividade, com todo o seu cortejo de virtudes subsidiarias, desde o amor pelo trabalho á capacidade de iniciativa e desde a espontanea resolução da vontade á perseverança nos designios.

Só quem conhece a virtude canonica do habito, a terrivel vitalidade das acções feitas, só quem se convence de que o que somos é o fruto do que fizemos, de que o peso do passado esmaga o futuro, pôde avaliar os milagres do aprendizado activo, dynamico pelo trabalho — o mundo exterior transformando-se em ideias, as ideias transformando-se em movimento e fechando a todo momento o cyclo psychico — milagres produzindo o homem que a Terra quer, de pensamento e de acção, operario desse progresso que está na razão inversa da acção coercitiva do homem sobre o homem na razão directa do homem sobre a natureza.

A SUPREMA AMBIÇÃO DA ESCOLA

O saber vale muito. Mas, muito mais, vale saber observar, ser um independente interprete da natureza — vêr e ouvir pelos proprios olhos e ouvidos, e não pelos alheios. Muito mais vale raciocinar, pensar por si proprio, julgar segundo as razões de sua razão e não segundo as razões de outrem, affirmar sua personalidade, seu eu livre: quasi todos os homens nascem originaes e morrem copias — devido á má escola. Muito mais vale ter atenção, que é a ordem e a honestidade do pensamento. Muito mais vale ter imaginação, posto avançado das sciencias, viveiro das hypotheses. Muito mais vale ter a acção da vontade — energia fermentante; a vontade, com o seu anjo custodio — a consciencia moral; a vontade, para crear — função que faz o homem approximar-se de Deus.

Na vontade reside a grandeza e a dignidade do homem: a vontade é o centro da educação.

Não ha a "lei do ventre livre" na natureza humana: nascemos já escravos do egoismo, da preguiça, da crueldade, da sensualidade, presos pelos laços que a palafita nos atira atravez de cem mil annos de hereditariedade, atando-nos ao leque zoologico, emparelhando-nos com os seres infra-humanos. Mas si não existe o 28 de setembro, a liberdade ao nascer, existe o 13 de maio, a liberdade quando adulto: o homem recebe sua alforria pelo poder da vontade.

Para isso, não queremos uma escola de molluscos, mas de rijas co-

lumnas vertebraes, afim de termos um povo vertical, um povo de carvalhos e não de canniços. Ter intelligencia — é uma fortuna; ter vontade para o bem — é superar-se a si próprio, é ser maior do que o fez a natureza humana.

Agir é o fim supremo da vida. A intelligencia é a luz, não a vida; a vida é a acção! diz Ribot. O pensamento não deve ser uma chamma sem calor, mas transformar-se em movimento e ser util á sociedade; quem não age como pensa, pensa incompletamente.

Saber é o meio; crear é o fim. Pico de la Mirandola foi esteril, sem embargo da sua formidavel capacidade de erudito. Em cada escola se deveria gravar isto. "Todos pôdem crear; quem se contenta com aprender, saber e fazer bem, falta ao primeiro dever do homem". O ensino só é integral quando fórna a capacidade de converter em factos ou cousas, nossos pensamentos ou creações.

Nossa missao no Brasil actual é produzir. O progresso mora no arado, no laboratorio, nas machinas e no cerebro humano. "a ultima, a mais sublime, a consummada flór do desenvolvimento da natureza neste planêta".

O professor não pôde ser um phonographo, nem uma escola uma Casa Odeon: repetir lições é pouco; precisamos pesquisar e fazer pesquisar, ser um elemento productivo. A energia nacional não pôde adormecer neste ron-ron: receber, decorar, recitar; mas é preciso assimilar e crear: o ensino é uma permuta — dar e receber; uma lição é sempre uma creação.

A divisa norte-americana "push", necessidade de avançar no mundo, só é cumprida pelo trabalho pessoal, que virilisa, e nos subtrae ao protectorado extranho. Pôdem-se classificar as civilisações em masculinas e femininas, conforme se caracterizam pelo desenvolvimento integral e colectivo da energia ou pelo intellectualismo dispersivo. Pobres dos povos que dormem em qualquer Capitolio, confiados em que os gansos os despertem!

S. Paulo tem o direito de exigir escolas perfectas; nossa Patria é credora de sacrificios. O Brasil quer o trabalho: o brasileiro não pôde ser um Tantaló nessa mesa de pomos de ouro, que é a nossa Terra: a natureza é sempre "a bella adormecida" á espera do principe encantado.

O mundo é a esphynge: ou deciframos seu enyigma, ou a esphynge nos devora. Depositemos nos nervos e nos musculos da mocidade uma somma de energia potencial que faz a immortalidade de um povo. A decifração da esphynge está no trabalho titanico, na formidavel epopeia da acção pratica.

O esforço é a vida: o valor do individuo se mede pela somma de esforços de que é capaz. Pôde-se dizer que não ha velhos nem moços; a vida não é extensão, é intensidade, diz Assis Brasil; envelhece-se mais pela inactividade que pelo trabalho.

O trabalho é a função mais nobre da vida; o trabalho é a lei da natureza: "Homo nascitur ad laborem". Quem não trabalha, não é digno de viver; quem não trabalha está fóra da lei, porque é inimigo da sociedade.

Trabalhar com o corpo, é trabalhar com o espirito! "O individuo que trabalha, diz Ruy Barbosa, acerca-se continuamente do Autor de todas as cousas, tomando na sua obra uma parte, de que depende tambem a delle. O Criador começa, e a criatura acaba a criação de si propria. Quem quer, pois, que trabalhe, está em oração ao Senhor..."

SYNTAXE DO ADVERBIO

Conferencia do Dr. Zeferino Rodrigues, cathedratico de Português da Escola Normal.

Companheiros de jornada:

Aqui estou — não sei mesmo si com muita coragem. — é bem possível que esteja verde, da côr propria dos assustados — aqui estou, dizia eu — para assistir ao crepusculo da minha inopia pedagogica.

Desta vez, Pestalozzi exclue-me de seu gremio.

Escondera-me. Esmagador contraste.

Antimonia flagrante de selecção do agradável... num periodo de negação, de crise, um pouco fóra dos meus habitos de professor de provincia. Supprimira-me.

Resistira aos instantes convites do nosso esforçado e illustre Director. Arrebentara de trizeza e desanimo.

Uma cultura postica e pequena não faz milagre. Uma conferencia que impressionasse, era empreitada que me não seduzia.

Além de fornecer um attestado terrivel de myopia intellectual, succede que tenho as minhas sympathias bem pronunciadas pela mais difficil das virtudes — a *renuncia*. Só essa tem excepçoes encantos para mim. Só ella me basta. Só ella me tranquillisa.

Accedi, empurrado pelo tedio que a outrem causa a modestia refalsada. Não proclamo o desprezo do meu minguido valor — todos bem o conhecem — como quem queira provocar protestos lisongeiros de tão capitoso sabor.

Nova geração, novos habitos, não me toleram o anachronismo das idéas.

Formidavel empreza poz-me em apuros, num deploravel desmantêlo de energia.

Emfim, confio na tolerancia que

se impõe em todas as epochas. Thiers, o estadista feito no trato de um povo ardente e vario, mobil e entusiasta affirmou com a experiencia de uma vida inteira votada aos supremos interesses de um grande paiz: "a vida é como o fogo: Só se conserva communicando-se". E' a necessidade dessa communicacão espirital que satisfazemos nesse momento.

O Brasil é um enfermo.

Preceiza de se instruir. Cachetico e cyanosado pelo arroxoxo asphyxiante de uma educaçao civica mal orientada, espera do professorado esta prophylaxia salvadora de promissoras esperanças, este saneamento moral que o ha de salvar da morbidez ignorante, — a *instrucção*. Só essa hygiene social pode dar-lhe a estatura do merecimento — a unica perenne. A unica que se não gasta.

A unica em que "a eterna colonisadora dos desconhecidos mundos não tem poder".

Pericles brinda a capital da Grecia com a fama dos monumentos e esses não de desaparecer no sumidouro dos tempos, mas a Odysséa do celebrado epico ainda faz e ha de fazer o deslumbramento dos que compulsarem aquellas paginas illuminadas pelo genio, que nellas compendiou todas as modalidades do sentimento humano.

Miguel Angelo adorna a capella Sixtina de munificentes esculpturas e essas não de desaparecer sob o peso devastador dos seculos, mas a Illiada ainda faz palpitar o peito aguerrido de Achilles, o heroico vencedor de Heitor!

Os carmes dulçorosos de Virgilio ainda infiltram n'alma a melifluidade de seu estylo.

São magnificencias excepçoes da intelligencia.

São conquistas do talento que se vulgarizam rapidamente.

Eternizam-se. Perpetuam-se.

O nosso presente é de renascimento

e de serena confiança nas forças latentes da nossa nacionalidade. Exige muita instrução e cultura assáz variada. O nosso futuro não deve ser sinão o de um grande povo unido e forte.

Não deverá ter a corroer-lhe as carnes joviaes e vigorosas a sarna do analfabetismo.

Disso, é exemplo a Russia implacavelmente flagellada pela ignorancia que em dose assombrosa, se alastra pelas camadas inferiores. Não ha muito viu fugir-lhe a gloria de valoroso unico, com a tremenda licção que lhe deu o imperio do sol nascente. A poeira humilhante da derrota tiscou-lhe a bella estampa. Impoz-lhe a mascara da condemnação.

Espiada furtivamente das outras nações, talvez esteja ruminando algum projecto de desforra. Não devo estar folheando o passado do antigo imperio moscovita que aqui se evidencia, apenas, como bonita amostra dos melhores padrões de ignorancia. O nosso objectivo é o vernaculo — a inculca e bella flôr do Lacio, a degradada eterna do inacessivel.

SYNTAXE DO ADVERBIO

Limite e transição entre as palavras flexivas e as inflexivas, ao *adverbio* fica-lhe bem a expressão *adjectivo anquilosado*. E' roupa bem talhada. E elegante. Poucas vezes se veste tão bem uma idéa. A metaphora, regulando a accepção das palavras, a sua significação ou sentido não fica circumscripta a um só pensamento. Firma-se na semelhança entre as idéas. A analogia é o seu ponto de apoio. Aceita-la quando expressiva, é justo. E' equitativo. *Ankilose* é negação de movimento. Por uma transladação de sentido, recorreu o grammatico áquella expressão metaphorica que, com muita propriedade, lembra a *falta de flexão*, a *invariabilidade* do adverbio. Modificando a significação do verbo, do adjectivo ou adverbio, é a expressão abreviada da preposição com seu

complemento em um só vocabulo.

Attributivos de segunda ordem lhes chamou *Harris* para os differenciar dos adjectivos, propriamente ditos. Os adverbios, pela concisão e brevidade resultante da redução que se opera na phrase, facilitam muito a maneira de o individuo se expressar. "Os grandes giros tão contrarios ao bom gosto" e a elegancia no escrever, eclipsaram-se. Obliteraram-se com a entrada de tão importante elemento grammatical no quadro da lexiologia. A expressão do pensamento, liberta das estiradas périphrases, tornou-se mais viva, mais decorreita, mais harmoniosa. Ethymologicamente a palavra adverbio apenas nos indica actuar nos verbos. Trajecto tão pequeno e esphera de acção tão apertada não accommodam bem as multipas circumstancias indicadas pelo magnifico succedaneo das preposições. Com o progresso da "*Semantica*" a que Bréal deu largo desenvolvimento, divulgando factos naturaes, até então despercebidos, evidenciou-se o pendor que nos attrahe para as imagens demasiadas. A tendencia para as amplificações culminou. A inclinação para as côres vivas adquiriu rutilancias de grandeza. As palavras não significam ainda o que significavam; são tomadas em sentido mais largo, pondo á margem "a tendencia que nos leva a buscar o sentido dos vocabulos na sua origem primeira e na sua formação, decompondo-os nos seus elementos morphicos, desmontando-os". Os vocabulos — como a *phenix* — resurgem com sentidos novos. Brotam como os nenuphares, e o olvido da significação primitiva, ethymologica, diz o insigne mestre *Arsenio Darmesteter* é a "propria lei que dirige todas as mudanças de sentido". — A *émphase* — força impulsora da evolução linguistica, n'um admiravel consorcio com a *Semantica*, põe em evidencia o que é necessario para sermos bem comprehendidos quando nos expressarmos. Um bello exemplo d'esse facto linguistico depara-se-nos na palavra *Adcação attributiva*; o adverbio *muito*,

Livraria Villas Bôas

Villas Bôas & Cia.

MACEIO'

Rua Dr. Rocha Cavalcanti — 201



Officinas de typographia, encadernação e pautaão

LIVROS EM BRANCO

OBJECTOS DE ESCRITORIO

PAPELARIA EM GERAL

Livros didacticos

Literatura

Sciencia

Religião

DIREITO

POESIA

ROMANCE

Sempre novidades do Rio, de S. Paulo,
de Lisbon, de Paris.

Permanente intercambio livresco com os
centros mais adeantados do pais e do estrangeiro

Livros pelo preço dos editores.

Acceita pedidos de livros para a Europa, e executa qual-
quer trabalho graphico com rapidez e perfeição.

Livraria Villas Bôas

MACEIO'

Cuidado com as Mutuas!

MUTUAS de toda a parte e de todas as côres...

CUIDADO...

Se V. excia. quizer uma cader-
neta que lhe traga vantagem,
inscreva-se na

CAIXA FORTE

A mais antiga,

a mais solida

e mais vantajosa

SÉDE SOCIAL:

Rua Dr. Rocha Cavalcanti, 449 -- MACEIÓ

verbo que tem de ser uzada de modo *catacrotico*: perdendo a significação *ethymologica* precisa; e adquirindo um reforço geral do sentido proporcional ás necessidades do uzo da linguagem, que assim o exige, por ser "um facto eminentemente social", como o é. A' luz deste conhecimentos ficam atordoados, Burgraff e Bergman. Outros perdem o equilibrio e são até incoherentes. Ao adverbio, dão-lhe superlatividade — raciocinio pouco seguro uma vez que o adverbio é invariavel; — cerceam-lhe a liberdade tão necessaria aos surtos e desenvolvimento da linguagem. — Aparam-lhe o poder de irradiação. Forçam-no a só *modificar verbos*. O dilema, em que o querem imprensar, é de uma fragilidade que assombra. Só maravilha os incautos. Pela evolução linguistica, ampliou-se a potencia modificadora, de tão importante elemento grammatical para satisfazer ás exigencias do pensamento: adverbio *modifica* a significação de *adjectivos*, de *verbos*, de *adverbios* ou *locações adverbias*. A *ethymologia* pode offerecer embargos a taes accrescimos; o uzo, porém, despreza-lhe as razões, e a *semantica* — patrono da hypertrophia de sentido, corôa-lhe o triumpho. Ha quem affirme poder o adverbio modificar substantivo. Pensar assim, é não comprehender o facto linguistico. Ora, ao substantivo fica-lhe bem outra *indumentaria* que signifique com propriedade *attributo* ou *qualidade*, e não *circumstancia* conforme é da essencia, da natureza do adverbio. Soletram mal a analyse syntactica, os que pretendem provar semelhantes destemperos grammaticaes, com as phrases: "já és *quasi* homem; "Deus é *verdadeiramente* pai; "Pedro é *muito* homem; "Emilio é *muito* menino"; "Nunca pareceu *mais* filho de tal pai"; Iam todos attonitos de ver tornar *tão cordeiro* quem *tão leão* viera", e outros mais. Os adverbios *quasi* e *verdadeiramente* modificam no primeiro caso o vocabulo *homem* e no segundo o vocabulo *pai*, que têm, aqui, uma signifi-

no terceiro exemplo e no quarto, modifica a significação de *homem* e *menino* que igualmente exprimem, indicam *qualidade attributiva*, e aqui, funcionam como *adjectivos*. No terceiro exemplo a palavra *filho* e no quarto as palavras *cordeiro* e *leão*, incontestavelmente podem ser substantivos, mas alli, fazem de *adjectivos*. *Mais* *filho*, no caso, em foco, é synonymo de — "*mais procedente*", "*mais oriundo*"; "*tão cordeiro*" significa "*tão manso*", "*tão brando*" e "*tão leão*" muito se parece ás expressões "*tão cruel*" "*tão feroz*"? Quem háverá incapaz de negar que os vocabulos exhibidos não denotem *qualidades*, *attributos*, que são adornos, vestes caracteristicas dos *adjectivos*? O substantivo, emprestando qualidades a outro substantivo, ascende á outra linhagem, á outra hierarchia. Traços vivos, inalteraveis, denunciam o *adjectivo*, "depositario fiel" de predicados que illustram o substantivo. Dão-lhe polimento, elegancia, precisão, fórma.

A analyse logica ou, melhor, com mais propriidade, syntactica, que é um "processo de deducção, de absoluta necessidade" e "de eleição para quem pretenda interpretar qualquer texto por mais confuso e amalgamado que se nos mostre, "só accerta classificação de vocabulos, pelo sentido, pela função, pelo officio que os mesmos desempenham na proposição. Esse é o criterio seguro, o unico roteiro para acertarmos.

As palavras substituem-se, *reciprocamente* nos diversos officios, nas proposições, e, como elementos destas é que, devem ser classificadas, e analysadas. Com precisão e sabedoria já houve quem dissesse: "um individuo que não saiba praticar a analyse logica ou syntactica, nunca poderá entender bem o que lê. Casos regenciaes enigmaticos, "empestados de equivocos e trocadilhos, annuviados pelo gongorismo frivolo e affectado, formas de concordancia que mais parecem discordancias e anomalias grammaticaes, não teriam

solução sem o auxilio da analyse syntactica que se impõe como valioso subsidio para a redacção e composiçãõ. E' portanto ao adjectivo, que alli se mostra *entrapado com as vestes de substantivo*, que o adverbio modifica. Dão grãos de significacão aos adverbios e até genero, na supposiçãõ de que a sua invariabilidade e immobilidade não fosse completa. Nada mais enganoso em *taxionomia* do que a extractura vocabular. Não corresponde á realidade do facto. Sem estudo serio e preliminar, sem preparo especial, largo e profundo, não se desatam problemas delicados de linguagem. São questões essas que se não resolvem, simplesmente, por intuiçãõ, conforme o gosto ou phantasia de cada um. Ha leis, ha principios, ha condições que tudo regem e que importa conhecer e observar. Casos esporadicos do portugûes antigo, talhos de phrase viciados dos *mui muito e tão tamanho*, — fructos — bastas vezes, de culposa incuria e de falta de revisãõ; facecias de estylo familiar encontradas em construcções grammaticaes avêssas á indole da lingua, e nos quaes proliferam infracções de syntaxe, que é, não ha nega-lo, "a alma, o espirito característico de uma lingua" são "phyloxeras" da vernaculidade, são escalrachos das construcções portuguezas. Embora da lavra de escriptores lapidarios, cumpre-nos expungi-los. Não desmentem o nosso *asserto*: o *adverbio não admittê flexão*. Essa immobilidade, — longe está de o afastar do adjectivo. E' mais um laço de connexão, um característico de semelhança, um elo de approximação entre os dois elementos. Expressão symbolica da abstrucção, o adjectivo *extrema-se da flexão de genero e numero*; e, si os *apresenta, fa-lo para se accomodar ao genero e numero do substantivo*, fa-lo em obediencia á disciplina grammatical, produzindo *hom soido pela semelhança de sons*. Originariamente, é o adverbio, a expressão synthetica de um substantivo qualificado ou determinado, regido de preposiçãõ: *sempre*, igual a

todo tempo; hoje, igual a *neste dia, dia; outr'ora*, igual a *noutra hora, em outra hora*.

Laços de afinidade, traços vigorosos de *sympathia* ligam os adverbios ás preposições. Classificam-se conforme as circumstancias ou relações que indicam, e differencam-se das preposições em que, os primeiros são modificadores e as segundas são ligativas.

Phrases contractas, em geral, e de significacão mais ou menos complexa, podendo ás vezes, compendiar uma proposiçãõ inteira, os adverbios podem ser repartidos, em categorias cujo numero escapole a qualquer determinacão certa. Arbitrario é o numero de classes a que submettem os adverbios desde que as qualidades dos objectos e as acções por elles produzidos se podem modificar de varios modos. E, ainda que desta arbitraria taxionomia resultasse alguma divergencia, esta não traria prejuizo de ordem philologica, porque os adverbios se classificam, apenas, como recurso *mnemonico*. Alguns, pela variedade de accepções, podem caber em classes diversas, outros podem ficar avulsos. A *ubiquidade de funcão dos adverbios* será a absolviçãõ de incoherencias e omissões para quem pretenda encontrar, nas classes, linha divisoria clara, impecavel.

Expressão *elyptica*, — a *circumstancia* é o seu *signal*, o seu *brazão*, a sua marca *patagnomonica* — ponto de apoio para as classificarmos em *adverbios de lugar*: aqui, ahi, alli — cá, lá, acolá, aquem, alem, longe, perto, algures, nenhures, adeante, atraz, dentro, fóra, onde, abaixo, avante; DE TEMPO: agora, hoje, hontem, nunca, amanhã, antes, depois, cedo, tarde, jamais, depois, sempre, então, ora, depressa, etc.; DE INTENSIDADE: em substituiçãõ ao vocabulo *quantidade* que de modo algum convem, pois apenas *intensificam* a acção modificadora: muito, pouco, assaz, bastante, demais, pouco mais, menos, tão, tanto, quão, quanto, quasi, meio, depressa, devagar, etc... DE FREQUENCIA: ás vezes, uma vez, raramente, diaria-

mente, quotidianamente, mensalmente, jamais, SEMPRE indicando *frequencia ininterrupta e nunca — negação da frequencia*, sinceramente constantemente, uma vez por todas, etc...; *de Ordem*: primeiramente, anteriormente, depois, posteriormente, antes, atrás, adiante, etc...; *DE DÚVIDA*: acaso, talvez, quiçá, — e *por ventura com verbos no futuro*; *DE INTENÇÃO*: adonde, acaso, acinte, acintemente, intencionalmente, premeditadamente, fortuitamente e *PROPOSITADAMENTE* aconselhado pelo muito esclarecido Ruy Barbosa, em substituição da erroia *propositivamente*; *DE MODO*: bem, mal, assim, atôa, apenas, também, e a maioria dos advérbios de *incremento*, isto é terminado em *mente*; *DE AFFIRMAÇÃO*: sim, pois não, deveras, certamente, effectivamente, realmente; *DE NEGAÇÃO*: Não, jamais, nunca, nada absolutamente; e *DE EXCLUSÃO*: Esta classe merece rescisão só, somente, apenas, sinão, sequer, unicamente, exclusivamente.

Confusão e divergencia ha, e muita, entre os grammaticos, na distribuição dos advérbios, em classes. Increpação não surgirá, por o repetirmos. Um philologo de grande merecimento e professor de largo discortino, não enxerga, não percebe que haja *circumstancia*, na *affirmação*, na *exclusão*, na *inclusão* e em a *negação*.

A seu ver, nas phrases: não vi um homem *siquer*; só a moça não chorava; *unicamente* eu comprei laranjas; todos, *menos* meu filho, conheciamos o facto; todos partiram, *inclusive* eu; vae você ao Rio? vou, *sim*; volta hoje? *não*. As palavras *siquer*, *só*, *unicamente*, *menos*, *inclusive*, *sim* e *não*, referem-se aos *substantivos* dos exemplos supracitados e não aos *verbos*, portanto é claro que não exprimem *circumstancias*. Poucas cousas tenho visto, em que a verdade se apresente tão nitida. Dessa interpretação do facto linguistico, affirma o estudioso grammatico, originam-se erros imperdoaveis, como o de — ad-

Taes dislates promovem dissensões entre os grammaticos cuja maioria, sem preocupação de estudo serio, que a sciencia da linguagem exige, não *escrupuliza no desacerto*.

Crear outras categorias grammaticas para acolher e fixar os vocabulos desgarrados do quadro taxonomico, já existente, é o que cumpre fazer, na opinião do eminente escriptor.

Afóra os advérbios que, como recurso mnemonico, ficaram repartidos em classes, o nosso idioma ainda possui formulas, locuções adverbias e palavras outras, especialmente da classe dos *adjectivos*, empregados accidentalmente como *advérbios*.

* * *

Formulas e locuções adverbias:

De quando em quando, de primeiro, a bandeiras despregadas, atroche moche, á tôa, a miude, á revelia, a cito, ás claras, ás caladas, a flux, de veras, com verdade, — de verdade, de improviso, de repente, em continente, de caso pensado, de facto, de presto, a roda, de afoguilho, a Deus dará, senão quando, eis senão quando, vae senão quando, visto de raro em raro, de longe em longe, a pleno, por dize-lo assim, pelo assim dizer, porque o digamos assim, porque assim o digamos, por assim dize-lo, logo logo, no mesmo ponto, pela rama, de chofre, de cara a uma banda, de cara a cara, a mata cavallo, á unha de cavallo, entre a cruz e a caldeirinha, alto e mau, a toque de caixa, de queixo cahido, de industria, de caso pensado, a horas mortas, além disso, demais disso, ao demais, ademais, pelo demais, de mais a mais, a oiro e fio, pela calada á farta, á tripa forra, tin-tin por tin-tin, pápá senta justa, de mão beijada, de mãos dadas, de ponto em branco, sem tirar nem pôr, de fio a pavio, de rota batida, para todo o sempre, á carga cerrada, a talho de foice, bem lançadas as contas, tudo bem somado, ponto por ponto, a

seu talante, a seu bel prazer, assim como assim, a grandes brados, a fina força, de arrancada, a borbotões, a pedaços, sem bulha nem matinada, a qual mais, qual a qual, a todo o panno, vae não vae, por um és não és, em som de guerra, á mão armada, a queima roupa, por qualquer palha podre, por dá cá aquella palha, por dez reis de mel coado, a pouco trecho, por partes de berliques e berloques, de ponta a ponta, de cabo a rabo, a pé quedo, a pés juntos, ao atar das feridas, por encurtar razões, entre lusco e fusco, etc.; PALAVRAS EMPREGADAS ACCIDENTALMENTE como *adverbios*: ADJECTIVOS: alto, caro, barato, — rente, junto, distante, primeiro, segundo, terceiro, bastante, etc.; PRONOMES: tudo, nada; "isto é tudo um"; e PREPOSIÇÃO: após, até empregados intensivamente. Não obstante adverbio e preposição indicarem relações ou circumstancias, essas não impossibilitam de, lexicologicamente, as *locuções prepositivas* e as adverbias occuparem categorias distinctas. Traços differenciaes distanciam-se-nos. Separadas por virgulas, mais soltas, com gestos de independencia que denunciam não obedecerem á disciplina dos outros elementos do discurso e podendo ser excluidas do texto, sob se disvirtuar o pensamento, são as *locuções adverbias*. Não assim, com esses predicamentos e tanta liberdade de se subtrahir ao encadeiamento das idéas, as *prepositivas*.

Collocadas, em geral, entre o antecedente e o consequente, essas expressões connectivas mantêm relações muito intimas com os elementos em que se entrosam. Além disso, o remate, o vocabulo final que entra em sua composição é sempre uma *preposição*, o que não succede ás *adverbiaes*. Os unicos adverbios derivados, — os de *incremento*, — são constituídos pelo actual "suffixo derivativo *mente*" acrescentado, si *uniforme*, sem nenhuma alteração, á syllaba final do adjectivo: *solememente, brevemente, grandemente*. Si *biforme* é de rigor a forma femini-

na á qual é acrescentado o suffixo já lembrado: *rapidamente, ultimamente, sabiamente, perfeitamente, seguramente, primeiramente, pudicamente, etc...* Até o seculo XVII era substantivo, a forma *mente*, e era-lhe vedado, juntar-se ao adjectivo, na graphia: *de boa mente, a boa mente*. O mesmo uzo que, a muitos adjectivos uniformes e biformes, conferiu a *faculdade ou privilegio* de se converterem em adverbios de *incremento*, denegou-os a muitos outros. *Brancaamente, azulmente, escriptamente, falladamente, velhamente, cheiamente, menormente, etc...* não são uzados. E a causa do sequestro? E' u'a anomalia. Ainda não ha solução para tal irregularidade. Com o desaparecimento dos suffixos *um, in, e, ter*, de que uzavam os latinos, adoptou o portuguez a forma *mente*, oriunda do ablativo latino *mens mentis*, de genero feminino, para formar a nova classe de adverbio. Tinha no seu progenitor a significação do *espírito, idéa* que com o tempo, se foi apagando e substituindo pela de *modo, maneira, feitio*. A autonomia ou independencia que gozava, perdeu-a, pouco a pouco, em sua passagem ao portuguez, convertendo-se em mero *suffixo de derivação*, assumindo o character de elemento, simplesmente, *formativo*. Não se diz portuguesamente conforme o que ficou estatuido e sim portuguesmente que é a forma sobrevivente, da uniformidade do vocabulo portuguez. *Portuguez* era, como toda palavra terminada em *z, r e l*, invariavel em genero, na epocha em que se formou o adverbio, razão por que fazem excepção no processo formativo dos adverbios de *incremento*. Quando ha uma sequencia de adverbios de *incremento*, modificando uma mesma forma vocabular, para evitar o soido monotono, proveniente do amontoado de tal suffixo, só o *ultimo* assume aquella desinencia, conservando os outros a flexão feminina dos adjectivos que lhes deram origem: "devem as suas ordens ser respeitadas *inteira e cabalmente*" etc.

nitida, rápida e acertadamente. Para se dar, porém, êmphase á idéa, e belleza á expressão, mantem-se a terminação em cada um dos adverbios, principalmente se forem synonymos e visarem *gradação* ou *explicação* da idéa. *Haplologia de suffixos* é a expressão de baptismo da chocalhada da terminação mente: "portou-se *insolitamente, inconvenientemente, insolentemente*; "vivamos neste mundo, diz o Apostolo, *sobriamente, piamente, justamente.*"

Muito commum é empregar-se, em português o adjectivo na forma masculina, como *adverbio*. Com propriedade diremos e graphamos: falar *bonito*, comprar *barato*, vender *caro*, rezar *baixo*, fallar *alto*, raro a viam, *faller claro*, grito *rijo*, *maçãs meio roidas*, *palpébras meio cerradas*, *menina meio louca*, raro sahimos de noite, o passaro vóa *alto*, as portas de sua casa *raro* se abriam, expressões *puro* inglêzas, odes *puro* horacianas, historias *mero* lendarias, a justiça *posto* se corrompe pelo dinheiro, comeram *demasiado*, gostamos *immenso*, "tocada *junto* foi de medo e de ira", "viu *claro* quão bons fundamentos tinha lançado." *Isso*, copia foi dos latinos, e muitos adverbios e locuções adverbizadas são empregadas na linguagem litteraria sob a forma latina, *allundi, ex-officio, ad-intestato, ex-cathedra ad-rem, ipso-facto, a rationi, extra-muros, intra-muros, item, ibidem, per summa capita, currênte calamo, invita, Minerva, par-accidens, ex-professo, á fortiori, nemine discrepante: pari passu, ab ovo: intotum, ab initio, perfas ou pernefas, á priori, a posteriori, una voce, gratis, maximé, inclusive, exclusive, ad instar, primo, secundo, tertio, supra, infra, retro-bis, ex-abrupto, motu proprio, statu quo, abunde, ex-corde, in extremis, ex-vi, ad nutum.*

Am, tus e *mi* são desinencias de adverbios latinos, correspondentes em português á formulas ou locuções adverbias: *gradatim* — por gradação: *columbatim* — á maneira

dos pombos; *clam* — ás escondidas; *carptim* — por excerptos, por trechos; *palam* — ás claras; *coram* — em presença; *funditus* até o alicerce ou fundamento. *Aliás, isso* não é de extranhar.

Assim é que preceitua a rigidez grammatical. Mas o povo no seu fallar um tanto "destravado e solto", a penna dos mestres, e a autoridade dos classicos, com a sua enfiada de phrases, porfiam em caudal immensa, n'uma furia desabalada, desobedecer os canones grammaticaes, semeando em suas produções, *adjectivos fleccionados, em genero e numero* em lugar de *adverbios*.

E' de Camillo "o artifice inimitavel no difficilimo lavor de facetar o diamante da palavra. Está imbutido no seu "purgatorio e paraizo" o que se segue: "Eu tenho sido um rapaz muito extravagante, tenho comprado muito *caras* as minhas loucuras, tenho desbaratado o meu e o alheio"; e Vieira, o lapidario primoroso do dizer seguiu-lhe no encaleo: "dando-lhe *muitas* mais armas das que elle tem:" "estas segundas redempções das esmolas que se pedem são *muitas* mais em numero." Com as construcções citadas guarda notavel parallelismo est'outra de Frei Luis de Souza — classico dos mais reputados: "Deram-lhe *muita* honra os que sabiam de perto qual era sua vida." O primeiro *muita* é, não ha duvida, *adjectivo*, mas o segundo é *adverbio* e não deveria ter flexão. Taes formas de dizer, andam, por ahí, espalhadas, estão no uzo vivo da lingua, adquiriram fóros de vernaculidade. Os classicos unidos num rigoroso amplexo de solidariedade, conferiram-lhes immunidades, deram-lhes passaporte para transitarem desempeilhados. E' certo. Sei disso. Ninguem contesta. Os grammaticos, porém, aferrados a invariabilidade do adverbio, os puristas, na volupia de aperfeçoamento, não transigem com os detentores do classicismo. Teimam em afasta-los *gradando-lhes a tacha de viciosas*. A meu ver,

negligencias como estas: *muita* mais honra, com *quanta* mais razão, *muitas* mais vezes, de *muita* mais idade, de *pouca* mais idade, *pouca* mais luz e outras semelhantes, não se defendem. São imperdoáveis. Os classicos, em quem sobram saber, não ignoram taes deslises. Contemporizam.

Dão-lhes a redea. Mas os zelosos da vernaculidade, observantes da grammatica, a passo estugado, esgravatam tudo em defeza das excellencias do formoso idioma de Vieira e Camões. Assim é preciso. Impõe-se o uzo da *picareta grammatical*, como elemento *prophylatico*. Do contrario, nesta *esfuriada* de incorrecções, ameahando excepções, e mais excepções, escriptores pouco amantes da limpeza da linguagem, confiando na segurança que lhes promette o phenomeno da *attracção syntactica* — um dos *catuaes corruptos da lingua portugueza*, a qual muito tem servido para lhe nodoar a essencia, substituirão, a breve trecho a nossa “formosa flôr do Lacio”, por uma algaravia pintalgada de barbarismos e solecismos. *Meia* por *meio*, *alta* por *alto*, *cara* por *caro* têm *funccção de adverbio* e *forma de adjectivo*. A idea, a funccção é a mesma, a roupagem é differente.

Affirmam isso. O eminente Dr. Leite de Vasconcellos, dono de uma vasta cultura philologica apadrinha as construcções: — gente *meia* disposta, casas *meias* queimadas, termos *meios* velados. Heraclito Graça, outro philologo distincto e muito versado nos classicos, arrimado á verdade de que “nada persuade tanto como exemplos e autoridades”, reparando pontos vernaculos e philologicos do muito esclarecido mestre Candido de Figueiredo, numa derrama copiosa de citações e factos numerosos de escriptores de fama: “un’s cahem *meios* mortos, outros *meios* mortos os afogaram”, “gente *meia* afogada, lançada na gua, *meios* molhados, vinha *meia* morta, pés *meios* queimados, sal-

gueiros *meios* verdes, palavras *meias* ditas, estatuas *meias* carunchosas, indios *meios* captivos, *meios* livres, samaritanos *meios* fieis e *meios* gentios”. — procura confundi-lo, esquecendo-se de que aquella verdade e as citações topam e se chocam, neutralizando-se com es’outra verdade inconfundivel: os *adjectivos tomados no officio de adverbios*, são *invariaveis*. Conservam a *terminação masculina*. Essas anomalias caracterizadas pelo *predominio da forma sobre a funccção*, dizem, justificam-se, pela *attracção syntactica* que, na opinião do Dr. A. A. Cortezão, consiste em fazer concordar *palavras invariaveis com as variaveis*, dando-lhe *flexão de genero e numero*. Magnifico habeas-corpus para as infracções syntacticas, “verdadeiro conflicto grammatical como lhe chama, com intelligencia e propriedade, o talentoso philologo Carlos Góes, a maior projecção do professorado entre nós!! Esses desacertos em que a plastica da phrase se superpõe ao *espirito da phrase*, em que a *palavra mudando de forma não muda de funccção*, têm sempre uma causa que os justifiquem, a *attracção* — palavra campanuda e pesada, muito propria para corromper a lingua e asphixiar a memoria, como as figuras de rhetorica já hoje esquecidas, *onde*, *aonde*, *donde*, *por onde*. Confusão tem havido no emprego desses adverbios e della não se puderam eximir, escriptores dos mais destacados. Uzaram *donde* em lugar de *onde*; *adonde* por *aonde*, *por donde* ou *onde*; *de donde* por *donde*. Expressão syntethica, *onde* significa *em que lugar*, *em o qual lugar* e, como impleito, lhe anda a preposição, podem-se-lhe juntar as particulas *a*, *de*, *por* e *para*. Deve ser uzado com verbos de *quietação*: *onde moras?* *o lugar onde estou*. Para as formas *onde*, *donde*, *por onde* e *para onde*, têm preferencia, que o rigor grammatical impõe, os verbos que exprimem *movimento*, e a preposição que lhes fór justaposta, indicará a *circumstancia*: “*aonde* o

leva a boa verdade desta altíssima providencia; irei para Bahia; vinha de Paris; vá por mar. No "Monasticon" Alexandre Herculano, classico dos mais lidos e procurados, com proficiencia e talento de escól que muito o valorizaram, traçou, com intelligencia, limites ao uzo dos adverbios *onde e aonde*: "Lá no céu *aonde* ella subiu e *onde* nosso pai acolheu no seio a sua infelís filha."

Entretanto Castilho Antonio uzando: *onde* te vais D. Rodrigo"?; Camões empregando: "*aonde* as náus estavam temerosas"; Vieira: "Deus meu, *onde* me mandais"; e Garrett: "*onde* levas tuas aguas, Tejo aurífero", não se forraram á censura que lhes causou a penna acicalada dos puristas, dos defensores estrenuos do polimento da lingua. Em *donde* por *onde* escorregou Lucena quando disse: "Fortaleza *donde* deixassem navios que vigiassem a costa"; e, no mesmo rasto tortuoso, seguiram Camões, Francisco de Moraes e outros. Nem sempre alguns exemplos de boa procedencia bastam a autorizar uma syntaxe, e si ella é, em positiva maioria, palpavelmente incorrecta ante o proprio uzo classico, e a indole da lingua, cumprenos ver naquellas anomalias, simples módoas dessas, a que os melhores escriptores não são immunes". Não escrêveria correcto no uzo desse adverbio quem não descriminasse nitidamente o lugar *aonde*, o lugar *donde*, o lugar *onde* ou *para onde*. "Isso disse quem tinha na mão o bastão de *Marechal* dos escriptores brasileiros" Claro é, que me refiro ao supremo mestre Ruy Barbosa. Dos modernos escriptores, é possível, que nenhum confunda o emprego desses elementos grammaticaes. *Muito, pouco, mais, menos, tanto, quanto*. Aqui, deixemos, que falle a sciencia que estuda os factos da linguagem — a linguistica como lhe chamou Abel Hovelacque. U'a *mesma palavra*, conforme a função que vai desempenhar, pode ser *substantivo, adjectivo, participio, preposição, conjuncção*, ou *adverbio*. O mes-

mo vocabulo, — categorias outras, funções syntacticas diferentes. Conclusão: — o sentido da palavra, o seu officio em cada proposição ou clausula é a norma segura, o critério insubstituível para apoiar uma classificação. Com esta variedade de funções, nada mais incerto, nada mais enganoso que a estrutura do vocabulo, e nada mais commum do que encontrarmos palavras com a *mesma forma* exercendo *funções distinctas*. Os vocabulos supra citados, alem de *adverbios*, podem fazer de *substantivos, adjectivos, pronomes*.

ADVERBIO, — são invariaveis, representam a função de adjuncto circumstancial e modificam a significação de adjectivos, verbos e adverbios: — fallar muito, muito generoso, "elle sahio-se muito bem"; fallar pouco, pouco temido, muito pouco desejo; fallar mais, mais formoso, elle vae mais longe; comprar menos, menos agradável, fallar menos mal, não falle tanto, tão formoso. "Salomão foi tão sabio quanto magnanimo", "elle correu tanto quanto pôde"; "elle fez tudo quanto quiz".

SUBSTANTIVO, é precedido do artigo e tem função de objecto directo e de sujeito: fiel no menos, justo no mais, injusto no pouco, injusto no muito, "elle faz seu tanto ou quanto".

ADJECTIVOS DETERMINATIVOS modificam um substantivo expresso: muito generosa, pouco bem, mais amor, menos confiança, tantas cabeças quantas sentenças.

PRONOMES INDEFINIDOS, não se referem a nome expresso na phrase e funcionam como sujeito e objecto: Muitos choram sem motivo; elle fez muito, trabalhou, pouco, perdi tanto quanto elle ganhou, tanto possui quanto cobiça. Eis. ECCE HOMO foram as palavras de Pilatos, quando apresentou Christo aos judeus, depois de flagellado e coroado de espinhos, tentando, assim subtrahi-lo á vingança torpe e mesquinha do sacerdocio judaico. ECCE. Etymologicamente é a origem

latina do vocabulo *eis*. E *eis* é *indicativo de presença*. Justifica-se o seu emprego quando se annuncia alguém, ou se pretende *demonstrar a presença de objectos*: *eis* o homem; *eis* o livro. Grammaticos, em maioria, consideram o vocabulo *eis* como *adverbio de designação*. A opposição conhecedora do assumpto, diverge, e o pleito trava-se. E' renhido. Querem-no alguns, como *verbo*, outros incluem-no na categoria das *interjeições*, ficando um pequeno saldo que o inscreve na classe das *preposições*. Como *adverbio*, o asserto não resiste a qualquer investigação. Inspeção mesmo ligeira os põe em fuga. Os *obliquos enclíticos só se encostam a verbos*, e nenhuma *sympathia* mostram por outra especie de palavra: *eis-me* aqui; *ei lo* que chega. Sendo *me* e *o* pronomes obliquos, enclíticos não poderiam concorrer com adverbio. *Não modifica verbo, adjectivo ou adverbio, nem é modificado na circumstancia que, como adverbio, viesse exprimir*. Com taes elementos de opposição não se poderia manter como adverbio. Corridos os seus adeptos, tiveram que desempilhar a estrada para que outros, com melhores elementos para vencer, pudessem se apresentar na arena.

Como *preposição*, os *prós* e os *contras* somnados, para concorrerem ao pleito, põem, os ultimos, em posição *instavel*, os seus proclamadores. Apuremos, as allegações. O direito de exercer uma regencia, fa-lo identificar-se com as *preposições*: *eis a verdade*; a faculdade de formar com uma ou mais conjunções posteriores, *locuções conjunctivas* ou *adverbiadas* é outro subsidio para a guindar á categoria de *connectiva* vocabular: *eis que, eis senão quando; eis aqui* como se desterra o temor e o pejo". No officio de *preposição*, porem, o *consequente* de *eis* nunca poderá exercer a função *syntactica* de *objecto indirecto*, somente admissivel com os *dativos* *mim, ti, si, nos, vos, si*. Cabe-lhe, sem offensa ao vernaculo, as funções de *objecto dire-*

cto ou *accusativo* com as variações obliquas *me, te, lo, la, nos, vos, los, las*: *eis-me, eis-te, ei-lo, ei-la, eis-nos, eis-vos, eis-los, ei-las*. Ainda mais: o *objecto indirecto*, indicando, apenas, relação logica, não prescinde dum *verbo* claro ou occulto para enunciar um pensamento, o que não succede ao vocabulo *eis*, que, com o seu regime, pode formar um pensamento, uma phrase de sentido completo, um periodo simples, uma oração absoluta: "*Eis a verdade*". Com essas provas, *preposição* não é a designação que lhe deva caber. Apenas, por analogia podia caber-lhe a supplencia de *connectivo* vocabular. Subentendidos os termos occultos, dizem os grammaticos modernos, desaparece o *eis*, e isso *justifica* sua inclusão no quadro das *interjeições*. E' innocua a argumentação. A *improcedencia da allegação* faz que o vocabulo em lide, não entre em cogitações, como *interjeição*.

Predominando semelhante criterio, a palavra *talvez* equivalente da *preposição* — *é possível* ou *pode ser*, de ha muito tinha *invadido o solar das interjeições* e no rastro desse elemento grammatical, tinham seguido outros que *synthetizassem* ou *compendiassem* orações inteiras.

Epilogo da ladainha commemorativa do grito emocional: "tratado da alma humana" ou expressão rapida e apaixonada do pensamento. — a *interjeição* não contemplou em suas *emoções* o monosyllabo tão discutido e os grammaticos tiveram que sopitar o "prurido de resistencia". "A frequencia do emprego de *eis* antes de orações *objectivas* e antes dos *adverbios* de lugar e de tempo fez obliterar a sua categoria grammatical." Não discuto a *inuidade* do periodo acima transcripto da obra de Porto Carreiro, grammatico de muito saber e por mim lido com agrado, pela precisão, clareza e muita verdade do que escreve.

A hypothese de uma *forma verbal* — *vêdes, tendes, haveis* — na segunda pessoa do plural do presente do *indicativo* e especialmente da ultima

com *apherese* em hav-eis é a menos precaria e a que menos soffre impugnação. Camões, Bernardes e Vieira não se forraram ao desejo de *usa-lo* como *verbo*: *eis* appareceu logo uns pequenos bateis: "*eis aqui* mil quinhentos marcos de prata" — *vós tendes* ou *haveis* aqui mil quinhentos marcos de prata: começa a sahir e a nascer o sol: *eis* o gesto agradável do mundo" — *haveis* o gesto agradável do mundo". Os oppositores allegam que os pronomes possessivos substituem adjectivos na falta de substantivos a que determinem, e isso impede que se diga: *eis* o teu melhor amigo em vez de *eis* o vosso melhor amigo, sendo *vosso* e não *teu* o pronome correspondente á segunda pessoa do plural. Lembram-se ainda os contestantes, do nono e decimo verso do canto III dos Lusíadas em que o celebrado epico e primoroso poeta põe na bocca, do fiel vassallo "Egas Muniz", disposto a pagar a obrigação contrahida como fiador do principe Affonso: "*Eis* aqui venho offerecido a *te* pagar co'a vida o prometido". Em que, aparteiam elles, a referencia do obliquo *te*, de modo algum poderia alludir á segunda pessoa do plural. E' insubsistente a prova. Arrima-se a u'a muleta falsa. Cortemos o nó gordio. São communs as phrases que andam, sem parar, na linguagem da gente pobre a na da erudita: *Vêde-me* aqui, senhor, e não é raro que, por modestia sejam empregados *eu* e *tu* em lugar de *nós* e *vós*. As *encliticas* só se acostam, já o dissemos, a *verbos*—*sympathia* de que não goza *nenhum* outro elemento *grammatical*: *eis-me* aqui; *ei-lo* que chega.

E' argumento decisivo. A meu ver, essa é a hypothese accetavel. Não são locuções *adverbiadas* as phrases *eis aqui*, *eis ali*, *eis alli* e sem *verbos* modificados por *adverbios*, seguido de *que* e ás vezes de *não*, o vocabulo *eis* precede e rege orações inteiras: "*eis* que surgem agora *difficultades*. *Sim*, *não*, *apenas*, *só*, *sequer*, *senão*, *somente*, *exclusivamente*, *unicamente*, *certamente*, *nada*, *nunca*, *aliás*,

afóra, etc. Na impossibilidade de incluirem os vocabulos supra citados *somente na classe dos adverbios*, os grammaticos classificam-n'os como *preposições*, *adverbios*, *interjeições* e *particulas de negação*, *afirmação*, *inclusão* e *exclusão*. Intercallando-se entre outras palavras para marcar ou assignalar uma relação, *afóra* é *preposição*: "não ha anno que, alli, não naveguem de mil juncos para cima, *afóra* outros navios pequenos"; modificando a significação de verbo, *adverbio* ou *adjectivo* é *adverbio*: "a agua dos poços, *afóra* ser tão pouca, e desde que não affirme circumstancia e refira-se a *substantivo* é *particula de exclusão*: *afóra* Joaquim, todos fizeram boa viagem. Apenas tem função de *adverbio* e equivale a *com difficultade*, *escassamente*: "o que lhe produz o trabalho, *apenas chegava* para que, no Domingo, tivesse mais um prato á mesa.

Com a equivalencia de *logo que*, assume o caracter de locução conjunctiva: "*apenas* chegado uma dos primeiros portuguezes que chamou aos seus conselhos foi..."; e na phrase apenas eu soube lição é, para outros *particula* ou *palavra de exclusão*. *Sim* e *não* são incluídos entre os *adverbios*:... o teimoso não tem cabeça porque não conhece que...; "agora *sim*, irmãos, levantemos o vô"...; *entre as interjeições*, porque, implicitamente, podem abranger os elementos de uma proposição, e até o professor Grivet affirma serem as mais perfeitas quando sirvam de resposta peremptoria a uma interrogação: — *vae* para a *sepultura*? *Sim*. Outros porém, pensam que os vocabulos *sim*, *não*, *certamente*, *apenas*, *só*, *unicamente*, *nada*, *nunca*, etc... não podem ser inventariados entre os *adverbios* em phrases como: apenas eu fiquei em casa: você *vae* á rua? vou *sim*. Vão ao commercio? *não*. "Só a palavra... fala... só ella esculpe estatuas:" "todos seguiram inclusive eu;" "Unicamente tu foste ao collegio;" todos almoçaram inclusive eu etc...

não se referem a verbos e *sim* a substantivos e pronomes. Não indicam circunstância, não podem ser considerados advérbios. São palavras que exprimem *inclusão*, *exclusão*, *afirmação* ou *negação* e todas referem-se a pronomes e substantivos. Nunca a verbos. Da incompreensão ou falsa interpretação desses factos da linguagem, dos quaes está cheia, a litteratura, até mesmo dos nomes mais afórados, nasceu o equívoco de pretenderem alguns grammaticos que *advérbio pudesse modificar substantivo*: Affirmar pelo vocabulo *sim* é um processo commum de quasi todas as linguas modernas. A portugúesa discrepa. É do genio do idioma portugúes a *reiteração* do verbo uzado na pergunta: comprou laranjas? comprei. Dormiu bem? dormi. Constitue reforço ou confirmação a particula *sim*: comprei, *sim*, dormi, *sim*. Aqui, o portugúes, em construcções syntacticas affirmativas continua sob a tutela do latim. *Nem sempre sim é antonymo de não*. Apenas positiva o facto sem opposição: "o aspecto do sitio era *sim*, branco e alpestre. "Repetido reforça a affirmacão: *sim, sim*, elles têm muito recurso", e ás vezes é tambem *signal de aborrecimento*, enfado: *sim, sim, já vou*. Ainda affirma-se, repetindo a locução em verdade: "*em verdade, em verdade* vos digo que, se vos não converterdes, todos, igualmente, pereceis." De veras é ainda um modo de assentimento: "amanhã vou embora de veras." Tambem o é o vocabulo *certamente*: certamente não havia de mentir.

Merece registo: *affirma-se*, em portugúes, com phrases negativas na expressão, e positivas no sentido: não posso deixar de ir visita-lo; não posso deixar de fazer esta viagem. A antinomia evidencia-se como corollario: *nega-se*, em portugúes, com phrases positivas, na forma e negativas, no sentido: "*há de ver por um occulo*" — não verás; "*há de ir com os que ficam*" — não irá. Duas negativas podem affirmar quando, na mesma palavra, concorrem dois pre-

fixos negativos: — *indesculpavel* — *desculpavel*: quando, em algumas phrases, os vocabulos *não* e *sem* concorrem para a sua composição: *não sem vida* — *com vida*; quando na mesma locução se encontram uma negativa e um prefixo negativo: *não injusto* — *justo*; quando, conforme foi registado, na mesma phrase concorrem o verbo *deixar* e o vocabulo *não*: *não deixou de ir: foi*. O notavel philologo João Ribeiro com o desembaraço que só a muita pratica confere, diz: "*Não nego que não estivesse* (e não: — *não nego que estivesse*, como por ahi se encontra escripto.) A transformação de palavras ou phrases affirmativas em negativas é de uzo corrente no idioma portugúes e a simples mudança de posição de um adjectivo pode opera-la. Nisso devemos prestar continencias á *alteração semantica* — um dos phenomenos mais importantes da vida das linguas e á que Bréal e Darmesteter deram expressão de muito relevo. apreciando-a (a *altração semantica*) pela analyse dos antigos documentos da lingua, ahi, é que assistimos ao seu evolver. Vocabulos fóra do uzo, vão se prestando á expressão de novos conceitos, de novas idéas, e a simples mudança de posição, pode dar, a uma palavra, significação nova e até antinomia: *alguma coisa é expressão affirmativa*, e si esses vocabulos trocarem os lugares, as posições, — *coisa alguma* — a simples mudança alterou o sentido da expressão que é *negativa*.

Nem ha porque nos maravilhemos disso attendendo a que as palavras como as expressões — "*organismos vivos*" uzados pela humanidade, não estão, como essa isentas das contingencias na evolução porque passam.

*

Vou terminar. Esclarecidos collegas, amigos devotados da instrucção e obreiros destimidos do nosso progresso.

Os aleijados de espirito agonizam, num correctivo prophylatico "é a conta. Ministremo-lo em profusão,

porque a pratica do bem dulcifica o desespero, porque a pratica do bem eleva todos os sentimentos. O Brasil não homologará o que disse a nação que condemnou o immortal Lavoisier: "a Republica não precisa de sabios nem de chimicos". Eu sigo caminho bem diverso e proclamo com

sinceridade: desejaria que em meu paiz houvesse para cada echymose um medico, para cada duvida um advogado, para cada charrua um engenheiro e para cada analphabeto um professor.

2.X.30.

Revista de Ensino

Motivos superiores, entre os quaes accumulo de trabalhos nas officinas da Imprensa Official, determinaram grave irregularidade na publicação da "Revista de Ensino".

Não foi possivel á actual direcção da "Revista", que a encontrou atrazadissima, pôr em dia a publicação para que não ficassem prejudicados os assignantes. Sobrevindo a revolução de outubro, a Imprensa Official esteve paralyzada muitos dias, e essa paralyzação impossibilitou o esforço que a direcção vinha desenvolvendo no sentido de dar este anno ainda dois numeros.

No proximo anno, porém, será normalizada a publicação e é pensamento da direcção fazer circular a "Revista de Ensino" mensalmente.

O Exame e suas Consequencias

José D. Calderaro

Professor Normal

(Tradução para a "Revista")

O professor que se institue em tribunal para julgar o preparo obtido por um menino em grammatica e em arithmetica, que finalidade visa?

Esse mestre austero pretende comprovar, por meio do exame, se o menino alcançou algum proveito da escola, e distribuir, de accordo com esse aproveitamento, as recompensas ou os castigos estabelecidos.

Este antigo argumento é a base da existencia do exame; se alguém pretender acabar com o exame para sempre esse argumento saberia resistir em sua defesa.

Nós, porém, cremos que o exame é causa e effeito de um máu systema educativo: uma escola mal organizada necessita de exame; uma escola com exame tem de estar forçosamente mal organizada.

Mas é tão pouco o que a escola dá ao menino; que se possa controlar por meio do exame?

O exame é, pois, o reconhecimento da inferioridade da escola.

Sua existencia não beneficia o menino; é apenas um meio de que se vale a escola para premiar ou castigar, conforme a tradição do espirito medieval.

Porem o menino que não sabe, não ficará sabendo com o exame; e o menino que sabe dirá mal pelo exame.

E' isto o que vamos demonstrar, para que fique estabelecido que a suppressão do exame significaria uma grande conquista no dominio da pedagogia. E com o exame se iriam de uma vez os peiores males do ensino: superficialidade, apparencia de saber, pessimo meio de emulação, exaggerado intellectualismo...

Não nos limitaremos a demonstrar que o exame não beneficia; vamos antes provar que prejudica em

proporções collossaes. Porque ensinar com a finalidade do exame é desenvolver a vulgaridade mental, que substitue o julgamento meditado pelo juizo superficial; abandonar o cultivo das aptidões superiores da vida, trocando-as pelo verbalismo academico e pedante; vedar o passo á iniciativa e á observação em homenagem á submissão e á rotina.

Cria, ademais, o exame este antagonismo de consequencias didacticas fataes: o professor ensina para o exame a um alumno que se prepara para a vida.

Porém o exame não é a vida, nem sequer uma imagem da vida; quase diriamos vale por uma imagem da morte.

Ora, o menino tem meios de defesa naturaes. Esses meios de defesa, que só são hoje desconhecidos pela velha pedagogia, se chamam o tédio, a indifferença, a preguiça mental, o somno mesmo. Quando o professor está perdendo inutilmente o seu tempo, ensinando a resolver problemas que jamais se apresentam na vida, o menino, amparado pelo tédio que é uma verdadeira salvação das gerações infantis, preserva seu cerebro de uma fadiga que o arrastaria á *surmenage* e que, na crise de puberdade, poderia arrasta-lo aos abysmos das neuroses.

Precisamente o tédio, o aborrecimento, a preguiça, a indifferença não salvado dessa hecatombe o intellecto da infancia; graças a esses deuses tutelares da educação humana não ha perecido a intelligencia sob as garras de uma pedagogia pedantesca e barbara.

Poderíamos juntar tambem como argumento contra o exame, a serie de perturbações nocivas que affectam o organismo physico-psychico

do menino. Porém é necessario dizer em homenagem á verdade, que esses perigos não existem nos meninos de poucos annos, senão nos que vão attingindo os humbraes da adolescencia.

O menino de poucos annos está solidamente defendido contra os males sinistros do exame: sua indifferença é que o ampara.

Não será um caso phenomenal de precocidade na apreciação do desastre, um menino de oito annos, preoccupar-se com o resultado do seu exame?

Não atacamos, pois, o exame, do ponto de vista das *perturbações morbidas* que produz, reconhecidas e estudadas por muitos pedagogos e psychologos; atacamo-lo do ponto de vista, pouco conhecido e por completo descuidado que poderíamos chamar *perturbações didacticas*: o ensino subordinado ao exame; o exame considerado o ultimo horisonte da escola.

Desta maneira, toda a serie de suggestões educativas cuja finalidade consiste em despertar na intelligencia o amor da vida, do trabalho, da belleza, da verdade, ficam na escola em plano secundario, porque *unicamente o que pôde ser comprovado mediante exame, se tem instituido como fundamental.*

Assim o exame adultera a finalidade mesma da escola, dando-lhe uma função quantitativa em concordancia com o falso conceito quantitativo da infancia. Esta função se reduz a isto: transmittir a maior quantidade possivel de noções.

Mas a finalidade da escola é formar o character, a vontade, o espirito de iniciativa, o criterio, o idealismo, todas as grandes virtudes da intelligencia humana, todas as grandes conquistas que hão feito progredir a humanidade; e essas virtudes a escola não cultiva nem o exame as passa em revista.

E' necessario, pois, oppôr á escola que termina no exame, uma escola que vá "além do exame". Porque o

exame é precisamente que tem transformado a escola numa machina transmissora de conhecimentos puramente theoricos e, portanto, puramente inuteis.

Gustavo Le Bon, referindo-se a este assumpto, disse: "O problema da educação é muito mais importante que o da instrucção. E' o character dos homens, mais que o seu saber, que determina os exitos da vida". E Locke, muito antes, havia affirmado que a instrucção era a menor parte da educação.

Com effeito: a educação, se nos permittem a expressão, não é a somma dos conhecimentos adquiridos; é antes o producto de uma serie de factores essencialmente de character collectivo.

Educamo-nos para o trabalho ou educamo-nos para a ociosidade; educamo-nos para a alegria ou educamo-nos para a tristeza; para o amor ou para a misanthropia e educamo-nos debaixo da influencia de factores que nada têm que ver com a instrucção. Não obstante, temos convertido as escolas em machinas transmissoras de conhecimentos: temos reduzido a educação a uma questão de ensinar e aprender.

Porém para nós a escola não é um professor que ensina e um alumno que repete o que lhe foi ensinado; a escola é a influencia effectiva que se exerce sobre o corpo e o espirito do menino.

Exerce a escola essa influencia? Opera sobre o espirito, sobre os nervos, sobre os musculos? De que forma?

E' um phenomeno psychologico conhecido, que qualquer acto da vida, por insignificante que pareça, deixa no espirito uma impressão: essa impressão é tanto mais intensa quanto mais novo é o espirito. Da mesma maneira é um acto physiologico conhecido, que qualquer influencia physica deixa no organismo um rastro perceptivel. E se uma defeituosa posição da columna vertebral convertida em habito degenera

em escoliose, uma influencia degres-siva, agindo sobre as funcções psychicas, degenera tambem em estigma mental.

Degenerações physicas e degenerações psychicas, as vezes não são mais que resultados de pequenas influencias que a escola desconhece porque não acredita na sua efficacia: e parece incrível que o desgosto que o menino accumula dia a dia na escola, não redunde no desastre de todo o ensino.

O grande dever da escola, disse Claparède, consiste em "não fatigar"; todavia, a escola actual, no que respeita á parte physica do menino, exerce uma influencia prejudicial, e, principalmente, numa epoca em que a cultura physica está mais avançada que a psychica, reduz a zero ou a pouco menos a actividade organica enquanto duplica a actividade intellectiva.

Uma pedagogia baseada no conhecimento do menino indicaria o contrario: primeiro, muita actividade physica; depois, muita actividade intellectual. Mas succede o seguinte: durante o tempo em que a cultura physica devia ser o fundamento da tarefa escolar, o menino está curva-

do no banco; e durante o tempo em que a cultura mental devia ser cuidada, o menino está esgotado.

Primeiro se atrophiou por inacção a actividade organica e se hypertrophiou por cultivo prematuro a actividade mental; logo, em consequencia desse esgotamento, se atrophia por sua vez a função mental, recrudecendo a actividade physica, porque toda a inibição da cerebração superior determina um augmento da actividade dos centros inferiores.

Esta é a explicação mais exacta que se pôde dar para aclarar a evidente inclinação que o adolescente experimenta pelos esportes, quando apenas sae da escola. E não queremos dizer que o esporte seja condemnavel, mas prejudicial em muitos casos, porque é uma inclinação absorvente.— esporte e nada mais que esporte.

Ainda que pareça paradoxo, o *esportismo* é uma consequencia do *intellectualismo*. E como a tendencia do esporte, com exclusão de toda outra função mental, incorre em certa decadencia do intellecto, se vê com clareza que a pobreza mental é uma consequencia do intellectualismo da escola.



METHODOLOGIA

Lições do Prof. C. Doliveira

Methodo para o ensino do emprego e conjugação de todos os verbos da lingua patria, na escola primaria, a alumnos que leiam phrases no quadro negro.

LIÇÃO I

Não dispondo dos quadros muraes que acompanham este methodo, a professora deverá, antes do inicio da aula, graphar no quadro negro varios grupos de palavras como: RATO GATO PEGO O — NÃO LAPIS PONTA TEM PEDRO O DE — MARIA CANETA UMA PERDEU.

Em voz alta, iniciando a aula, a professora enunciará cada um dos agrupamentos de palavras do quadro, indagando dos alumnos si taes palavras, assim dispostas, *significam, contam, affirmam, querem dizer alguma cousa.*

Si a classe fôr numerosa, alumno haverá que ponha em ordem todos, ou algum dos agrupamentos. Nesse caso a professora, antes de aceitar o reagrupamento, deverá insistir em fazer ver que, na sua disposição primitiva, taes agrupamentos *nada contam, nada exprimem, nada representam.* Isto feito, aceitará, ou indicará a ordem natural das palavras em cada grupo e commentando as phrases resultantes, uma a uma, accentuará que pode haver grupos de palavras *nada significando, nada representando, nada exprimindo* e grupos *contando, exprimindo, dizendo* alguma cousa.

(falar)

Conforme os grupos de palavras que estamos vendo, ha duas especies de grupos de palavras:

GRUPOS DE PALAVRAS que nada exprimem, nada contam e

GRUPOS DE PALAVRAS que **CONTAM**, que **AFFIRMAM**, que **EXPRIMEM** alguma cousa.

Os primeiros grupos, os que nada **CONTAM**, que nada **EXPRIMEM**, não interessam. Não se podem. Os segundos, os que **CONTAM**,

esses sim, interessam. Têm um nome. Esse nome é

PROPOSIÇÃO

PROPOSIÇÃO — é um grupo de palavras **CONTANDO**, **EXPRIMINDO** alguma cousa.

Analyzar a cousa, ou idéa *contada* ou *expressa* em cada uma das proposições graphadas, salientando que em cada **PROPOSIÇÃO** se fala, se diz, se conta alguma cousa de alguém. Pedir, a seguir, proposições oraes, que serão, também, analysadas, isso insistindo em que cada alumno repita a definição de **PROPOSIÇÃO**. Insistir, tomando cada phrase, fazendo ver que na primeira se fala do *gato, dizendo* que elle pegou rato; que na outra se fala do lapis de Pedro, *dizendo* que elle não tem ponta e assim por deante.

Em cada **PROPOSIÇÃO**, pois, **FALA-SE**, **CONTA-SE**, **DIZ-SE** alguma cousa de alguém. Esse **ALGUEM**, **PESSOA** ou **COUSA**, de quem se fala, chama-se

SUJEITO

SUJEITO, pois, é o **SER (PESSOA** ou **COUSA)** de quem se fala.

Começando pelas phrases graphadas e a seguir empregando phrases oraes fazer distinguir o **SUJEITO** de cada proposição. Na sentença "O gato pegou o rato", fala-se do gato e, assim o sujeito é "O gato".

Ora, si em toda **PROPOSIÇÃO** se fala de **ALGUEM**, é claro que se diz alguma **COUSA** desse **ALGUEM**, a que se deu o nome de **SUJEITO**. O que se diz do **SUJEITO**, a cousa que se **AFFIRMA**, que se **CONTA** do **SUJEITO** chama-se

PREDICADO

PREDICADO é tudo que se diz do **SUJEITO**.

Servindo-se dos exemplos escriptos e de outros oraes, que pedirá, a professora deverá fazer a classe separar o *sujeito* e o *predicado* de cada uma das proposições isso até obter a separação de um ou mais dos alumnos de intelligencia mais morosa.

SUJEITO, pois, é o SER, pessoa ou cousa de quem se fala e PREDICADO aquillo que se diz do sujeito. O PREDICADO, quando está isolado, quando está sózinho, tem outro nome. As palavras que exercem o papel, ou FUNÇÃO de PREDICADO chamam-se, quando estão isoladas, VERBOS. E como a FUNÇÃO ou papel do PREDICADO é DIZER, AFFIRMAR, ou CONTAR, segue-se que VERBO — é a palavra que AFFIRMA, que CONTA, que DIZ alguma COUSA.

Arguição, pedindo a professora que os alumnos indiquem os verbos das proposições escriptas e das que forem enunciadas.

Dada a idéa do VERBO a professora, não tendo quadros muraes promptos, escreverá no quadro negro sentenças em que haja verbos no plural e no singular.

PAULO FOI Á CIDADE
EU E PAULO GANHAMOS UM LIVRO
ESTUDO MUITO
TU E JOAQUINA SOIS UMA PARELHA DE VA-
DIOS
OS SOLDADOS APANHARAM MUITA CHUVA
AINDA NÃO 'ALMOÇAMOS
OS MENINOS ESTÃO CANSADOS *porque cor-
reram muito.*

Arguição, exigindo a professora o SUJEITO e o PREDICADO de cada proposição. Em seguida, com o auxilio dos proprios alumnos, a professora accentuará que o VERBO, por si só, indica PESSOA, ou COUSA a que se refere e si se refere a mais de uma PESSOA, ou COUSA.

(escrever)

EU E PAULO GANHAMOS UM LIVRO.

O SUJEITO dessa proposição é EU E PAULO, como já vimos. Si eu apagar, porém, as palavras EU E PAULO e ficarem somente as palavras: GANHAMOS UM LIVRO, qual será o SUJEITO?

(apagar)

Rápida arguição até ser obtida a resposta "NÓS", que a professora

O SUJEITO será a palavra NÓS, que indica mais de uma pessoa, ou uma pessoa no Plural. PLURAL é um nome que se dá as palavras que indicam mais de uma cousa ou pessoa. Quando as palavras indicam uma só cousa, ou pessoa, se diz que estão no SINGULAR. Então

(escrever)

SINGULAR — livro, tinteiro, escrevi,

PLURAL — livros, tinteiros, escreve-
mos, estudamos.

Arguição rápida, pedindo mais exemplos oraes, SUBSTANTIVOS E VERBAES.

Agora vejamos as phrases.

(escrever)

GANHEI UM LIVRO

GANHAMOS UM LIVRO

Qual o SUJEITO da primeira? Qual o da segunda?

Arguição, o mais rápida possível, enunciando a professora as respostas, si a classe hesitar.

O SUJEITO da primeira é EU, a pessoa que fala ou PRIMEIRA PESSOA. O SUJEITO da segunda é NÓS, as pessoas que falam, ou plural da primeira pessoa. E como achamos os SUJEITOS? Quem CONTOU, quem indicou? O verbo. Foi a mudança na terminação do VERBO GANHAR. O VERBO, pois, sendo a palavra que AFFIRMA, que CONTA, indica:

NUMERO — singular e plural

PESSOA.

Ha duas especies de numero: SINGULAR e PLURAL. E de PESSOAS, quantas especies haverá? Já conhecemos uma especie, a primeira, que é a PESSOA que fala e que se representa pelas palavras:

EU — no singular e

NÓS — no plural.

Qual será a outra PESSOA? Naturalmente aquella COM QUEM SE FALA. Quando

toma geralmente a forma de VOCÊ, o SENHOR, a SENHORA. Quando se escreve, porém, e quando é preciso que o VERBO DESIGNE, INDIQUE a PESSOA, essa é representada

no singular, pela palavra TU

no plural, pela palavra VÓS.

O VERBO, por si só, pôde INDICAR, ou mostrar essas PESSOAS, mesmo que não estejam escriptas, ou que não tenham sido faladas. Pode mostrar as duas que já conhecemos — PRIMEIRA e SEGUNDA e a outra, a TERCEIRA, que é a PESSOA de quem se fala. Quando uma pessoa CONVERSA com outra, ou quando ESCREVE, pode CONVERSAR ou escrever de outra, que não seja nem a que FALA, ou ESCREVE, nem aquella com que se FALA, ou a quem se ESCREVE. Essa, de quem se FALA, ou de quem se ESCREVE é a TERCEIRA PESSOA. Quando, por exemplo, se diz:

(escrever)

CORREU MUITO
CORRERAM MUITO.

De quem é que se fala? Não é nem da primeira, nem da segunda pessoa. Fala-se de outra, que é a TERCEIRA.

Arguição até obter o SUJEITO de cada uma das duas proposições, ensinando caso necessário.

A TERCEIRA PESSOA, então, é

ELLE — no singular

ELLES — no plural.

Ha, portanto, dois numeros: SINGULAR e PLURAL e tres PESSOAS:

PRIMEIRA — EU e Nós

SEGUNDA — TU e Vós

TERCEIRA — ELLE e ELLES.

Arguição, dando ou pedindo sentenças, curtas para que os alumnos indiquem o numero e a pessoa do SUJEITO, até completar o tempo, que não deverá exceder de *cincoenta minutos*, mesmo que as noções finalmente apresentadas terão

guintes e, embora não bem assimiladas, já não constituirão *matéria nova* para a classe.

LIÇÃO II

Não dispondo dos quadros muraes, a professora, *antes* do inicio da lição, deverá escrever no quadro negro proposições como as que se seguem.

PAULO, AGORA, ESTUDA MUITO

OS MENINOS DORMIRAM *quando titio chegou*

EU E JOÃO ENCONTRAMOS PEDRO NO JARDIM

PAPAE JÁ TINHA SAHIDO *quando a chuva cahiu*

ANTONIO *tem trabalhado* MUITO ESTE ANNO.

Rápida recapitulação das noções dadas na primeira lição, servindo as phrases do quadro e outras oraes. A professora deve interrogar em primeiro logar os alumnos mais intelligentes, cujas respostas *ensinarão* os mais morosos. Depois de serem apontados o SUJEITO e o PREDICADO de cada uma das proposições e recapitulada a noção de numero e pessoa:

Na phrase — OS MENINOS DORMIAM QUANDO TITIO CHEGOU se CONTAM duas cousas, AFFIRMAM-SE dois factos: um — que OS MENINOS DORMIAM e o outro a occasião em que os meninos dormiam. Ha, portanto, duas proposições. Cada uma das duas proposições tem seu SUJEITO.

Arguição incluindo a phrase PAPAE JA' TINHA SAHIDO QUANDO A CHUVA CAHIU, classificando-se o SUJEITO de cada VERBO. A seguir escrever no quadro negro:

ELLE DORME

ELLE DORMIU

Temos, agora, duas proposições em ambas o SUJEITO é a terceira pessoa, ou pessoa de quem se fala, representada pela palavra ELLE. Em ambas o PREDICADO é expresso pelo VERBO dormir. Será que as duas proposições CONTEM, AFFIRMEM, DIGAM a mesma cousa, a mesma idéa? ELLE DORME é a mesma cousa que ELLE DOR-

Arguição energica. Numa classe numerosa alumno haverá que faça a differenciação entre as duas phrases. Em ultimo caso a professora ensinará.

São dois factos completamente differentes. Quando dizemos: ELLE DORME — contamos que está acontecendo no momento em que falamos, um facto que é de AGORA. E quando dizemos ELLE DORMIU contamos um facto, uma cousa que já aconteceu, que já se passou, uma cousa que não é de AGORA. E como é que se comprehende essa differença? Quem é que mostra que são dois factos differentes?

Rapida arguição até que um alumno responda que foi o verbo ou a palavra *dormiu*, frisando a professora que foi o VERBO.

Além de indicar NUMERO e PESSOA, o verbo, pois, também INDICA, ou EXPRIME TEMPO, pois TEMPO é a differença entre as duas phrases que estamos estudando. A primeira exprime o

TEMPO PRSENTE, que é o TEMPO do momento em que se fala, que é AGORA.

A segunda — ELLE DORMIU — exprime um TEMPO PASSADO, ou TEMPO que se refere a factos que já aconteceram, que não são de AGORA, que são de HONTEM.

Já temos ahí duas especies de TEMPO:

(escrever)

PRESENTE e

PASSADO

Si, porém, a phrase fôr

(escrever)

ELLE DORMIRÁ AMANHÃ

O facto é presente, ou passado?

Arguição até ficar firmada a differença, devendo a professora pedir outros exemplos de futuro.

DORMIRÁ', pois, não é nem PRESENTE, nem PASSADO. EXPRIME, INDICA facto que ainda não aconteceu, que não está

tecer. Indica facto que não é de hontem, nem de agora e sim de logo, ou de AMANHÃ. Exprime um TEMPO que se chama

TEMPO FUTURO

Assim, além das idéas de numero — SINGULAR e PLURAL e das pessoas EU — TU — ELLE, NÓS — VÓS — ELLES, os verbos INDICAM, MOSTRAM, EXPRIMEM, também, a idéa do TEMPO, que pode ser:

PRESENTE

PASSADO

FUTURO

O TEMPO PRESENTE é um só. Presente é o momento, o instante que passa, o AGORA. Um facto é, ou não PRESENTE não tem divisões.

O mesmo não acontece ao PASSADO e ao FUTURO, que tem divisões. Na phrase: OS MENINOS DORMIAM QUANDO TITIO CHEGOU ha dois verbos que estão, todos dois, no TEMPO PASSADO. Mas não são iguaes. Um delles exprime facto mais PASSADO do que o outro.

Arguição para apurar qual dos dois factos é anterior ao outro. Pedir, como sempre outros exemplos para o mesmo fim.

Então já sabemos que na phrase ha dois factos, um exprimindo uma COUSA completamente passada, simplesmente e esse facto é QUANDO TITIO CHEGOU; o outro EXPRIME um facto que era PRESENTE quando aconteceu o primeiro e que é, portanto, mais novo. O primeiro é um PASSADO PERFEITO, ou completo e o segundo um PASSADO IMPERFEITO.

Ahí já estão duas divisões do PASSADO:

PASSADO IMPERFEITO — quando EXPRIME, CONTA OU AFFIRMA um facto já passado, porém mais novo do que outro facto também passado, como DORMIAM, ESTUDAVAM, etc.

Pedir outros exemplos, em uma curta arguição.

PASSADO PERFEITO — quando CON-

CASA DAS MEIAS

—DE—

Diniz Almeida & Cia.

Rua 1.º de Março n.º 134

MACEIÒ

**Sortimento completo e permanente
de todos os padrões e de todos os typos:**

MEIAS para homens

MEIAS para senhoras e senhorinhas

MEIAS para crianças

TEMOS AS QUALIDADES QUE NINGUEM RECEBE.

**FAZEMOS OS PREÇOS MAIS CAMARADAS DO MUNDO,
COMO NINGUEM FAZ**

Quem quiser calçar meias decentes visite a

Casa das Meias

RUA 1.º DE MARÇO N.º 134

FAÇA SEUS PERFUMES EM SUA CASA

Essencias finissimas

— E —

alcool absoluto

**ENSINA-SE A FAZER OS
PERFUMES MAIS
DELICADOS E DELICIOSOS**

Com de 2\$000 a 10\$000, tem-se um vidro de
perfume que custa em qualquer loja 20\$000, 30\$000,
50\$000 e até mais

Musicas para piano

J. BERNARDES & Cia.

AVENIDA PRES. BERNARDES, 313

tamente passado, simplesmente, como HONTEM DORMI — CANTEI — BRINQUEI, etc.

Arguição, pedindo outros exemplos, a principio somente do PERFEITO e depois do IMPERFEITO e do PERFEITO.

O verbo tambem pode exprimir, ou indicar facto que aconteceu e continua a acontecer, que continua a se repetir, um facto CONTINUADO. Quando, por exemplo, se diz

(escrever)

MARIA TEM ESTUDADO MUITO NESTA SEMANA

Não queremos dizer que MARIA ESTUDOU MUITO uma vez só, um dia somente. Queremos dizer que MARIA ESTUDOU e CONTINUOU A ESTUDAR. Assim, neste caso, o verbo exprime facto

PASSADO, CONTINUADO, ou COMPOSTO, porque é EXPRESSO ou CONTADO por mais de uma palavra.

Arguição, fazendo substituir, na phrase dada, o verbo estudar por outros, como brincar, rir, dormir, trazer, correr.

Já vimos tres especies de PASSADO, a saber: IMPERFEITO, PERFEITO e PERFEITO CONTINUADO, ou COMPOSTO. Mas ainda ha outro, que já vimos e que apparece em phrases como

(escrever)

EU JÁ..... QUANDO A CHUVA CAIU.

Arguição para que os alumnos completem a phrase com os verbos que a professora indicar. Ensinar, havendo hesitação. Naturalmente os alumnos darão sempre a forma composta: — tinha estudado, tinha dormido, tinha brincado, tinha fugido, etc. Quando a classe completar facilmente a professora ensinará, para dois ou tres verbos, a forma simples, estudara, brincara, dormira, etc., pedindo outros exemplos.

(escrever)

EU JÁ TINHA DORMIDO QUANDO A CHUVA

Ha na phrase dois factos e, portanto, dois verbos. Ambos estão no TEMPO PASSADO. Um delles, CAIU, já é conhecido. EXPRIME, INDICA, um facto completamente PASSADO. E' um

PASSADO PERFEITO.

TINHA DORMIDO, porém, é uma forma nova de TEMPO PASSADO. EXPRIME, ou AFFIRMA um facto completamente passado, ANTES de outro tambem completamente passado, mais antigo, portanto.

CAIU, sabemos, é um facto completamente passado. TINHA DORMIDO, porém ainda é mais antigo. Aconteceu antes do facto "CHUVA CAIU". TINHA DORMIDO é, assim, um PASSADO, é um PASSADO MAIS QUE PERFEITO.

Esta nova forma do PASSADO póde, como já vimos, ser simples, ou composta:

(escrever)

NÓS JÁ *tinhamos brincado* QUANDO A PROFESSORA CHEGOU

NÓS JA BRINCAMOS QUANDO A PROFESSORA CHEGOU.

Arguição, mandando substituir, ora numa, ora noutra das phrases, NÓS por EU — TU — ELLE — VÓS — ELLES e o verbo brincar por outros.

O PASSADO tem, portanto, quatro divisões:

PASSADO IMPERFEITO
PASSADO PERFEITO
PASSADO PERFEITO COMPOSTO,
ou CONTINUADO
PASSADO MAIS QUE PERFEITO —
Simple e Composto.

Em lugar da palavra PASSADO, tambem se diz PRETERITO.

LIÇÃO III

Arguindo um dos quadros muraes já empregados, ou tendo préviamente escripto no quadro negro as sentenças, a professora iniciará a aula recapitulando todas as noções dadas nas duas primeiras aulas, principalmente a ultima parte da segunda lição, devendo empregar nesse exerci-

Já vimos todas as divisões do TEMPO PASSADO. Resta, agora, estudar as divisões do FUTURO, uma vez que o PRESENTE é um só, não tem divisões.

(escrever)

AMANHÃ PAULO CHEGARÁ
AMANHÃ PAULO já terá CHEGADO.

Nas duas phrases o verbo CHEGAR está no TEMPO FUTURO, pois em ambas INDICA, ou MOSTRA, AFFIRMANDO, um facto que ainda não aconteceu, que está para acontecer, um facto de AMANHÃ.

Haverá differença entre as duas phrases?

Arguição insistente, recusando a differenciação baseada no facto do verbo, em um caso, ser expresso por uma palavra e no outro por duas, assim como, também, a presença da palavra JÁ. Obtida, ou dada, em ultimo caso a differenciação:

Na primeira phrase o verbo CHEGAR INDICA, simplesmente, um facto que está para acontecer, que acontecerá amanhã. Mais nada.

Na segunda phrase o verbo CHEGAR INDICA ou AFFIRMA um facto que também está para acontecer, é certo, mas que acontecerá antes de outro que também está para acontecer. A phrase

AMANHÃ PAULO JÁ TERA' CHEGADO — quer dizer: QUANDO O DIA DE AMANHÃ CHEGAR, ou NASCER, PAULO JÁ TERA' CHEGADO, isto é, primeiro chegará Paulo e depois é que chegará o dia de amanhã. Ha portanto, muita differença entre as duas formas de FUTURO.

A primeira forma, da phrase

AMANHÃ PAULO CHEGARÁ

é um FUTURO SIMPLES ou ABSOLUTO.

A segunda forma, da phrase

AMANHÃ PAULO JÁ TERÁ CHEGADO

é um FUTURO RELATIVO, ou COMPOSTO.

O TEMPO FUTURO tem, pois, duas divisões:

FUTURO SIMPLES, ou ABSOLUTO e
FUTURO RELATIVO ou COMPOSTO.

Vamos, pois, estudar, quando é que se empregam as duas formas e distinguir bem uma da outra:

(escrever)

..... AMANHÃ.

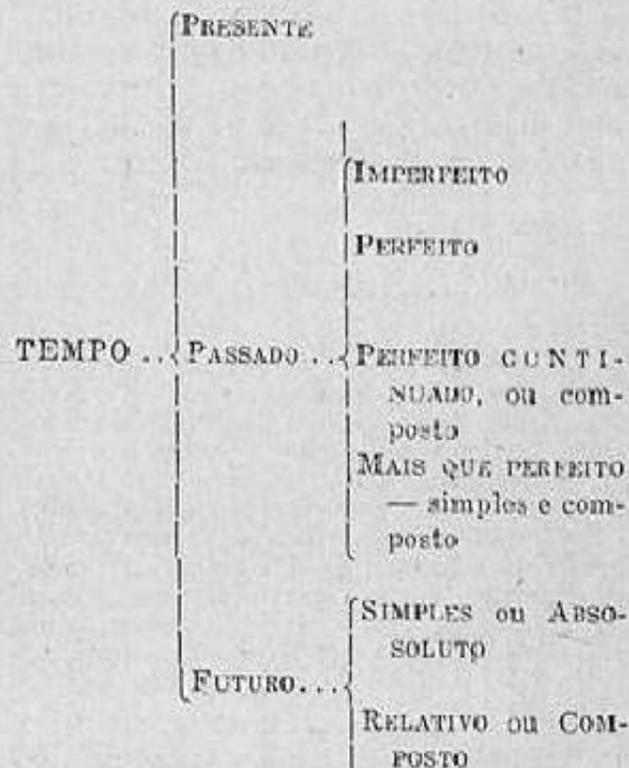
Mandar completar a phrase, indicando o verbo, recusando o FUTURO RELATIVO e variando as PESSOAS, de forma a serem empregadas todas. Frisar que o FUTURO ABSOLUTO exprime somente um facto que está para ocorrer, usando outras sentenças, como IREI A' CIDADE. — TRABALHAREI A' NOITE. — DESCANSAREI LOGO.

(escrever)

DOMINGO..... JÁ.....

Mandar completar com o verbo e pessoa indicados, dando, caso preciso, um exemplo. Pedir outros exemplos e depois de os obter facilmente, com todas as pessoas, que ficarão recapituladas, frisar a significação: facto que acontecerá antes de outro.

Agora já conhecemos todas as divisões do TEMPO. Essas divisões são:



Recapitular o que cada TEMPO exprime. Pedir exemplos e mais ex-

emplos. Recapitular as noções de **NUMERO** e **PESSOA**, com insistência, dirigindo-se aos alumnos de desenvolvimento mais moroso. O tempo regulamentar deverá ser esgotado nesses exercicios, que deverão ser variados, intercalada a recapitulação de uma noção com a de outras, evitando a monotonia.

LIÇÃO IV

A presente lição se baseia no quadro n. 6 e, não o possuindo, a professora deverá graphar previamente, no quadro negro, as sentenças necessarias, de accordo com o texto.

Já estudamos todas as divisões do **TEMPO**, já sabemos que o **VERBO**, com uma simples mudança em sua forma, **INDICA**

NUMERO — SINGULAR e PLURAL

PESSOAS — que fala, com quem se fala, de quem se fala

TEMPO — PRESENTE, PASSADO e FUTURO.

Servindo-se do quadro n. 6 aberto, ou previamente escripto a professora recapitulará as divisões do **PASSADO** e **FUTURO**, recordando, tambem, as **PESSOAS** e palavras que as apresentam.

Agora, já sabendo que os verbos **INDICAM NUMERO, PESSOA e TEMPO** e conhecendo, tambem, quaes os **NUMEROS, PESSOAS e TEMPOS**, já podemos conjugar verbos. **CON... JU... GAR** um verbo é dizer a forma que ella toma para indicar cada uma das pessoas, em cada um dos dois numeros em um **TEMPO** que se quer. Se dissermos

(escrever)

FORAM á CIDADE

Qual é o **SUJEITO**?..... Elles, não é assim? **ELLES**, terceira pessoa, no **PLURAL**. E qual o **TEMPO**?

Arguição até ser obtida a resposta com a indicação: **PASSADO**. Continuar para saber qual **PASSADO**, ensinando em ultimo caso.

FORAM, portanto, é um **PASSADO PER-**

indica a terceira pessoa do plural do **PASSADO PERFITO**.

Conjugar verbos é facil. Basta saber falar, saber dizer aquillo que se quer dizer. Quem conhece as **PESSOAS** e a significação dos **TEMPOS**, isto é, que o **PASSADO MAIS QUE PERFITO**, por exemplo, exprime um facto passado antes de outro tambem passado, não póde errar. Bastará completar algumas phrases com cada uma das **PESSOAS** e o verbo indicado para conjugarmos esse **VERBO** em todos os **TEMPOS** que já conhecemos. Assim o

PRESENTE se conjuga completando a phrase:

.....**AGORA****MUITO**.

pondo-se antes de "agora" a pessoa e depois o verbo indicado.

Arguição, dando um verbo e mandando completar a phrase com esse verbo e cada uma das pessoas, como, por exemplo: eu, agora, estudo muito — tu, agora, estudas muito, — elle, agora, estudamos muito, vós agora, estudais muito — elles, agora, estudam muito. Repetir com outros verbos.

Basta, pois, completar a phrase com cada uma das pessoas e o verbo que se quer conjugar, para acertar e, assim, não é preciso repetir a phrase toda. Vamos dizer sómente as pessoas e o verbo, ficando a phrase somente como guia.

Arguição, dando um verbo e mandando conjugar, a principio enunciando a professora as pessoas e depois fazendo com que os alumnos digam tambem as pessoas.

Já sabemos conjugar o **PRESENTE**. Vamos, agora, ao **PASSADO**, que tem quatro formas. A primeira é o **PASSADO IMPERFEITO**, que **EXPRIME** um facto **PASSADO**, porém presente em relação a outro facto tambem **PASSADO**. O **PASSADO IMPERFEITO** apparece quando se completam phrases como:

(escrever)

... **QUANDO CHOVEU**.

Arguição para completar a phrase dando um verbo, como, por ex-

emplo, brincar e arguir até obter ou ensinar a resposta: eu brincava quando choveu. Repetir, então, o que se fez com o PRESENTE, fazendo conjugar no mínimo seis verbos, sem repetir a phrase toda.

Tratemos, agora, da segunda forma do PASSADO, que é, como já sabemos, o PASSADO PERFEITO — que exprime um facto completamente passado e apparece em phrases como:

(escrever)

.....HONTEM.....

Completar a phrase com a primeira pessoa e, em seguida, conjugar os verbos dados, sem repetição da phrase, accentuando, de quando em vez, que se trata de facto completamente passado. Frisar sempre, com insistencia, a differença das duas formas da segunda pessoa deste tempo — bebeste — bebestes.

Qual a divisão do PASSADO que devemos estudar agora? Já vimos o IMPERFEITO e o PERFEITO. Agora é a vez do...

PERFEITO CONTINUADO, ou COMPOSTO, que exprime um facto passado, porém continuado, uma coisa que aconteceu e continuou a acontecer. Essa forma se acha em phrases como

(escrever)

DEPOIS DO CASTIGO MUITO.

Completar a phrase com o verbo dado, frisando que o verbo terá de exprimir um facto *passado e continuado*, isto é, *repetido*. Insistir na differenciação entre trabalhei e — tenho trabalhado — brinquei — e tenho brincado — estudei e — tenho estudado, isso fazendo conjugar o tempo, exactamente como nos casos anteriores.

Falta, agora, a ultima divisão do PASSADO, que é o

PASSADO MAIS QUE PERFEITO, que tem duas formas — simples e composta — e exprime um facto PASSADO antes de outro também completamente PASSADO. Elle apparece em phrases como

(escrever)

.....JA'..... QUANDO A CHUVA CAHIU.

Completando esta phrase com a pessoa indicada e um verbo que **INDIQUE**, que **CONTE** uma coisa que já tenha acontecido quando a chuva cahir, teremos a forma do **MAIS QUE PERFEITO**.

Arguição, dando o verbo e lembrando que o mesmo deverá exprimir facto completamente passado em relação a **QUANDO A CHUVA CAHIU**. Obtida a resposta, fazer conjugar, como nos casos anteriores, sempre frisando a significação. Substituir a forma encontrada pela outra, como estudara, por tinha estudado, ou vice-versa, accentuando que estudara é a mesma coisa que tinha estudado.

Já sabemos conjugar um verbo no Presente e nas quatro formas do PASSADO que conhecemos. Resta, assim, conjugar verbos no FUTURO, que tem duas divisões, podendo ser

SIMPLES, ou **ABSOLUTO**, quando **EXPRIME** simplesmente um facto que está para acontecer: irei, cantarei, estudarei, porei.

RELATIVO, ou **COMPOSTO**, quando **EXPRIME** um facto que acontecerá antes de outro: terei estudado, teremos brincado, terão dormido, etc.

O **FUTURO SIMPLES**, ou **ABSOLUTO** apparece completando-se a phrase:

.....AMANHÃ

Mandar completar a phrase, depois de um exemplo dado, indicando um verbo e insistindo em que o mesmo deverá indicar facto que ainda está para acontecer. Fazer conjugar varios verbos.

Para o **FUTURO RELATIVO**, ou **COMPOSTO**, a phrase guia é

(escrever)

.....JA'..... QUANDO CHOVER.

Completando-se esta phrase com um verbo que indique um facto que acontecerá "antes de **CHOVER**" tem-se o futuro relativo, isto é, um facto que acontecerá antes de outro.

Mandar completar. Fazer repetir varios exemplos insistindo na differença

ACADEMIA DE SCIENCIAS COMMERCIAES DE ALAGOAS

FUNDADA E MANTIDA PELA

Sociedade Perseverança e Auxilio dos Empregados no Commercio

Equiparada á sua congénere da Capital Federal pelo Decreto 4724 A, de 23 de Agosto de 1923

Prepara convenientemente os seus alumnos
para Contadores, Agentes consulares,
Peritos judicarios, Empregados de Fazenda,
de Bancos etc.

Mantém 3 cursos: Annexo ou de Preparatorios;
Geral ou de Contadores, e Superior
ou de Bachareis em Sciencias Commerciaes

Admitte alumnos LIVRES, independentes dos Cursos
Seriados, sem exame.

SUBMINISTRA CONVENIENTE INSTRUÇÃO TECHNICA E LITTERARIA.
DISPÕE DE UMA BIBLIOTHECA DE 7000 VOLUMES

Director — DR. AUGUSTO GALVÃO
Secretario — AURYNO MACIEL

Sede: Rna 15 de Novembro, 418 — MACEIO'

Casa Americana

Guilherme Gustavo Cörner

RUA DR. ROCHA CAVALCANTE N. 147

Teleph. : 445

Telegr. MADORNER

Automoveis: HUDSON — ESSEX

Caminhões: REO — Moto "INDIAN"



"RIVERSIDE"

A melhor
bateria

VICTOR:

Vitrolas orthophonicas -- Discos VICTOR,
PARLOPHON, ODEON e COLUMBIA



MACHINAS "WNDEROOD"

Pneumaticos DUNLOP

Correias inglesas para fabrica de tecidos etc.

FAIRBANKS MORSE & Cia.: Motores a kerozene ou alcool para fins agricolas ou industriaes.
Electrogenios domesticos (luz e forca motriz). Bombas a vapor
DUPLEX para baixa pressao. Moinhos a vento.

teneição entre as duas formas de futuro, ABSOLUTO e RELATIVO. Conjuguar varios verbos e, a seguir recapitular praticamente a lição, tomando as phrases guias, que deverão ser apontadas, enquanto o alumno conjuga o verbo dado no respectivo TEMPO. Apontando, por exemplo, a phrase guia do PRESENTE, assim permanecerá enquanto durar o exercicio com esse TEMPO. Insistir sempre na significação dos TEMPOS, levando os alumnos a associarem tal significação ás phrases guias, que mentalmente completarão.

LIÇÃO V

Servindo-se das phrases guias da lição anterior, mediante o respectivo quadro, ou previamente escriptas, a professora recapitulará durante cinco a dez minutos a conjugação dos tempos do *indicativo*.

Já ficou bem claro que o VERBO, AFFIRMANDO factos, INDICA ou MOSTRA

NUMERO — PESSOA — TEMPO

Rapida arguição sobre NUMERO, PESSOA e TEMPO, estabelecendo suas divisões e subdivisões.

Além dessas tres noções, os verbos ainda dão outra, tambem muito interessante e que é a maneira, ou MODO pelo qual CONTAM, EXPRESSAM ou AFFIRMAM os factos. Os verbos podem CONTAR ou AFFIRMAR os factos de varios MODOS e é isso que falta ser estudado.

Até agora temos estudado os verbos em um modo somente: o MODO pelo qual CONTAM, ou INDICAM os factos pura e simplesmente. Esse MODO, por isso que se limita somente a INDICAR os factos, sem quaesquer condições, tem o nome de MODO INDICATIVO.

Já conhecemos esse MODO, pois todos os verbos que temos estudado tem sido unicamente no INDICATIVO. Vamos, agora, ver os outros MODOS, que são em numero de quatro. Vejamos a phrase

(escrever)

MIGUEL ESTUDARIA SE TIVESSE TEMPO

Na phrase ha dois factos; o primeiro — MIGUEL ESTUDARIA e o segundo SI TIVESSE TEMPO.

O primeiro facto é AFFIRMADO, ou CONTADO pelo verbo ESTUDAR, já conhecido, mas que apresenta, agora, uma forma que ain-

da não estudamos, uma forma NOVA, uma forma que não é do MODO INDICATIVO.

Rapida recapitulação tendendo a provar que estudaria não é forma do indicativo.

ESTUDARIA é, portanto, realmente, uma forma nova. Qual é o TEMPO que exprime? PRESENTE, PASSADO ou FUTURO?

Arguição até obter, ou ensinar que é uma forma do PRESENTE.

Como, de que modo Miguel estudaria? Estudaria si tivesse tempo, isto é, com a CONDIÇÃO de ter tempo. O verbo estudar está, portanto, EXPRESSANDO, CONTANDO um facto que depende de CONDIÇÃO. Por isso mesmo que EXPRESSA facto que depende de condição. O MODO em que está o verbo estudar se chama MODO CONDICIONAL.

O MODO CONDICIONAL, que somente se usa em duas formas, uma para o PRESENTE e outra para o PASSADO, apparece em phrases como as seguintes:

(escrever)

CONDICIONAL PRESENTE ou FUTURO

..... si pudesse

Completando-se a phrase acima com o verbo indicado acha-se a forma do CONDICIONAL PRESENTE.

Arguição, podendo a professora dar o primeiro exemplo.

(escrever)

CONDICIONAL PASSADO

..... si tivesse tido tempo

Mandar completar a phrase com o verbo indicado, frisando que a forma pedida deverá *exprimir* um facto passado. Recapitular as duas formas praticamente, conjugando varios verbos nos dois tempos do modo.

O verbo tambem exprime ordem, ou pedido. E' esse um MODO muito interessante e que por exprimir ordem, se chama IMPERATIVO. Como somente podemos dar ordens á pessoa com a qual falamos, o MODO IMPERATIVO somente se usa na segunda pessoa, singular e plural, isto é, somente tem forma para as pessoas TU e VÓS.

Quando se diz: VAE, BEBE, ESTUDA, CORRE, nos dirigimos sempre á segunda pessoa do

singular — TU. Vae tu, — corre tu — estuda tu.

Dando ordem a mais de uma pessoa diremos: CORREI — ESTUDAÉ — TRABALHAÉ e, nesse caso, a pessoa é VÓS.

Arguição, pedindo o imperativo de varios verbos, inclusive chover, trovejar, para accentuar que ha verbos que não podem ser conjugados nesse MODO.

Temos ahí tres MODOS: INDICATIVO, CONDICIONAL e IMPERATIVO. Faltam dois. Vamos ver o quarto. Tomemos, por exemplo, a phrase

(escrever)

MAMÃE QUER QUE EU ESTUDE

Temos dois factos, o primeiro expresso pelo verbo QUERER (Mamãe quer). Em que TEMPO e MODO está o verbo QUERER na phrase?

Arguir, auxiliando si preciso for, até mostrar que a forma QUER é a terceira pessoa do PRESENTE DO MODO INDICATIVO.

O segundo facto (que eu estude) é expresso pelo verbo ESTUDAR, já conhecido. A forma ESTUDE, porém, parece nova. Será?

Arguição muito rapida, auxiliada, para provar que a forma ESTUDE não pertence aos MODOS já estudados, o que se obtem conjugando rapidamente o verbo estudar. Frisar que ESTUDE se refere á primeira pessoa do singular e que está no PRESENTE, não pertencendo ao INDICATIVO, nem ao CONDICIONAL, ou IMPERATIVO.

QUER é a terceira pessoa do PRESENTE do MODO INDICATIVO e ESTUDE é a primeira pessoa do PRESENTE de um MODO que ainda não conhecemos e que EXPRIME factos que dependem de outros. Com effeito, si se escrevesse somente, sem mais nada

QUE EU BRINQUE

não se poderia entender. Os factos contados por esse novo MODO, que se chama SUBJUNCTIVO, ou CONJUNCTIVO, não se entendem quando isolados; somente completam e explicam outros factos.

O SUBJUNCTIVO se usa em seis for-

mas, ou tempos, que se encontram facilmente, como vamos ver.

(escrever)

SUBJUNCTIVO — PRESENTE

Mamãe quer que.....

Completar a phrase, com varios verbos, accentuando que se trata de PRESENTE. Conjuguar outros verbos, sem repetição da phrase.

SUBJUNCTIVO — PASSADO OU PRETERITO IMPERFEITO

Mamãe quiz que.....

Fazer completar a phrase, não deixando de accentuar que o verbo dado deverá exprimir facto passado, não em presente em relação a QUIZ. Exemplos e mais exemplos.

SUBJUNCTIVO — PASSADO OU PRETERITO PERFEITO

Vóvó não acredita que.... já....

Mandar completar a phrase frisando que o verbo dado deverá exprimir um facto completamente passado, pois se trata de PASSADO, ou PRETERITO PERFEITO. Uma dezena de exemplos.

SUBJUNCTIVO — PASSADO OU PRETERITO MAIS QUE PERFEITO

Vóvó não acreditou que.....

Mandar completar depois de frisar a differença de tempo entre acredita (presente) e acreditou (passado) lembrando que MAIS QUE PERFEITO exprime facto passado antes de outro também passado. Exemplos varios.

SUBJUNCTIVO — FUTURO SIMPLES

Quando..... tudo ficará certo.

Mandar completar a phrase, lembrando que se trata de FUTURO, podendo ensinar o primeiro exemplo. Empregar os verbos ver, vir, ouvir, trazer, fazer, ir, ser.

SUBJUNCTIVO — FUTURO RELATIVO (composto)

A professora ficará contente si... já....

Completar a phrase e pedir outros

exemplos, indicando os verbos, accentuando sempre que se trata de futuro relativo, isto é, de facto que acontecerá antes de outro. Prolongar o exercício até faltarem dez minutos para terminar o tempo regulamentar, empregando esses dez minutos no ensino do MODO INFINITO.

Já conhecemos quatro MODOS: INDICATIVO, CONDICIONAL, IMPERATIVO, CONJUNCTIVO, ou SUBJUNCTIVO. Falta um MODO, que se chama INFINITO, ou MODO QUE NÃO TEM FIM, porque não CONTA, nem AFFIRMA com precisão, como os outros MODOS.

A primeira forma do INFINITO é o próprio nome do VERBO, e, assim, ANDAR, CANTAR, DORMIR, CORRER, IMPOR, são formas do INFINITO.

Assim usados os verbos não indicam geralmente pessoas e, por isso, se chama a essa forma INFINITO IMPESSOAL. O INFINITO IMPESSOAL é o nome do verbo.

A's vezes, porém, o INFINITO designa pessoas e, então, se chama INFINITO PESSOAL. Essa forma apparece em phrases como:

(escrever)

A PROFESSORA TRABALHA PARA....

Mandar completar a phrase não permitindo o emprego da palavra QUE depois de para, podendo dar um exemplo e pedir outros. Mandar completar a phrase com verbos como ser, ver, ir e outros cujo infinito pessoal é differente do futuro do subjunctivo.

Além das duas formas estudadas, PESSOAL e IMPESSOAL, o INFINITO ainda tem duas outras formas, que são:

PARTICIPA PRESENTE que apparece na phrase

.....sempre, assim tems vivido.

PARTICIPA PASSADO que apparece em phrases como

Agora está tudo.....

ou Temos.....

Arguir completando as phrases.

LIÇÃO VI

Abrir, antes do inicio da lição, o quadro n.º 8 ou na falta, escrever

previamente, de accordo com o texto, as phrases guias a serem empregadas. Iniciar e continuar a lição fazendo os alumnos conjugarem verbos de todas as conjugações, regulares ou não, sem repetição das phrases, que deverão ser completadas mentalmente. Quando um alumno hesitar, passar a outro, ou a outros, até que um responda, voltando aos fallosos, com outro verbo.

ACOMPANHAR O ANNEXO.

Concluida a lição os alumnos praticamente saberão conjugar qualquer verbo, desde que se lhes ponha nas mãos uma collectanea das phrases empregadas, collectanea que lhes ensina o emprego das formas verbaes.

Restará a tarefa, muito mais suave, de gravar, de tornar duraveis as noções ensinadas e esse será o objectivo das recapitulações systematisadas sobre cada um dos *themas* das cinco primeiras lições, até que as mesmas fiquem totalmente assimiladas.

Nas recapitulações as arguições deverão ser muito mais rigorosas, principalmente quanto á significação das formas verbaes. O emprego dos tempos do futuro, do condicional, assim como do subjunctivo darão ensejo á correccão de vicios de linguagem muito generalizados. A construcção de phrases com o futuro do subjunctivo dos irregulares chamados fortes, como fazer, trazer, dizer, bem utilizada evitará as lamentaveis confusões, tão communs, entre tal forma e o infinito pessoal.

Nas recapitulações as professoras deverão escolher os verbos a serem conjugados, explicando previamente a significação dos mesmos. Muito embora não haja vantagem alguma em tratar, na escola primaria, de distinguir conjugações, será facilimo á professora levar os alumnos a concluir que todos os verbos, na forma nominal, acabam em

ar, er, ir e or

ficando discriminadas as conjugações.

A conjugação do verbo ser e dos demais verbos predicativos obtém-se facilmente, introduzindo nas phrases guias, quando necessário, adjectivos, como, por exemplo, para o indicativo presente do verbo ser: agora feliz. Pret. Imp. feliz ... quando a chuva cahiu.

A conjugação dos verbos pronominaes também deve merecer especial cuidado nas recapitulações.

Recapitulando o condicional ensinar que o presente desse MODO exprime facto que continua, que é um presente que passa ao futuro.

APONTAMENTOS PARA PRELECCÕES

Sobre

O CARVÃO DE PEDRA, LIGNITE E TURFA

Sua applicação no fabrico do Gaz e seus usos

Hulha, carvão fossil, vulgarmente conhecido por carvão de pedra ou carvão mineral. A hulha é o resultado de uma carbonisação lenta e sem ar, de materias vegetaes que se accumularam nas camadas terrestres anteriores ao actual periodo geologico.

A hulha encontra-se a grandes profundidades e, para exploral-a, é necessario abrir galerias subterraneas horizontaes que communicam com o solo por meio de poços, alguns dos quaes chegam a ter centenas de metros de profundidade. No meio das camadas de hulha acham-se ainda hoje impressões de plantas: fétos arboreos, sigillarias, etc. Os principaes jazigos hulhiferos encontram-se geralmente na orla dos terrenos primitivos. Os mais importantes são na Inglaterra (Cuberland), nos Estados Unidos (Massachusetts, Pennsylvania), na Allemanha (bacia do Rhur), na França (bacia Norte), e na Belgica (Mons. Charleroi).

Existe outra especie de carvão fossil denominado "Lignite", no qual se encontram signaes bem visiveis de organisação vegetal. A sua extracção faz-se em jazigos menos profundos, sendo, por isso, menos comprimido que o carvão de pedra, motivo por que tem menos força combustivel.

Ha ainda uma outra especie de carvão, a "Turfa", que é formada por materias vegetaes mais ou menos carbonizadas. A turfa forma-se no fundo das aguas claras e lentas. O seu valor combustivel é menos importante do que o do lignite.

Com qualquer dessas especies de carvão fabrica-se gaz. Entretanto o carvão de pedra é de preferencia em-

pregado no seu fabrico por ter mais rendimento calorifico.

GAZ

A Inglaterra foi o berço da fabricação do gaz, tendo sido William Murdoch o primeiro que fez successos na sua applicação, em 1792. O progresso que a industria alcançou nos ultimos dois seculos, influiu consideravelmente a favor do carvão de pedra, pelo seu maior rendimento.

O gaz usado em geral é um producto da distillação do carvão de pedra. A distillação effectua-se pelo processo de ferver o carvão em vasos fechados, denominados retortas, sem contacto com o ar e com o fogo.

A alta temperatura pela qual estas retortas são aquecidas, torna a carga do carvão collocada no interior das mesmas numa massa plastica que pela continuada acção do calor fica quasi liquida e em estado de ebulição. Neste ponto o gaz se desprende semelhante ao vapor que sae da superficie d'agua fervendo.

O gaz eleva-se para a sahida da retorta e dahi passa aos aparelhos purificadores onde é livrado das materias inertes, que impediriam ou diminuiriam o seu poder calorifico.

O carvão de pedra depois de ter soffrido este tratamento, livra-se de todos os ingredientes capazes de serem volatilizados e fica um residuo de natureza esponjosa ao qual se dá o nome de carvão coke.

O gaz purificado é levado, por compressão, para um gazometro.

Gazometros são cylindros de grandes dimensões que mergulham dentro de uma bacia d'agua para evitar a entrada do ar. O gaz passa pela

parte inferior delles e levanta, pela sua pressão, o cylindro. Gazometros de grandes dimensões foram construidos na America do Norte, em Nova York, encontrando-se, ali, dois de capacidade, cada um, de 15 milhões de pés cubicos de gaz, ou sejam 425.000 metros cubicos, isto é, 26 vezes maior do que está installado na cidade do Recife. O maior gazometro Europeu é o de Greenwich, na Inglaterra, com capacidade para 12 milhões de pés cubicos de gaz.

Abrindo-se uma valvula no gazometro, o gaz passa pela pressão propria, causada pelo proprio peso do cylindro movediço, para a canalisação installada geralmente abaixo do solo, e dahi se deriva, por outras canalisações, para o logar do consumo, abastecendo assim as necessidades domesticas e industriaes da população.

O uso do gaz é muito vasto, podendo ser classificado em tres categorias, a saber:

- Uso domestico.
- Uso industrial.
- Uso municipal.

USO DOMESTICO

Utilisa-se o gaz nas residencias particulares para o preparo das refeições diarias, com o emprego de um fogão apropriado, podendo, deste modo, ser apreciada a differença sensivel entre um fogão a gaz e um a carvão vegetal ou a lenha.

Lavam-se roupas em aparelhos ligeiramente aquecidos a gaz, tornando-se, igualmente, apreciavel o con-

traste entre uma machina de lavar roupa e uma bacia commum.

As roupas lavadas passam-se com ferro aquecido a gaz, o que vem salientar a differença entre o ferro a gaz e o ferro a carvão vegetal.

Preparam-se banhos quentes em cinco minutos por meio de um aquecedor a gaz.

Conservam-se comidas num refrigerador a gaz, etc., etc.

USO INDUSTRIAL

O gaz é fornecido á industria para as seguintes applicações:

Aquecimento de fornos de padaria e biscuitaria, para fundições, lavanderias, laboratorios, pharmacias, fabricas de massas alimenticias, refinações de assucar, torrefações de café, seccadores mecanicos de fabricas de tecidos, vulcanisações, liquefacção de metaes, de chumbo para typographia e linotypos, tinturarias, etc., etc.

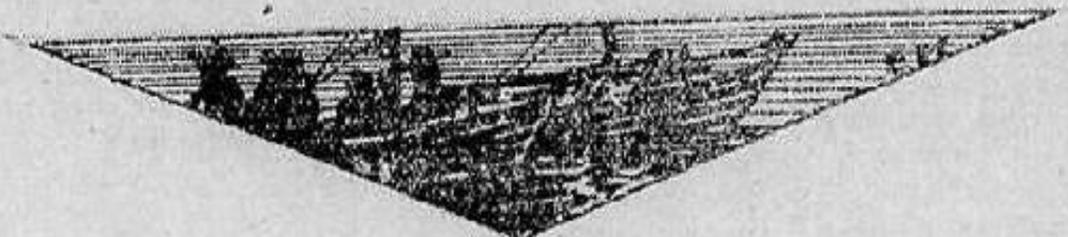
Movem-se motores com gaz.

Apreciou-se ha pouco a passagem da aeronave "Graf Zeppelin" cujos motores são alimentados e movidos a gaz.

USO MUNICIPAL

Algumas municipalidades, reconhecendo a conveniencia de preço, illumina as ruas da cidade com lampões a gaz.

Além da enumeração ahi feita, o gaz tem inumeras outras applicações, podendo-se dizer que onde seja preciso usar calor obtem-se os melhores resultados com o uso do gaz.



A Prática da Escola Activa

A brilhante serie de conferencias que a Sociedade Alagoana de Educação vem realisando, com indiscutivel utilidade e grande exito, trouxe á sua tribuna a palavra calorosa e competente do Dr. J. Travassos, uma das mais robustas affirmações de utilidade dessa hora em Alagoas e uma das mais lucidas e equilibradas intelligencias em prol da remodelação dos nossos processos educativos.

A conferencia do Dr. J. Travassos versou sobre — "A Prática da Escola Activa" e é a que em seguida publicamos.

Selecto e honroso auditorio.

Não é meu costume, quando fallo ao publico, encher-me de falsa modestia e adjectivar meu nome com qualificativos humildes, para provocar os "não apoiado" da assistencia, que irão, então, impar de orgulho o orador, que vir nelles, algo mais que mera delicadeza. Faz-se preciso, porém, dar-vos um pequeno aviso. Não ides ouvir a um pedagogo afamado, mas simples e unicamente a um homem que sempre ensinou, por caridade, por patriotismo, por obrigação ás vezes, e até por diversão. Possúo, vamos assim dizer, a mania de ensinar e, de alguns annos a esta parte, ensino por função de officio. E é consequencia dessa mania, o estar eu deante de vós, a vos expôr esse punhado de idéas que se me antolham o cerebro e as quaes aqui conduzo para receberem a vossa critica severa e justa, com o unico fim de trazer o meu contingente á obra da S. A. E., contingente esse que deve ser accrescido daquelle que trazer cada um de vós. Eu daqui exijo, em nome da Directoria da S. A. E. o concurso de cada professor. Aquelles que ensinam com dedicação, tem sempre alguma observação interessante a fazer aos collegas. Com os que dirigem, acontece a mesma cousa. Entre

aquelles que tem tempo e meios de aquisição de livros pedagogicos e, portanto, que os têm e os propagam e aquelles que applicam essas regras na pratica do ensino, ou melhor, entre o pedagogo e o methodologista precisa haver a discussão sincera e amiga. Já estaes acostumados a ler nos jornaes locais, que na Sociedade de Medicina Alagoana, o Dr. Fulano irá fazer uma communicação. E' preciso que isso aqui se faça. Acabou o tempo do discurso, do "magister dixit" e para dar o exemplo, eu, o menos autorizado (não dêem não apoiados) dentre vós, na minha conversa de hoje sobre ensino, dou desde já direito a cada um de vós que me ouvis, de apartear-me, de interromper-me, mesmo porque espero nos vossos apartes aprender muita cousa. Não temaes, quando cumpris o dever de membros da S. A. E., a maledicencia dos demolidores. Essa é propria dos que nada tendo a fazer se comprazem a pretender demolir o que outros constroem. Aprender e ensinar são os dois polos entre os quaes se debate a vida do professor. Aprendamos, pois, na Sociedade Alagoana de Educação e ensinemos nas escolas. Só com o concurso da escola e da S. A. E. é que podemos aprender a ensinar.

Proponho-me a falar-vos dos methodos modernos de educação, com a visão pratica de quem ensina todos os dias, dando-vos minha opinião franca; dir-vol-a-ei com a sinceridade de quem está convicto de fazer um acto de patriotismo, não deixando morrer em si idéas uteis talvez á nossa Sociedade.

Sabeis que evoluimos da escola palavrosa, bachãrelesca, estrangeirada, para a escola do trabalho, socializada, pratica, local. Precisamos adoptar seus methodos, livrando-os da influencia dos methodos antigos, por meio dos quaes aprendemos, para que ella possa produzir o resul-

tado desejado. Precisamos estudar suas vantagens e repetil-as para melhor gravar em nossa mente.

A Escola Activa, organisa seu ensino não por materias e sim por centros de interesses, ou melhor pelo estudo, sob todos os pontos de vista, de objectos, acontecimentos, seres, e industrias, que o professor levará o alumno a fazer. Para mim a mais clara razão de adoptarmos os centros de interesse é a lembrança que temos, de, quando nos primeiros annos de vida, assim que tinhamos um objecto deante dos olhos, querer tocá-lo com as mãos, indagarmos seu nome, quem o fez, como elle foi feito, para que serve, e, ás vezes, até porque o nosso papá não o comprou maior ou menor ou, ainda, de côr diversa. E' emfim uma serie de perguntas com que a criança exige, de seu papá e de sua mamã, o ensino de que ella precisa. Porque não ensinarmos, pois, desse modo? Nada nos impede de assim fazel-o, para satisfação da propria criança, senão a pedante ignorancia de paes e professores.

Quaes, no entretanto, as difficuldades de executar esses methodos? São muitas e muitas que só o professor dedicado poderá sobrepujal-as. Em primeiro lugar recebemos alumnos de genios muito diversos, variando desde aquelle que o possui tão vivo, cuja necessidade de contello se faz mistér, pois precisamos occupar nosso tempo tambem com os outros, até aquelle tão fechado em si, com o qual levariamos o tempo todo para arrancar-lhe uma palavra, prejudicando igualmente o restante. E' cue verdadeiro apostolado o do professor, ter de sondar-lhes o coração, descobrir as causas dessas differenças e tratá-los de modo diverso para que se possa obter um resultado satisfactorio, no fim do anno lectivo e de forma que essa differença não venha a occasionar actos que possam vir a ser julgados pelos alumnos, como injustos. E' ahi começa a lucta que nunca mais findará, entre o professor e o coração do alumno,

no qual elle tem, por dever, até para com Deus, de criar, desenvolver e conservar as virtudes que devem fazer d'elle um homem completo, que no dizer de Pinto Serva deve ter "um corpo grego, um espirito romano e uma actividade americana". Mas para que estar a repetir e estudar isso que todos vós sentis diuturnamente e cujo unico remedio consiste na verdadeira comprehensão da phrase do Evangelho — Deixae vir a mim as criancinhas — tendo-as sempre a nosso lado, amando-as como a nós mesmos e conhecendo o dever que temos para com a Patria e para com Deus, de os educar no caminho do Bem, que é reformarmos os seus coraçõsinhos. E' se essa lucta era difficil na escola antiga, essa difficuldade augmenta muito na escola nova, onde o professor como que se annulla, para deixar trabalhar o alumno.

Faz-se mistér comprehendermos o fim, a utilidade da escola, que vejo, ás vezes, injustamente infamada. A escola activa pretende collocar-se em semelhança completa á vida. Ora, se na vida o homem deve cuidar de seu corpo e de manifestar o seu Eu, atravez dos actos intellectuaes e volitivos; tem o alumno que manifestar-se da mesma forma na escola. Na escola classica, os alumnos eram dispostos em classes, todos com a mesma frente, todos ouvido alerta, deante do professor, que julgava com discursos, desenvolver-lhe a intelligencia, em suas mais variadas aptidões, sua moral e até a capacidade de trabalho. Lia-se, na escola, a "Vida Practica", a "Vida Domestica", o "Mario" e tantos outros livros de leitura onde se dizia como se fabricavam as utilidades da vida, como se praticavam a moral e a hygiene, etc. E' julgava o professor haver cumprido o seu dever, quando de facto, elle só havia mostrado como as cousas se fazem e não havia ensinado a fazel-as porque elle proprio não o sabia. Conta um escriptor conhecido que em sua vida de Lyceu, o professor estava dando uma bella aula so-

bre electricidade e fazendo funcionar algunsapparelhos, mas ao dar-se um curto circuito na installação do predio, elle mandou chamar o electricista, que com certeza era, como de costume, analfabeto. E este resolveu o caso! Faz-me lembrar a anedocta contada na Amazonia e passada entre o caboclo nativo e o engenheiro que com elle viajava, o qual abusando da ignorancia daquelle, dizia, a cada pergunta sua, sem resposta satisfactoria, que o caboclo perdera metade da vida. O caboclo, já comprehendendo a chacota, indagou-lhe: "Seu Doutor sabe nadar?". — Sei não. — Então desta vez perdeu toda a sua vida, pois ahí vem a tempestade. O resultado desses melhos era, na vida, a victoria dos autodidactas, a victoria daquelles que tinham tido a vida por mestra.

A Escola activa, não quer-dizer como se faz, quer-fazel-o! mas não quer exercitar só a capacidade manual do alumno, com prejuizo de seu desenvolvimento moral e intellectual, como se lhe quer attribuir; quer exercital-o em todas as actividades de seu corpo e de seu espirito. A Escola Activa, não é copia do que se faz no estrangeiro, porque, sendo o assumpto escolhido pelo alumno, este só trará para aula assumptos locais. Portanto é a escola local. A Escola Activa é a escola com Deus, porque ella sendo organizada como a propria vida, não poderá nella ser negada a pratica da religião a alumnos, que aqui fóra deverão vir a practical-a. A Escola activa é a escola do patriotismo, porque nella vamos aprender o patriotismo mais valeroso, que é o vicio do trabalho quotidiano de enriquecimento da Patria pela agricultura, pela industria, pelo commercio e, principalmente, o levantamento do character nacional, a maxima riqueza de uma nacionalidade. Que será da agricultura, commercio, industria, se seus membros não tiverem o patriotismo preciso para obter cada vez melhores productos e para pagar os impostos de-

transformarem em servicos de assistencia ao povo, como soem ser os de ensino, hygiene, agricultura, transporte, etc.?!

Teremos sempre uma produção inferior, um paiz sem credito, um governo sem popularidade. A escola activa é a escola ideal, porque é o modelo da vida do lar, onde os nossos santos paes, nos ensinam diariamente a amar a Deus, a Patria e a Familia, não, instituindo classes de estudos, não, fazendo discursos, mas dando-nos seus bellos exemplos e fazendo-nos praticar os actos que nos conduzem ao caminho da honra e do dever.

Como attingirmos esse ideal? Comprehendendo essas primicias muito simples: a escola é a vida, o alumno é quem trabalha, o mestre é simplesmente o guia. Então vamos suppôr a criação de uma escola no povoado tal. A professora lá chega e nem casa tem para a escola! No outro tempo diriamos que estava tudo perdido, fazer as crianças estudarem sem uma casa, um mobiliario adequado, etc. etc. Mas, hoje, teremos quarenta alumnos a educar e não exclusivamente a instruir e a mais bella lição de patriotismo e de technica de trabalho será emprendermos a construção do edificio escolar. Para sua construção o chefe politico concorreu com o terreno, o restante da população num dia de "convidado", auxiliado pelos alumnos tapou a casa, que havia sido construida tambem com materiaes offertados. Vejam a primeira lição de solidariedade e de patriotismo, aliás copiada do processo pelo qual, as igrejas surgem e organisam suas escolas parochias. Enquanto os alumnos esperavam o predio escolar, como as primeiras funções a desenvolver nelles, são a observação e a expressão, as aulas podem ser ministradas em qualquer logar onde haja algo a observar, mesmo ao ar livre, ou em algum barracão improvisado. Estamos no predio escolar, faltam-lhe as portas e janellas. Pelo

Uma colher de saude



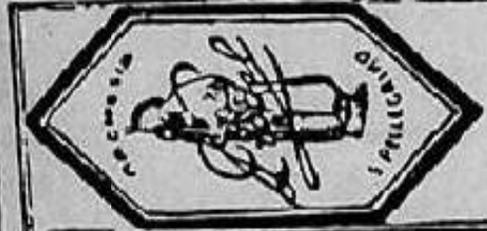
A
Magnesia S. Pellegrino
 na dose de uma colherinha
 das de chá, de manhã em
 jejum, cumpre uma acção
 benéfica para o intestino.

MAGNESIA S. PELLEGRINO

REPRESENTANTE PARA ALAGOAS
 L. C. BRAGA NETTO
 Commercio, 225, 1.º Andar,

Boleto
 Deve lo utilizar
 e deve lo pagar
 que inutiliza

LABORATORIO
 CHINATO
 FARMACIUTICO
 MODERNO
 TORINO



Preparata como
 todo iocante non
 uccia sapore lrems
 in bocca non lascia
 residuo in fondo al
 bicchiere: gradava
 lissima al palato e
 o migliore purgante,
 nutrizionale e diuso
 kthane dell'io
 maso e intestino
 veramente efficace
 in tutte le eta

SPES

Grande Empreza de Sorteios do Brasil Ltda.

Proprietaria do CLUB ECONOMICO PLANO -- FINANCEIRO

Autorizada e fiscalizada pelo Governo Federal-Decreto n.º 12.475 de 23-5-1917

VICTROLAS
E
GRAMOPHONES



DISCOS
E
ACCESSORIOS

Séde:--RECIFE--Rua General Abreu e Lima, 255--Agencias Geraes--
PARAIBYBA DO NORTE--RIO GRANDE DO NORTE--CEARA'--BAHIA
PARAIBYBA e ALAGOAS--MACEIÓ Rua do Commercio, 400

ESTE CLUB DISTRIBUE POR SORTEIO 927 PREMIOS INTEGRAES DOS SEGUINTES VALORES:

1 de	15:000\$000
2 "	3:500\$000
8 "	3:000\$000
12 "	1:000\$000
24 "	250\$000
80 "	100\$000
800 "	10\$000

Sorteios pela Loteria Federal, na 1a. e 3a. segunda-feira de cada mês

INSCREVEI-VOS

Joia . . . 2\$000 Contribuição por sorteio . . . 2\$000

Alcides Ramos de Lima
AGENTE GERAL

tidas, ou por outro mais interessante. Por exemplo: distribuem-se pelos alumnos, algumas sementes de milho a plantar ou alguns ovos de galinha a incubar; no fim de alguns mezes o milho ter-se-á multiplicado e os ovos serão gallinhas. Ambos os productos vendidos poderão nos fornecer as portas e as janellas. E ter-se-ão dado 2 optimas lições de agricultura. Emfim, tudo surgirá assim com a boa vontade de todos.

E, o que vamos ensinar? Vamos encher as cabecitas infantis de regras de arithmetica e grammatica, de nomes geographicos e de historias, onde a "historia não é a medida da vida", porque ninguem della quiz tirar a lição offerecida? Não. Vamos ensinar os alumnos a viver, a ganhar a vida. Ensinar-lhes-emos todo necessario para tal fim. Ensinar-lhes-emos, portanto, a viver com saude, a ter uma actividade tal que o que produza dê para os seus e para as obras de utilidade publica, actividade essa orientada por um espirito de justiça, de ordem e de caridade. Ensinar-lhes-emos que a instrução, que o saber ler e escrever, entrará nessa educação, como meios de obtel-a, e não como fim a attingir. Quando estudei esses assumptos veiu-me logo uma pergunta: E como começar esse ensino, no qual ainda temos de prender o interesse da classe toda? Essa difficuldade deixa de existir quando sabemos que devemos dar liberdade, ao alumno, de procurar fazer o que lhe approuver. Com effeito, bem pensado, esse alumno lucrará muito mais se for fazer um trabalho que lhe agrada, onde elle está exercitando as mãos e o cerebro, de que na aula, perturbando-a e nada fazendo senão desenvolver o seu odio á professora até que o somno lhe sobrevenha. Parece que estou a ouvir alguém me perguntar — e se elle fôr brincar. E o brinquedo não é por ventura um trabalho manual e intellectual? Iremos ver com que elle brinca e brincando junto a elle, dar-lhe-emos a

sumpto que lhe agrada e que não lhe fará dormir na aula. Voltemos aos que nella ficaram. Procuremos em primeiro lugar, conversando, tirar ao alumno o acanhamento peculiar á criança, quando nos vê pela primeira vez. Apparecerá assim o primeiro "centro de interesse" e veremos a aula toda interessada em saber, por exemplo, onde cada um mora e vem a primeira lição de geographia delineando a cidade, desenhando-a ou modelando-a, se possível; e a primeira lição de linguagem corrigindo a conversação; a primeira lição de arithmetica, contando, por exemplo, o numero de collegas, e a primeira lição de leitura, escrevendo qualquer phrase commum e mandando cada um desenhala em seu caderno. Dizem-nos os mestres que só quando o alumno está apto a ler é que se lhe entrega o livro de leitura, promovendo uma festa escolar. Deve ser um dia solemnissimo na escola, a professora ou um alumno mais adiantado dirá algo sobre o valor e utilidade do livro e as crianças recebel-o-ão com ansia, com interesse. A escola só terá livros de leitura e esses mesmos não serão obrigatorios, pois o alumno poderá trazer jornaes, revistas, etc., mas o que é obrigatorio é cada alumno possuir seu caderno individual, onde todas as lições serão reunidas e de onde serão algumas destacadas para o caderno da classe ou para o jornal da escola. A lição de leitura, no livro, sendo a linguagem encarada como meio de expressão, deve ser primeiro silenciosa e o alumno deve reproduzil-a por escripto, e por suas proprias palavras. E ella constituirá um bello centro de interesse. Comprehendida pelo alumno, ella será lida primeiro pela professora e depois por elles, evitando-se sempre a repetição que visa mais a memorisação que a comprehensão. Então a lição de leitura nos dá occasião de exercitarmos os alumnos em linguagem, já redigido o seu estylo, já substituindo as orações substantivas, adjectivas e adverbias, por substantivos, adjectivos e adverbios, ou

estes por aquellas, já estudando os synonymos e antonimos. Dar-nos-á mais um exemplo de moral, cuja pesquisa forcáremos os alumnos a fazer, uma lição de geographia ou de historia e mais raramente uma de arithmetica. Mas, esta reunida a todas as outras, teremos occasião de utilizar, quando usarmos o centro de interesse trazido pelo alumno.

Uma observação necessaria é que a vida commum é que nos deve fornecer esse centro de interesse. Pois o que queremos conseguir é que o alumno observe e raciocine sobre as cousas vulgares necessarias á sua vida. O ensino da physica, da chimica e da historia natural pecca, a muito tempo, por esse lado. Ha pouco li uma aula de chimica em uma revista de educação, cheia de reacções de laboratorio. Isso não é proprio de um curso primario! No curso primario o alumno precisa aprender a fazer assucar, manteiga, queijo, sabão, papel, vinho e outras cousas vulgares, porém muito necessarias. Na physica tem necessidade de medir, no seu amplo significado. Ha pouco um usineiro do Estado, confessava-me que o rapaz que dosava o grau sacharimetrico do caldo em sua usina, isto é, a quantidade de assucar contida no caldo, apenas havia sahido da escola local e com pouco tempo de pratica no serviço, fazia-o a contento de seus chefes. E o que é importante tambem, seu ordenado era diminuto. E quantos fabricantes de assucar privados desse auxilio, quando, se na escola primaria lhe tivessem ensinado a utilidade do sacharimetro, elles hoje não o abandonariam. E ás vezes, elles possuem até o curso secundario, mas lá só lhes ensinaram a decorar "Martins Teixeira", "Ganot" ou "Nobre". Um facto interessante deu-se commigo. -- Nosso professor no lyceu havia nos dado uma aula sobre combinação e mistura e momentos após havermos apreendido essas noções, discutiamos o que seria o café com leite e o assucar com café. Nem um de nós tinha

auxilio do professor. Mas elle nos tinha dado exemplos muito fóra do commum, que iamos enveredando por esse caminho onde muitos estudiosos se collocam, cheios de conhecimentos mas tão inuteis á sociedade onde vivem. Sabem ás vezes, até de que côr era a pestana do avô de Napoleão ou discutem astronomia, mas com difficuldade podem sustentar a familia porque lhes falta uma actividade pratica e util.

E a observação da natureza! Que melhor fonte de ensinamentos moraes, hygienicos, estheticos e patrioticos, se nos apresenta que é a obra de Deus! Enxerguemos com S. Francisco, em tudo que Deus creou um pouco d'Elle mesmo, isto é, observemos a natureza com amor e veremos o mundo todo de um modo diverso. Observemos cada ser da natureza com a vontade de tirar dessa observação um proveito para nós e para o proximo. Esse é o ponto capital. Supponhamos. Olhemos uma abelha. Que obra prima de Deus! Se lhe estudarmos anatomica e physiologicamente, ficaremos deslumbrados! Mas isso é um prazer quasi egoistico, quando visamos somente o augmento de nossos conhecimentos. No entanto, criemol-a para que ella produza o saboroso mel, alimento prodigioso posto por Deus á nossa disposição e ensinemos a crial-a. Estudemos sua organização social, modelo nunca attingido pelas sociedades humanas. Tomemos seu mimoso corpo e estylisemo-o, para com elle ornarmos casas, moveis e até rendas. Mostremos que sua criação dá lucro, fazendo o alumno crial-as, tirar-lhes o mel e aproveitá-lo. Mostremos que a abelha mestra e rainha é na realidade a mãe commum de toda a colmeia e é em torno dessa mãe que gira toda a vida dessa comunidade. Que bella imagem da mãe de familia e da mãe-Patria, taes como deveriam ser, cercadas pelo respeito absoluto de seus filhos, sustentadas com o trabalho delles!

Tomemos a linda flor perfumada

a si em todos os actos de sua vida. E que bella lição de moral podemos della tirar, se nos lembrarmos ser ella produzida com a ajuda do estrome. Quando vejo o carbonho, sendo o carvão e o diamante, lembro-me sempre daquelles seios negros e escravos que amamentaram grandes brasileiros, entre os quaes costumo citar José do Patrocínio, cujo brilho diamantino de sua personalidade todos vós conheceis. E enquanto os elogios, condemnos os que, fatuos e ignorantes das leis da natureza, tem orgulho de sua origem e desprezam esses diamantes originados do seio escuro da terra, esses lyrios oriundos do lodo, essas rosas nascidas dos monturos.

Ser-me-ia facil tomar cada vegetal, cada animal, cada mineral e provar-lhes como cada um é necessario, é util ao equilibrio existente na natureza e como traz sempre um modelo a ser seguido.



Não poderemos nos novos processos de ensino traçar programma, mas sim sujeital-o a regras fixas, as quaes procurarei recordar-vos em poucas palavras.

Linguagem — O ensino da linguagem, considerado hoje como meio de expressão do pensamento, é dado pelo processo de sentencição, porque a sentença exprime um pensamento completo. E o que nós visamos é exprimir esse pensamento. Praticamos então a acção, por exemplo: o professor levanta-se e fecha a porta. Explica então — Eu fechei a porta, ou melhor, manda que o alumno diga o que elle proprio fez, para lhe aguçar ao mesmo tempo a observação e a expressão. E ahí está a phrase a ensinar a ler e a escrever. Prosegue assim o ensino da linguagem, sempre ligado a factos concretos, desenvolvendo a observação e a elocução. Depois começam os exercicios com interpretações oraes e escriptas de trechos lidos, redação so-

curções, acontecimentos mais importantes da localidade, quadros de leitura, correspondencia epistolar, commercial e official. A grammatica será dada a começar pela analyse logica, aprendendo o alumno a separar o sujeito e o predicado, a estudar a regencia, a construcção e a concordancia, ou para dizer melhor, aprendendo a applical-as na pratica, corrigindo phrases erradas, processo já introduzido, com successo, na Escola Normal pelo dr. Adalberto Marroquim. Após ter o alumno corrigido as "phrases erradas", elle saberá dar as regras grammaticaes por suas proprias palavras. E em rigor, essas regras só deviam ser aprendidas nos cursos secundarios. E para prova disso vemos que as crianças aprendem a falar a lingua materna, e os adultos, a lingua do paiz onde residem, sem necessidade de aprender grammatica. Mas, no caso de ensinal-a, começaremos pela syntaxe e terminaremos pela lexicologia. A palavra vale pela idéa que representa e a prova é que a mesma palavra pode percorrer cathogorias grammaticaes as mais diversas. Assim, em resumo, ensina-se o alumno a exprimir seu pensamento por meio da palavra falada ou escripta e a comprehender o pensamento alheio, expresso pelo mesmo modo.

Numeração — Parece-me que vou repetir o que todos fazcis. Abolida a taboada, temos nós que começar pelo estudo dos 10 primeiros numeros, fazendo todas as operações sobre elles sem esquecer aquellas sobre fracções com o mesmo denominador, e contando, como bons auxiliares, com os dedos das mãos. Dahi para objectos communs: lapis, livros, canetas, laranjas, pedaços de papel, etc., e passando logo a grupos considerados como unidades, para dar a idéa da noção relativa da unidade. Quando sommarmos ou subtrairmos, frizemos que "se não posso sommar laranjas com bananas", poderei fazel-o quando reduzil-as a mesma denominação de fructos.

redução das frações ao mesmo denominador.

Feitas todas as operações sobre os 10 primeiros números, sempre lançadas por meio de problemas, façamos pela mesma forma para os números de 10 a 100 e assim por diante. Finalmente é ao terminar que iremos dar as "contas" e a leitura de números. O cálculo mental e o cálculo rápido não devem ser esquecidos. Os problemas sempre deveriam ser baseados em factos concretos ou em dados reais e uteis, por exemplo: distancia entre as nossas principaes cidades, cotação das principaes mercadorias, calculos de lucro da lavoura, industria e commercio, dosagens dos remedios mais communs, enfim mil e uma cousas *reaes*, cujas medidas custa a professora obter, mas que não é impossivel de fazel-o. Não teremos assim necessidade de dar depois em separado o systema metrico e as outras medidas usadas, porque ellas já constituiram motivo de estudo nesses zel-os materialmente e não a idea-problemas que somos forçados a falizal-os. Iremos então dar a avaliação "a olho" de distancias, pesos e volumes.

Geometria — Dada tambem pelo processo analytico, partiremos das noções sobre solidos: daremos primeiro ao alumno a esphera, o cone, o cylindro, o prisma, a pyramide e o cubo. E ninguem pense que isso é difficil: a esphera é a bola com que se joga o foot-ball, e tantos outros objectos semelhantes e não será portanto para o alumno o solido gerado pela revolução de um semi-circulo em torno de seu diametro. O cone é o funir, o cartucho de papel, etc., o cylindro, a chaminé, o lapis, o tronco de uma arvore, etc.; o cubo, é o dado, o parallelepipedo, a caixa de phosphoro e assim por diante. Tudo isso pode ser observado, portanto, em objectos communs, comparado com outros, que tenham a mesma forma e depois, modelados e desenhados. A modelagem em barro e

da cubagem, dividindo o proprio objecto em pequenos cubos. Vem concomittantemente o estudo das superficies lateraes e basicas desses solidos, trazendo-nos a idéa o triangulo e os outros polygonos, assim como a circumferencia, a ellipse, a parabola, a hyperbole. Será conveniente estudar a helice e a espiral, usadas em diversas peças mecanicas de utilidade commum. Não devem ser esquecidos os processos praticos de medição de largura de rios, altura de arvores e avaliações de quaesquer superficies e volumes.

Desenho — O estudo do desenho toma na escola activa um lugar preponderante. O desenho de imaginação, revela-nos o poder de observação e as tendencias do alumno, quando o thema for livre. A copia do natural tem todas as vantagens sobre a copia de modelos. O desenho geometrico, sendo começado pela projecção de objectos reaes, apresenta-se muito interessante. O desenho não deve ser corrigido pelo professor, que só corrigirá a observação do alumno e dar-lhe-á os meios de executal-o. Será conveniente que o professor desenhe alguma coisa para os alumnos acostumarem-se a ver bons desenhos. Alem do desenho geometrico, onde o alumno desenhará plantas de casas, jardins, moveis, ferramentas, mappas, será conveniente dar o desenho de cartazes de propagandas de hygiene, educação, agricultura, commercio, industria, e tambem pintura de illustrações para legendas previamente escolhidas.

Geographia — É a materia que, tendo de ser ensinada de um modo concreto tem de o ser por synthese, devido á sua propria natureza. Assim, partiremos da casa da escola, para a cidade, desta para o Estado, deste ao paiz e dahi ao mundo. Desenhando, modelando, descrevendo oralmente ou por escripto, utilizando o taboleiro de areia, enfim exprimindo por todos os meios possiveis o que sua vista houver observado é que o alumno deve estudal-a

ção, commercio, industria, ethnologia e deixando á geographia physica relegada a ser estudada só em suas linhas geraes, as quaes, possovos affirmar, dizem-nos mais que os detalhes. Assim, por exemplo, estudando o Brasil, aprendemos muito mais dividindo-o nas cinco regiões que hoje adoptamos que em 20 Estados. Conheçemo-lo melhor se em um mappa orographico, se mostrarmos que elle é constituído de uma faixa de littoral, circundando um planato central que suas montanhas, chamem-se Araripe, Parecis ou dos Orgãos, pertencem a 4 massiços divididos em cujas serras vêm beijar as aguas do oceano na bahia de Guanabara, a mais bella bahia do mundo. Liguemos, sempre que possível, a cada accidente geographico um phenomeno historico.

O cinema, o desenho e as excursões completarão o curso. As estatisticas, as quaes o Governo Federal fornece gratuitamente, tornarão o ensino da geographia actualizado e util.

Historia — Impossivel de ser concretizada, a não ser por meio do cinema ou de representações, deve sempre se apoiar á geographia. Dous cuidados deve ter, porém, o professor: abolir o mais possível a historia politico-militar, para substituil-a pela pacifico-industrial. O "se queres paz, prepara-te para a guerra, escripto em nossos quartéis, deve ser dita assim: "se queres paz, prepara o corpo para a guerra e o espirito para a paz." O verdadeiro patriotismo tanto é o do soldado que defende a Patria na guerra, como o do productor que, na paz, a defende da miseria e da fome e, na guerra alimenta seus exercitos. E enquanto os heróes guerreiros, só podem surgir da grande hecatombe que é a guerra, contra o estrangeiro ou iustestina, os heróes da paz trabalham a cada dia pelo alevantamento moral e material da Patria. E não quero perder a occasião de vos mostrar o que de abnegação, de heroismo e pa-

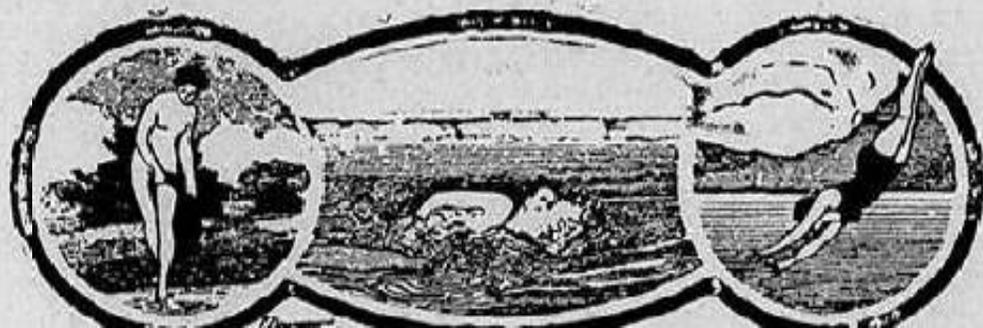
primario, para mim, o maior patriota, o modelador de cidadãos, o burilador da Patria futura, emfim o guia da esperança, que é a mocidade das escolas. Cito sempre como os tres heroes maximos no Brasil, heróes pacificos — Rio Branco, Oswaldo Cruz e Candido Rondon. Rio Branco, o homem de intelligencia, o fino diplomata, que com a palavra de jurista conquistou para a Patria, o Acre, o Amapá e as Missões; o homem que fez o Brasil dar o bello exemplo de resolver todas as suas questões de limites, pelo arbitramento. Oswaldo Cruz, o cientista e o prophylata. O cientista que organizou o Instituto de Manguinhos, de onde tem sahido os maiores luminares da sciencia brasileira. O prophylata que extirpou do Brasil a febre amarella, e que para isso executou o trabalho quasi inacreditavel de desinfecção, casa a casa, as principaes cidades do littoral brasileiro. E a maledicencia e o ridiculo contra elle se levantaram. E' natural. Os moleques só atiram pedras ás arvores que dão bons fructos. Mas, não o venceram e nem a morte o venceu, porque elle vive no coração de cada discipulo, como o mestre querido e no de cada brasileiro como o patriota insigne. E a historia já o perpetuou. Rondon, o organizador da expedição que lançando a linha telegraphica do Rio a Matto-Grosso, transformou-a numa missão de catechese e de estudo, de tudo que o Brasil possuia de desconhecido. E a seu lado esse punhado de ordens religiosas masculinas e femininas, que ainda hoje, como nos tempos da descoberta, enfrentando todo o desconforto de uma vida em plena selva brasileira, procura integrar na Patria os verdadeiros brasileiros, que são os selvicolas. O dr. Luiz Pereira Barreto — o introductor da cultura da uva e do eucalypto em São Paulo e o iniciador da selecção do gado Caracú (e note-se), tendo feito tudo isso a suas proprias expensas, é tambem um dos grandes patriotas, a

Como sabeis, esse ensino não deve ser feito separadamente como aqui vos expuz. Elle será dado em torno de "centros de interesse", escolhidos pelos alumnos. Ha pessoas que vem nessa condição e na de cada um fazer o que lhe interessar, actos de indisciplina. Não ha tal, eu vos affirmo. Nem desordem, nem indisciplina. Vejamos. Em quantos de vossos lares, uma irmã é professora, a outra, costureira, uma terceira ajuda a mamã no governo da casa, emquanto os irmãos um é commerciante, outro artista e um terceiro bacharel ou medico. Vede ahi, cada um agindo dentro de um "centro de interesse" e escolhido, por elle proprio. Cada um fazendo a felicidade da familia. E a familia é o modelo da Sociedade e a escola deve ser modelada por ambas. E a autoridade paterna não é diminuida com essa organização. Portanto, acostume-mos a criança a viver na escola, como viverá na familia e na sociedade. Esse é o ideal a attingir. Procuremos attingil-o. Não o discutamos, sem applical-o. Appliquemol-o e depois discutamo-lo com os collegas, para corrigir as imperfeições. Corrijamo-nos, nós proprios, se isso for preciso. E é preciso de facto. O professor não pode mais ficar alheiado a vida, como era até então. Elle precisa viver mais intensamente; pre-

cisa estar ao par da situação economica, financeira, politica do paiz, mas como o juiz optimista, sem partidos, sem interesses proprios, mas com vista nos mais altos interesses da nacionalidade que tem por fim, a meu ver, no actual momento, incutir na mocidade futura os principios de disciplina, de ordem, de respeito á autoridade, de que tanto carecemos para o engrandecimento da Patria.

Não se lembram os ladrões de reputações, os ambiciosos de mando, os balconistas da imprensa que denegrir os que nos governam é denegrirmos a nós proprios. Se como no dizer delles a Republica só tivesse nos dado administradores deshonestos e de má fé, era porque o povo não se governava ou porque no Brasil já não havia senão homens assim. Mas, felizmente, nada disso é verdade. O que vemos é o Brasil grande, forte, respeitado, dirigido por uma pleiade de politicos notaveis, com defeitos, é verdade, como tudo que é humano, mais mom qualidades excepcionaes de administradores. Vemos o povo, não o povo, massa informe e maleavel, mas os que pela intelligencia, pelo character, galgaram as mais altas posições e governarem o paiz, que dia a dia é mais respeitado no conceito mundial.

O professor precisa fazer de cada creança um cidadão util.



CIRCULO DE PAES E PROFESSORES

O Sr. Professor Luis Cerqueira é uma das individualidades mais suggestivas do magisterio alagoano, pelo seu preparo pedagogico e pelo seu devotamento á causa do ensino popular. Coube-lhe realizar a 5ª conferencia da 1ª serie da S. A. E., realizada na noite de 25 de setembro, no salão de conferencias da "Perseverança e Auxilio". Trabalho sobrio e substancioso o do professor Luis Cerqueira, fere um dos assumptos mais interessantes da phase actual de orientação educacional do Sr. Dr. Miguel Baptista, á frente da nossa Instrução Publica.

A Sociedade Alagoana de Educação fundada em nosso Estado, ha menos de um anno, está realizando o seu objectivo, contando com o prestigio do Sr. Dr. Miguel Baptista, digno director geral da Instrução Publica. Já quatro palestras, tres dellas com um resultado surpreendente e é pena que a de hoje, não se possa, pela fórmula, collocar no mesmo plano das anteriores. A culpa não é minha. O nosso consocio professor Bernardes Junior, ao fazer a segunda disse que eu me deliciava em escolher trabalho para os outros, porém, não disse como devia, que eu sabia escolher quem estivesse nas condições de satisfazer a todas as exigencias do trabalho a executar.

Posso assegurar-vos que em tempo nenhum eu me escolheria para vos fallar sobre o thema de hoje, porque saberia onde encontrar quem o fizesse a contento.

CIRCULO DOS PAES E PROFESSORES

Fallo num momento em que o numero de paes aqui presentes é relativamente pequeno e assim parece que as minhas palavras serão mais ouvidas pelos professores que sabem melhor do que eu tudo o que se pren-

A orientação moderna que o Brasil inteiro está dando ás suas escolas, para formação de uma geração mais pratica, mais util, mais forte e mais perfeita, tambem encontrou no nosso Estado adeptos devotados, fortes para a lucta de renovação e convencidos do bom exito desse movimento. Renovar as escolas é o nosso ideal, mas sabemos todos o que isso vae representar.

Quem dentre nós não conhece a poderosa força da rotina que é a mais perfeita traducção da lei do habito? Os paes das creanças das escolas actuaes estudaram pelo processo antigo e por esse mesmo processo querem que seus filhos aprendam.

Ao menor movimento reformador vem sempre de encontro uma onda volumosa de maldizentes, de oppositores e de descrentes.

Mas, perguntaremos no nosso caso, d'onde essa prevenção ou má vontade com os novos processos de ensino? A escola antiga pretende educar, instruindo; os novos processos pretendem instruir, educando. Este processo é alagoano? Não. E' brasileiro? Não. E' dos paizes mais adiantados. Já a America do Norte pratica-o ha muitos annos com resultados compensadores. Não vivemos á citar o norte-americano como povo pratico, trabalhador e victorioso? Como não havemos de imitar esse povo numa das suas provas de habilidade e trabalho — a educação?

Não creio que no nosso meio haja quem com a responsabilidade de seu nome se atreva a criticar o methodo de Decroly, por exemplo. Posso bem adivinhar o que se dá. Os paes não descreem completamente do methodo, porém, confiam pouco na habilidade de quem o executa. Essa é a parte essencial da questão, mas, não ha razão para essa desconfiança.

Os paes em geral se dividem em

a criança e nunca mais voltam á escola, pensando ter com isso cumprido todo o seu dever, não se interessando pela assiduidade, nem pelo aproveitamento nem pela conducta do filho: o do que de tempos em tempos, ao se encontrar com o professor, fazem-lhe ligeiras perguntas, adiantando sempre que o filho é muito intelligente, porém, vadio, e que se estudasse aprenderia; e o dos que se fazem interessados pelos filhos, revêm os cadernos, indagam das occorrencias escolares e sempre têm um reparo a fazer, na maioria das vezes desfazendo do esforço do professor, diminuindo-lhe, portanto, a auctoridade. Este ultimo grupo é felizmente muito pequeno e, quem sabe, talvez nem saibam estes paes que estão fazendo um mal áquelle que deseja o bem de seus filhos.

Não posso absolutamente pensar que o individuo que matricula um filho n'uma escola para se educar, não veja no educador desse seu filho essa alma bôa e santa que lhe ha de fazer feliz.

Pensando assim, vejo em alguns que se afastam dos educadores de seus filhos apenas a falta de lembrança e de orientação, para procural-os e dar-lhes o apoio e os informes precisos ao bem estar das creanças.

Sempre a psychologia foi um estudo indispensavel para se vencer no trato com os homens e se passamos na escola uma parte da nossa vida e se temos na escola uma parte da sociedade, o professor para vencer na escola, no trato com os alumnos e com os paes desses mesmos alumnos, precisa estudar a psychologia do meio ambiente e da sociedade nas suas diversas classes.

Na escola todos são iguaes perante o professor, porém, na realidade sabemos como são heterogeneos os ajuntamentos de creanças.

Essa frase muitas vezes repetida de que a escola é a continuação do lar, deve merecer de nossa parte certa attenção.

plô é um lar moralizado, si as crianças recebem de seus paes ensinamentos de elevação do sentimentos, nesse caso a escola deve ser a continuação do lar.

Sabemos o que representa a familia na formação moral da criança.

"E' no seio da familia que a criança adquire a primeira percepção do mundo exterior. O mundo—ella o vê através dos que a rodeiam, através das suas maneiras e das suas accões. Ignorante, a principio, mas observadora e dotada de um forte espirito de imitação, a criança rego os seus actos por aquelles que se habitua a vêr praticados em torno de si: procedem bem ou mal conforme o exemplo dos que com ella convivem; sendo o seu cerebro profundamente plastico e tenaz, ahí ficam gravados para sempre as primeiras impressões do seu espirito.

A familia é, portanto, a base desse alicerce sobre que vai ser construido o futuro desses pequeninos seres e, como tal, deve ser bem organizada, para poder vizar o idéal educativo dos tempos hodiernos. E' preciso que o meio em que vive a criança seja cheio de ensinamentos nobres e edificantes, seja um ambiente de honestidade e trabalho, de bondade e sinceridade, onde ella possa colher, somente, bellos exemplos que a enthusiasmem e a estimulem a um procedimento sempre recto e digno e que quem os seus passos guiar a leve quasi que insensivelmente para a verêda do bem e da virtude". Assim queremos a escola a continuação do lar.

Porém, si os paes transgridem a cada momento com os seus deveres, se dão exemplos perniciosos, a escola nesse caso, pelo contrario, ha de ser uma censora dos habitos domesticos manifestados pelos alumnos e sabem todos os professores quanto trabalho e quanta amargura ha nessa correcção.

Imaginae um lar em que reinasse a desordem, o egoismo, a desharmônia, a mentira e a injustiça; em que

não no bem estar dos seus; cujos chefes não fossem guias attentos de seus filhos, deixando-os crescer sem a aptidão necessaria, para trilhar nobremente o seu caminho, obedecendo somente ás leis do instincto e da natureza! E' facil de prevér que homens sairiam das crianças que, nesse ambiente, crescessem: viciados, sem nenhuma moralidade, entes inúteis á sociedade e á Patria.

E quantos paes ignorantes ha que, não sabendo dar a devida educação aos filhos, ainda culpam os mestres, responsabilizando-os por não se tornarem elles o que sonhara o seu orgulho paterno? Responsaveis! Responsaveis por que? Por não poderem modificar os habitos pouco moralizadores a que se tinham apegado, pelo exemplo da familia? Por não conseguirem expulsar dos cerebros dos seus educandos os exemplos pouco edificantes, as observações pouco dignas que ahí se lhes gravara com um cunho indelevel, pelas impressões apanhadas no lar."

Não. O professor que neste caso não conseguir modificar o alumno, corrigindo habitos inveterados, está justificado, cumprindo-lhe apenas o dever de manter a escola no ponto de vista de sua elevação social.

Agora figuremos uma classe com elementos de procedencia heterogenea e vejamos a responsabilidade do professor em fazer primeiramente o estudo psychologico dos seus alumnos, depois separal-os habilmente, sem que d'ahi resulte humilhação. Esses acontecimentos, infelizmente, não são marcados pela posição social ou material dos paes, porque, infelizmente ha pessoas bem collocadas e com responsabilidade, que não teem coragem de reprimir ás más tendencias dos seus filhos, crendo-os sempre uns anjos, como repetição da velha fabula da — Coruja e o gavião —.

Nem todos os paes põem os filhos nas escolas porque os queiram aprendidos, mas para se verem livres delles. Si o governo pudesse abrir estabelecimentos de educação que re-

cebessem crianças a começar das sete horas e lhes restituisssem á familia as dezesete horas, estou certo que essa matricula se elevaria de tal modo, a ser preciso augmental-as para attender as innumeradas solicitações. Ha entre nós um facto interessante: em todas as escolas, a matricula feminina é sempre maior que a masculina. Alguem dirá que ha mais meninas que meninos, porém, as estatisticas estão ahí para rectificar essa duvida ou esse engano.

A razão do excesso da matricula feminina é que os paes não pretendem empregos para as filhas, nem as quer formadas e como não teem o que fazer dellas, deixa-as nas escolas, dando em resultado ellas fazerem sempre um bom curso primario.

Com os meninos dá-se o contrario: se são pobres, inda bem não fazem o terceiro anno vão tentar um emprego; si são abastados vão fazer o exame de admissão ao *Curso Seriado* e d'ahi por deante, o grande empenho do pae, pedindo approvações para o filho, em vez de fazer o bem, vae crear difficuldades ao seu futuro. A admissão do menino ao *Curso Seriado* não é uma consequencia do seu adiantamento, da sua possibilidade de estudar o curso secundario, mas, a allegação de já ter feito doze ou mais annos.

E' um mal, porém, não queiramos dar aos paes a inteira responsabilidade desse erro, porque, indesculpavel é o procedimento do professor em acceitar em seu curso um alumno não tendo ainda o desenvolvimento preciso para a assimilação das lições professadas.

Os paes na sua maioria não se interessam pelo estudo dos filhos, nem lhes dão a assistencia devida, porem, o professor tem tido até hoje grande culpa nesse descaso. — Aberto o curso, organizada a classe, cumpre ao professor estudar o seu alumno e a respeito de qualquer motivo deve procurar o responsavel desse alumno e se entender com elle. Ha casos effectivamente negativos, porém, a

habilidade do professor muito pôde conseguir. Até hoje esse desinteresse dos paes pelo que se faz na escola não é praticado calculadamente, propositadamente. Nunca houve quem lhes chamasse a collaborar nessa obra de educação e quase todos pensam que está cumprido o seu dever em matricular os filhos, dando-lhes os livros essenciaes e mandando-os diariamente ás escolas. O pensamento geral é que o governo tem a obrigação de fazer tudo: dar o predio confortavel, o bom professor, o expediente escolar, etc., mas, si o governo não pôde fazer uma obra integral, o caso fica mesmo assim, com a metade da solução.

Si o professor faz muito, conquistando o alumno, fazendo-o bom, applicado e assiduo, muito mais fará conquistando a confiança dos paes desses alumnos. Não nos parece tarefa difficil. Sabemos todos nós quanto são enamorados os paes das boas qualidades que se attribuem a seus filhos e desse modo ha de se conseguir optimo resultado. Foi adoptada ultimamente nos grupos escolares a leitura feita em classe, nos dias feriados, pelo alumno que em trabalho de composição melhor interpretação deu ao assumpto commemorado. Ha nisso duas grandes vantagens: cada alumno, de sua parte, procura fazer melhor estudo a respeito do assumpto proposto e ha a oportunidade da prova calliphásica. Pois bem, é opportuna a occasião de se convidarem os paes do alumno premiado com essa escolha, para assistirem essa solemnidade e o professor aproveitará esse momento para lhes fazer ver a necessidade que ha da approximação dos paes em geral ás escolas. Elles assistem essa leitura, enthusiasmam-se com os filhos e contentes não somente do que viram, mas do que já estão sonhando através daquella prova de intelligencia, são dessa hora em diante dedicados amigos dessa instituição e do mestre.

Essa é uma approximação sympathica, motivada por um acto a aplau-

dir, mas, senhores, infelizmente, o que vemos na maioria dos casos é que o professor só procura os paes dos seus alumnos, para lhes apontar um acto a corrigir, para lhes scientificar de um gesto reprovavel, para dizer que o alumno A, seu filho, rasgou o palitô do seu collega B, e que empurrou o collega C, dando-lhe uma queda que lhe produziu uma contusão no corpo. Essa é uma approximação antipathica, negativa, que só faz desgostosos e descrentes da disciplina escolar. Elles tem razão. O que elles chamam geralmente meninos activos, espertos e sacudidos são apenas uns *semi-loucos*, são umas crianças insuportaveis. Estas, felizmente, não são a maioria das classes, porque, nellas ha tambem bons meninos e alguns timidos, tôlos, fracos. Mas que acontece? Estes sofrem as grosserias dos peraltas. Porque? Pela falta de disciplina nas classes e pela falta de disciplina nos recreios. Que acontece quando um menino bate noutro ou rasga-lhe a roupa? — O descontentamento entre os dois paes: aquelle que vê o filho chegar á casa com uma echimose ou com a roupa rasgada, descontenta-se da falta de assistencia ás crianças; e aquelle outro a quem se leva a queixa da peraltice do filho fica igualmente aborrecido, attribuindo sempre aquelle acontecimento a uma causa extranha porque o filho é incapaz de qualquer acto reprovavel. — E o professor pôde evitar esses aborrecimentos? Perfeitamente.

As classes são formadas de elementos heterogeneos, porém, a vigilancia do professor faz irmanar toda ella. Não sou partidario da disciplina prussiana, porém, não posso comprehender ajuntamentos indisciplinados — sejam crianças ou adultos. "A disciplina tem como fim principal a manutenção da ordem em classe, mantida naturalmente sobre regras preestabelecidas. Não traçar de ante-mão uma linha de conducta para todos os discipulos, deixar que cada um proceda segundo a sua vontade, é implantar a des-

ordem em aula e caminhar para a anarchia absoluta que gera males irremediaveis. Muitos têm deturpado o sentido verdadeiro da escola activa e não admittem que dentro do seu dominio coexistam meios disciplinares. A escola activa permite o maximo de independencia á criança, dando-lhe jogos educativos e instructivos, relativos a todos os exercicios e transforma a sua inquietação inconsciente e prejudicial, em actividade consciente e salutar. — A escola activa respeita a liberdade da criança, mas restringe-a a certos pontos. O alumno deve sentir desembaraço ao manifestar-se, deve poder dar expansão ao seu espirito de curiosidade, deve sentir livres as suas acções e palavras, traductores espontaneos da sua actividade espirital, mas deve sentir tolhida a sua tendencia para os gestos pouco educados, para as suas más inclinações, porque vê deante de si o mestre cuja presença lhe infunde respeito e consideração e será intransigente deante do seu mau proceder. — A disciplina para as horas de labor, um ambiente propicio, onde a criança assimila muito mais do que se estivesse a receber o ensino no meio da mais estonteante desordem." Ha na escola activa como um dos elementos de trabalho a liberdade do alumno, mas, convenhamos que essa liberdade tem o seu raio de acção delimitado: ella acaba onde começa a liberdade dos seus collegas. A má intuição da liberdade dá em resultado a anarchia e para evital-a é preciso a vigilancia constante do professor. Si essa vigilancia é necessaria nas classes, maior ainda deve ser nos recreios.

Que é o recreio senão o descanso entre dois esforços? Recrear é crear de novo. O alumno que está attento durante duas horas de lições precisa de um repouso de trinta minutos para readquerir as energias dispendidas, porém, se nesse recreio houve uma liberdade absoluta e os meninos gritaram até enrouquecer e correram até se molharem de suor, fran-

camente deixa de ser um recreio para ser uma ameaça á saude desse alumno rouco ou molhado, além de ser a causa, na maioria dos casos, dos incidentes entre crianças, dos quaes resulta sempre o aborrecimento dos paes. E', pois, opportuno iniciarmos a aproximação dos paes ás escolas, um dos meios de acção da Escola Activa.

A collaboração é um dos principais elementos dos nossos processos educativos.

Estamos iniciados na primeira parte da phase de transição da antiga á nova escola. A criança vê os diversos problemas propostos na classe resolvidos com a collaboração de todos os seus collegas.

Proposto um centro de interesse— meios de transporte, por exemplo— começam logo os alumnos, vivendo em ambientes familiares differentes, a investigar, indagar, perguntar aos paes e conhecidos, procurar revistas e alguns dias depois o resultado de todos esses inqueritos, a collaboração de todos os alumnos e ficam na classe conhecendo os transportes *por terra, por agua e pelos ares*.

Esse é o primeiro passo da aproximação dos paes, do seu interesse pelas cousas da escola, porém, não é tudo. Essa forma de collaborar na formação mental dos filhos é effectivamente digna de applauso, porém, ha ainda a necessidade dos exemplos de altruismo, concorrendo até materialmente na medida de suas forças, para supprir as escolas do necessario, que o governo não pode dar. Mas não será com o esforço isolado dos paes que havemos de contar com o auxilio de que necessitam as escolas. O sr. dr. Fernando Azevedo, na sua grande obra de reforma da Instrução Publica, do Districto Federal, dando-lhe orientação moderna, consignou a criação de uma sociedade em cada escola, formada de todos os paes de alumnos dessa escola e seus professores, para beneficiar a obra da educação, sem a qual o seu esforço não seria efficiente. Essa socie-

dade é o círculo dos Paes e professores. E' a reunião dos paes e dos professores, no sentido do bem comum dos alumnos. Formando uma sociedade, esses dois elementos congregados, propagam e defendem os interesses dos alumnos, promovendo festas escolares, kermesses, brinquedos varios, no intuito de se adquirirem fundos com os quaes, como exemplo de collaboração e altruismo, beneficiam a alumnos desfavorecidos da fortuna e promovem diversões e excursões escolares para todos.

Alguem dirá que isso é obrigação do governo, mas se esquece de que se o problema da instrucção popular, em todos os Estados do Brasil é de difficil solução, muito mais difficil é em Alagoas, onde numa area de 30.000 kms.2 ha uma população de 1.200.000 habitantes, concorrendo a custo com 12.000:000\$000 para o orçamento do Estado, o que quer dizer: cada habitante contribue apenas com dez mil réis para ter direito a todos os favores publicos: justiça, garantias, hygiene, obras e instrucção.

A receita é extraordinariamente pequena para a população, mas, o que se pôde esperar de um povo que apparece nas estatisticas como 86 % de analfabetos? Precisavamos ter mais ou menos duas mil escolas, e o Estado mantem com sacrificio 400.

A obra da instrucção é tão grande que não poderá ser realizada somente pelos poderes publicos, ella precisa muito dos favores particulares. Poderia isso nos parecer uma utopia se não tivéssemos dois bellos exemplos a citar. O Dr. Cincinato Pinto, benemerito governador da então Provincia das Alagoas, dentre grandes instituições que deixou marcando sua fecunda administração, legounos ainda um bello exemplo: comprehendendo a grandeza da obra da instrucção popular e vendo que os cofres publicos não poderiam supprir todas essas necessidades, lançou no seio dos seus amigos a idea de uma subscrição para a construcção de predios escolares e ahi temos em Penedo o edificio onde actualmente

funciona a Prefeitura Municipal, que serviu muito tempo de Lyceu e Escola Normal de Penedo e que voltará em breve a ter a sua finalidade, graças aos esforços do Sr. Dr. Miguel Baptista, e o actual predio onde funciona o *Grupo Pedro II*, em cuja fachada se lê como prova de perfeita visão administrativa e exemplo de civismo, aquella legenda aurea — O Povo á infancia, 1879 —. E' assim, meus senhores e minhas senhoras, que, ha 51 annos passados, já se tinha a intuição de que o povo, as instituições particulares, commerciaes, e fabris deviam collaborar na acção do governo, auxiliando a diffusão do ensino e essa intuição era proclamada e publicamente demonstrada por dois monumentos que trazem no correr dos tempos e levarão adiante o exemplo edificante, a lição de altruismo e a demonstração de quanto vale a boa causa.

Não pensamos formar circulos dos paes e professores para que essas instituições comecem pela edificação de predios escolares, mas antevemos os grandes beneficios prestados á infancia para essas instituições. Não é somente com dinheiro que podemos apparecer em actos meritorios, porque, muito vale o nosso interesse pelo bem estar do alumno, guiando-o na vida, nessa demonstração de apêgo positivado em actos de assistencia moral.

Como o norte americano é apontado sempre como um povo de elevado senso pratico, estudemos rapidamente essas associações na America do Norte.

“Uma das instituições dos Estados Unidos que tem alcançado os melhores resultados no que se refere ao bem estar da infancia é seguramente *O Congresso Nacional de Paes e Mestres*. Esta instituição se compenetrou mais profundamente de que qualquer outra da necessidade de convencer os paes e o publico em geral de que é indispensavel a sua cooperacção para que as crianças se eduquem convenientemente e para que

as escolas se encontrem nas melhores condições.

“Em 1897 fundou-se em Washington uma instituição sob a denominação de “Congresso Nacional de Mães”. Os organizadores, mulheres e homens, representando os interesses philantropicos, religiosos, sociaes e politicos da nação — corresponderam a necessidade de levar o amor e o pensamento maternos a tudo que se acha relacionado com a infancia. A organização se desenvolveu rapidamente. Fundaram-se ramos em diversos Estados e iniciou-se a publicação de uma revista. Homens de destaque tomaram parte da junta consultora e dentro de uma decada o *Couselho Nacional de Mães* exercia uma influencia poderosa no paiz.

Desde o principio este congresso tratou de auxiliar até onde era possível as duas constituições que mais directamente influem sobre a criança: o lar e a escola e quando se certificou de que poderia alcançar melhores resultados estreitando as relações com os mestres e insuando nas suas actividades os paes, empreendeu immediatamente uma campanha por todo o paiz, recommendando a organização de associações de paes e mestres. Este movimento foi acolhido com grande enthusiasmo e em 1908 a associação começou a chamar-se Congresso Nacional de Mães e Associação de Paes e Mestres, afim de incluir esta nova phase do seu desenvolvimento. Em 1924, devido ao rapido augmento no numero de homens interessados no movimento foi mudado o nome para a sua forma actual — Congresso de Paes e Mestres.

Em 1920, o numero de socios activos não chegava a 200.000, mas em meio de 1927 passava de 1.100.000.

Segundo os relatorios das superintendentes dos condados, entre os beneficios que esta campanha está trazendo ao Estado, podem contar-se os seguintes: Foi augmentada a duração do anno escolar e os alum-

nos assistem ás aulas com mais regularidade. Criou se um typo escolar modelo e um systema de livros de texto uniformes, foram estabelecidos jardins de infancia e é maior o numero de alumnos que terminam o ensino primario e que cursam as aulas secundarias; foram construidos novos edificios escolares e melhorados os existentes, assim como os campos de jogos; foram augmentadas e melhoradas as aulas de leitura e está-se prestando apoio ás campanhas hygienicas; foram creados bolsas escolares, bancos para crianças e escolas nocturnas; foram iniciados almoços quentes e o fornecimento de leite para as crianças de peso sub-normal, foram estabelecidas clinicas dentarias; as crianças escolares são sujeitas a exame physico, sendo corrigidos os seus defeitos remediaveis; a vida de familia se acha melhorada e estreitadas as relações entre paes e mestres; os paes visitam as escolas, e desta fórma se scientificam dos methodos modernos de ensino e do plano de estudos; tem se melhorado a situação moral da comunidade e realizado um admiravel trabalho de americanização. Em conjuncto as associações de paes e mestres actuam na comunidade como um factor pedagógico e de socialização.”

Agora, meus senhores e minhas senhoras, dadas essas notas sobre a finalidade dessas associações venho ao encontro do desejo do sr. dr. Miguel Baptista pedir que aproveitemos o proximo dia da criança — 12 de outubro — para fundarmos em cada um dos nossos Grupos Escolares, um circulo de paes e professores e será mais uma realização digna de louvores e mais um gesto altruistico, esse que reunindo esforços e congregando valores tiver por fim fundar uma instituição que proteja, ampare e assista a criança de Alagoas.



NOTICIARIO

Reunião Educacional Na séde da *Federação Nacional das Sociedades de Educação*, no Rio de Janeiro, realisou-se a *Reunião Educacional*, com o fim de congregar os dirigentes da Instrucção Publica em todo o Brasil e os delegados sanitarios escolares dos Estados e promover um balanço geral do que se tem feito no paiz em materia de educação popular e dos resultados obtidos tirar suggestões para a apresentação de directrizes aos governos da União e dos Estados.

Nesse Congresso a Directoria Geral da nossa Instrucção Publica esteve representada pela professora Mercêdes Dantas.

As sessões foram presididas pelo Dr. José Augusto, ex-senador federal pelo Estado do Rio Grande do Norte. Na sessão inaugural da *Reunião Educacional*, o velho e erudito educador, Dr. Ignacio Azevedo Amaral fez uma notavel conferencia sobre o thema — "Motivos Sociaes da Escola Nova", em que affirmou que hoje ha necessidade de educar as massas de modo a poderem enfrentar com vantagem a luta pela existencia e para isso nenhum outro modelo se poderia comparar á escola activa.

—(X)—

Para as crianças de-
beis de Portugal.

O erudito professor e insigne pedologista dr. Faria de Vasconcellos acaba de fundar em Lisboa o "Instituto de Reeducação Mental e Pedagógica", com o intuito de conseguir que as crianças portuguezas portadoras de defeitos physicos ou lacunas mentaes sejam ar-

rancadas do manifesto grau de inferioridade em que se encontram e se juntem, pelos processos de educação scientifica, ás crianças normaes.

O instituto destina-se tambem a crianças normaes, que necessitam de um regimen especial de vida, desses que não se adaptam aos methodos correntes e communs, applicaveis á generalidade e que reclamam, por conseguinte, uma organização local adequada.

Egualmente serão tratados no instituto e nas melhores condições, mediante a gymnastica medica, a gymnastica natural e rythmica, os raios ultra-violetas, a hydrotherapia e a applicação de outros agentes physicos, as crianças debeis.

E' uma orgainsação completa: a acção do instituto estende-se desde a organização do directoria, através da cultura physica e da cultura mental, até a cultura pedagogica e á aquisição de conhecimentos. A correção, o tratamento, a educação e o ensino dessas crianças assentam, fundamentalmente, nos resultados dos exames clinicos, physiologicos, mentaes e pedagogicos mediante exercicios especiaes, dentro de um plano organico de actividades e estudos.

—(X)—

O Sentimento de inferioridade da criança

Foi este o thema de uma das brilhantes conferencias do illustre professor Edouard Claparède realizadas ultimamente, no Rio de Janeiro. A respeito o *O Jornal* disse o seguinte:

"Falando com o visivel esforço de se fazer comprehender por todos os

presentes, procurando expressões claras e, quanto possível, escoimadas de termos technicos, o conferencista começa assignalando como a situação da inferioridade em que a criança se acha na vida repercute no seu espirito, formando-lhe a convicção desta inferioridade.

Embora este sentimento seja normal á idade não o será em casos de excesso, quando passa a ser anormal, importando muitas vezes numa fixação posterior, nociva na vida adulta.

Algum defeito ou depressão da criança pode determinar, se alardeado pelo pae, pelo educador leviano, ou pelos companheiros, o excesso e a fixação posterior. A's vezes, é uma deficiência no estudo, que paes e professores não cessam de proclamar e salientar em comparações vexatorias; outras vezes, é um defeito physico, que serve de objecto á zombaria dos collegas. Vemos frequentemente pessoas que se exasperam com os appellidos que lhes dão contra a sua vontade.

A reacção da natureza humana

A natureza humana assim actuada, numa idade de plasticidade mental, reage ás vezes por um mecanismo compensador, como um coração insufficiente reage pela hypertrophia muscular. Ha a compensação que Claparède denominou de "heroica", na qual o individuo enfrenta o seu mal e procura dominal-o. Tal é o caso famoso de Demosthenes, que, sendo gago, desde moço procurou se curar e o conseguiu admiravelmente, indo fazer os seus ensaios oratorios na praia, com seixos na boca. Ha a compensação "substitutiva", na qual o individuo procura brilhar em um outro terreno diverso da sua inferioridade. Um tal que se sente mal nas sciencias appella para a poesia. Um outro inadequado para os sports se refugia nos laboratorios. Ha ainda o triste mecanismo derivativo pelo qual os individuos se quadern ao real procurando um es-

quecimento no alcoolismo, no morphinismo, no onanismo, etc. A gambolice é tambem uma das fórmulas de compensação. A pessoa, por exemplo, é fraca physicamente, sabe que em qualquer luta real será vencida, então se compraz em feitos imaginarios. A calunnia? Que é a tendencia a calumniar, senão o esforço desesperado do individuo inferior para abaixar ao seu nivel aquelles cuja superioridade elle detesta, seja ella moral, physica ou intellectual? Emfim, uma estranha e dolorosa fórmula de desejo de compensação é a do suicidio nas crianças. Como poderá a criança, um sêr em que germinam todas as possibilidades da vida, negal-a até á destruição? As numerosas cartas que ellas têm deixado permitem um estudo da sua infelicidade. Algumas procuram simplesmente, por meio de um acto extremo, chamar sobre a sua pessoa a attenção que normalmente não obteriam em casa. E Claparède explica: "Ellas querem sobre os seus tumulos as flores que se lhe negariam em vida."

A Prophylaxia

Não existe, accentua o conferencista, para as anomalias do sentimento de inferioridade, uma prophylaxia especializada. Para evital-as só ha um remedio: é a educação integral, que assenta em tres principios basicos:

1 — Fazer o trabalho das crianças amado por ellas. "Eu não sei, exclama, o que acontece nas vossas escolas da America, mas na Europa, em geral, as crianças não amam os seus trabalhos escolares!" Não ha nada que dê tanto ao individuo a consciencia do seu valor e o respeito de si mesmo do que a execução de uma tarefa da qual elle assumiu a responsabilidade, alegre e voluntariamente, *por mais humilde que seja essa tarefa*. Descubram os educadores nas crianças que estão á sua guarda aquellas aptidões especiaes e aquelles talentos particula-

res que todas ellas têm, e façam-nos desenvolver e florescer. Assim animada pelo successo nalgum terreno particular, a sua personalidade irá tomando consciencia de si mesma e aniquilando o sentimento de inferioridade.

2 — Socializar o trabalho das crianças. O educador não deve evidentemente, para evitar o sentimento de inferioridade, estimular o de superioridade. Pelo contrario, todos os trabalhos escolares devem ser planejados e executados de tal maneira que todas as crianças se julguem unidades necessarias no agrupamento social a que pertencem, mas tão necessarias como as outras. Todo trabalho educativo seria esteril se não incutisse desde cedo a acção da responsabilidade social.

3 — Respeitar a individualidade das crianças. Os meios coercitivos, a disciplina ferrea poderão conseguir o desempenho de tarefas na classe e em casa, mas não conseguirão nunca o desenvolvimento harmonioso da personalidade infantil. Este só se processa quando o educador sabe estimular a iniciativa e respeitar a espontaneidade.

Para a execução desses principios é preciso amar a criança. Amar a criança é o alpha e omega de toda a educação. "Mas cumpre acrescentar que para ama-la é preciso conhecê-la, é preciso estudar a sua psychologia".

—(X)—

Exposições Escolares

Este anno as exposições annuaes dos nossos grupos escolares não se limitaram aos trabalhos de costura, em que se parecia reunir a finalidade desses estabelecimentos de educação e ensino. As exposições obedeceram á orientação renovadora da actual Directoria da Instrucção Publica e se revestiram de um cunho altamente pedagogico.

Foi assim no Grupo Escolar "D. Pedro II", no "Fernandes Lima", no "Thomaz Espindola" e no "Diéguas Junior".

Os trabalhos femeninos lá estavam, como todos os annos acontece — vestidos, toalhas, lindas almofadas, *crochet*, rendas, bordados, etc., mas, ao lado delles, acumulavam-se os trabalhos puramente pedagogicos dos alumnos, feitos nas aulas de Linguagem, Arithmetica, Geographia, Geometria e Historia Natural, engalanando paredes, pejanando mesas e carteiras, documentando, além do esforço do professorado, a efficiencia dos processos activos adotados, de setembro para cá.

Em todos os grupos viam-se trabalhos interessantissimos e grande copia de material didactico organizado e executado pelas professoras. Porém, pela abundancia de trabalhos dessa natureza, a exposição mais importante foi a do "Pedro II".

Foram expostos ao publico, nesse estabelecimento, mais de 400 trabalhos de alumnos e professoras.

Alli se patenteava á vista de todas a efficiencia dos novos methodos de ensino das disciplinas que constituem o programma official.

Cartas geographicas do Brasil e de Alagoas, estudos physiographicos, estudos economicos, estudos sociaes e estudos politicos; quadros perfectos de zoologia, botanica, linguagem, historia patria; desenhos de imaginação interpretando poesias brasileiras; graphicos, cadernos de exercicio com as lições de um mês; solidos geometricos e trabalhos diversos em barro e cartolina.

O destaque da exposição do "Pedro II" sobre a dos outros grupos escolares explica-se pelo facto de ter essa escola fornecido á *Cruzada Pedagogica* nove professoras, enquanto o "Fernandes Lima" só forneceu duas, o "Diéguas Junior" duas e o "Thomas Espindola" duas.

Na quantidade de elementos dados á *Cruzada* pelo "Pedro II" houve, da parte da Directoria da Instrucção Publica, o pensamento de dotar a capital de, pelo menos, um estabelecimento apto á execução do plano reformador dos nossos processos pedagogicos.

Os outros grupos, porém, apesar daquella inferioridade numerica, fizeram exposições demonstradoras do grande esforço do professorado, e que muito o recommenda.

A concorrência a essas exposições foi numerosissima. Visitaram-nas demoradamente o sr. Governador do Estado e o sr. Secretario do Interior, que manifestaram a sua satisfação, elogiando calorosamente o nosso professorado, que, pela sua dedicação ao magisterio e sua capacidade profissional bem mereceram os louvores daquellas altas autoridades estaduaes.

—(X)—

Inspeçria Technica do Ensino O Decreto n. 13, de 5 de novembro, criou a Inspectoria Technica de Ensino, junto ao Departamento Geral da Instrução Publica. Não se comprehendia essa lacuna no nosso aparelhamento de Ensino. Não tínhamos inspecção technica e sem essa inspecção não podia haver uniformidade no processo pedagogico.

A criação da Inspectoria Technica vem traçar ao ensino e á educação escolares uma orientação uniforme e em harmonia com a verdadeira finalidade da escola.

Para o cargo de Inspector Technico foi nomeado o professor Luiz de Franca Cerqueira, que reúne ás qualidades de preparo pedagogico que o cargo exige o entusiasmo e devotamento pela causa do ensino.

—(X)—

As Juntas Escolares O governo provisório do Estado supprimiu as Juntas Escolares criadas pelo Decreto n. 1.140, de 14 de setembro de 1925. Essas Juntas, na sua quase generalidade, nunca tiveram da sua função uma compreensão exacta; foram sempre ajuntamentos burocraticos inteiramente alheios á finalidade da escola. Um ou outro presidente de Junta discrepava da missão *policia*l que lhe incumbia pa-

sino publico, visitando assiduamente as escolas de sua jurisdicção e solicitando do Departamento Geral providencias tendentes ao beneficio da instrucção.

A suppressão dessas Juntas era uma necessidade que se vinha impondo.

Em cada municipio ficou criado o cargo de Fiscal do Ensino. Nas sedes de comarca serão fiscaes os Promotores Publicos, e nos termos os Juizes Municipaes, ou seus respectivos adjuntos e supplentes, quando em exercicio, não dependendo do acto de nomeação o seu exercicio.

O cargo de Fiscal do Ensino é honorifico e constitue serviço publico relevante.

—(X)—

G. E. D. "Pedro II" A *Noticia*, em sua edição de 20 de novembro, publicou o artigo que segue sobre esse acreditado estabelecimento de educação e ensino:

"Os methodos activos da moderna orientação pedagogica tiveram neste estabelecimento de ensino official um exito completo e tornaram-no a escola padrão desses novos processos.

Até agosto a orientação do ensino seguia a marcha da velha escola livresca e memorisante, para o effeito do exame de fim de anno, com os meninos prodigios arditosamente preparados para o exhibicionismo escolar, com que se regalava a vaidade dos paes e se enganava as autoridades do ensino.

Estas, aliás, eram as unicas culpadas da fraude professional, pela exigencia da execução integral dos martyrisantes programmas primarios.

Depois da *Cruzada Pedagogica*, em boa hora organizada pelo actual Director da Instrução Publica, a orientação escolar, nos grupos da capital, se vae modificando sensivelmente, e, no *Pedro II*, passou por uma transformação radical. Essa transformação deve-se ao facto de

Cruzada maior numero de professoras, com o fito muito intelligente de se ter no Estado pelo menos um estabelecimento que se pudesse facilmente adaptar ás exigencias de uma escola de applicação, para pratica pedagogica das normalistas.

O intuito do sr. dr. Miguel Baptista foi plenamente correspondido pelo sr. Craveiro Costa na direcção do *Pedro II*. As professoras executaram integral e intelligentemente o que viram e aprenderam. Em todas as classes, de setembro em diante, trabalhou-se a valer, trabalhou-se febrilmente, e a exposição dos trabalhos pedagogicos, que fomos ver, foi bem uma documentação irrecusavel de capacidade profissional e de excellencia dos novos methodos.

Essa exposição foi um verdadeiro successo.

No 1º anno, a cargo das professoras Analia Leite e Carmelita Jucá, vimos e admiramos para mais de 200 trabalhos dos escolares — linguagem, arithmetica, geometria, geographia, historia natural, desenho de imaginação, modelagem em barro, além de um abundante material didactico, organizado e executado pela professora Analia Leite para o ensino da leitura analytica, da arithmetica e outras disciplinas. Esta professora, para quem o director do estabelecimento não poupa louvores pela dedicação extraordinaria e intelligencia admiravel na execução dos novos processos, está perfeitamente aparelhada para dirigir efficientemente as classes analphabetas.

O 2º anno, regido pelas professoras Telcidia Lima e Elisabeth Carrasosa, duas professoras talentosas e trabalhadoras, exhibiram trabalhos dignos dos maiores elogios, cerca de 80 provas das vantagens dos methodos activos.

O 3º. anno, a cargo das professoras Maria do Carmo Sampaio e Elisabeth Serpa, dois elementos de selecção do nosso magisterio, pelo talento e preparo profissional, fez

endentes, destacando-se os de interpretação de poesias nacionaes pelo desenho, principalmente os executados pelos alumnos Rubens Auto Cruz Oliveira e Leonel da Rocha Santos.

O 4º anno, a cargo da professora Julia Wanderley Lima, proficiente-mente auxiliada pela adjunta Leticia de Pereira Barbosa, que são no professorado alagoano duas esplendidas affirmações de capacidade e amor ao trabalho, expoz uma linda colleção de trabalhos dos alumnos e material pedagogico. Os trabalhos de geographia principalmente na parte referente ao nosso Estado, são perfectos. Os dos meninos Eraldo Souza e Arthur Esteves dos Santos são notaveis. Arthur Esteves é uma revelação de genio artistico que o governo de Alagoas precisa amparar.

O curso pre-escolar, fundado no Estado por Craveiro Costa, quando director do *DIEGUES JUNIOR*, tem na professora Maria Ambrozio uma executora intelligente e dextra dos processos de Montessori e Decroly. Sua Auxiliar, professora Maria Maciel revela-se uma *jardineira* de largo futuro. Com Maria Ambrozio, que pôde ser professora em qualquer parte, o Estado pôde e deve organizar um *jardim da infancia* perfeito. A exposição dessa classe foi um encanto e uma affirmação.

O *Pedro II* tem um corpo docente harmonico, capaz de executar proficientemente o plano de remodelação pedagogica no rumo da escola activa.

A exposição de trabalhos femininos, de desenho e modelagem, bem revelaram o esforço extraordinario de professores e alumnos.

Na manhã de 16, o Sr. Dr. Secretario do Interior esteve no *Pedro II*, fez a entrega dos certificados de habilitação aos 39 alumnos que terminaram o curso do estabelecimento, examinou minuciosamente tudo quanto estava exposto. S. Exa. dirigiu a palavra ao corpo docente da escola, tecendo louvores á dedicação, ao esforço e á intelligencia que tudo

lorosa e sincera foi um conforto para as professoras tão desacostumadas desse reconhecimento official dos meritos do magisterio alagoano.

A' tarde, S. Exa. voltou ao *Pedro II* em companhia do Sr. Governador do Estado. O Dr. Freitas Melro demorou-se mais de uma hora na escola, manifestando a cada momento a sua alegria por aquella grande obra educativa e declarando que era indispensavel que esse espirito de renovação pedagogica se irradiasse por todo o Estado.

O DIARIO póde affiirmar que o *Pedro II* alcançou um triumpho completo, com a sua exposição pedagogica, franqueada ao publico durante dois dias e visitada pelos melhores elementos da nossa capital.

—(X)—

Instituto "Gabino Besouro" O Instituto "Gabino Besouro", que o governo do Estado vai instalar na cidade de Penedo, destinado a ministrar gratuitamente o ensino profissional primario a alumnos de ambos os sexos, corresponde a uma das maiores necessidades da educação da mocidade alagoana e dá uma idea exacta da orientação esclarecida da actual direcção do ensino publico e dos intuitos renovadores do governo revolucionario do Estado.

O Instituto propõe-se a formar operarios, contra-mestres e mestres, ministrando o ensino pratico e os conhecimentos technicos necessarios aos menores que pretenderem aprender um officio. Além dessa aprendizagem, o Instituto manterá o *curso infantil*, o *curso primario*, o *curso geral* e o *curso de trabalhos manuaes e desenho*.

As secções de officinas correlativas que compõem as diversas profissões, são:

Mechanica Pratica;
Trabalhos de madeira;
Artes textis;
Fabrico de calçados;

Feitura de vestuario masculino;
Actividades commerciaes;
Actividades domesticas;
Feitura de vestuario feminino;
Artes graphicas.

E' ainda da finalidade do Instituto a manutenção de um *curso rural*, em dois annos, para formação de professores ruraes; um *Curso de Preparatorio*, equiparado ao Curso Annexo da Escola Normal, e um curso de admmissão do Collegio Pedro II.

No seu primeiro anno o Instituto funcionará sob o regime de grupo escolar.

O sr. Director Geral da Instrucção Publica assim justificou perante o governo a criação desse Instituto:

"O Instituto "Gabino Besouro", nos termos em que está proposto, tem a feição de grupo escolar com o accessimo de officinas.

Essa organização está obedecendo ao mesmo plano das escolas profissionais mantidas pelo Ministerio da Agricultura, por duas fortes razões: em primeiro lugar esse Ministerio mantem a Secção de Remodelação do Ensino Profissional Technico, com excellentes resultados, dando a essas escolas perfeita organização; em segundo lugar, havendo na lei orçamentaria da Republica uma verba para subvenção a escolas dessa natureza, será de todo interesse que o Instituto seja mantido com o mesmo regulamento das escolas daquelle Ministerio para tornar merecedor de iguaes favores dispensados a outras escolas, nos mesmos casos.

A installação do Instituto, neste momento, não representa augmento de despesas para o Estado.

O orçamento estadual para 1931 consigna a verba para a manutenção do Grupo Escolar "Aristheu de Andrade" em Leopoldina, que póde, sem nenhum prejuizo para o ensino publico, ser transformado em escolas reunidas, e essa verba deve ser applicada no Instituto "Gabino Besouro", cuja criação é muito reclama-

As actuaes escolas existentes na cidade de Penedo têm o mobiliario conveniente e necessario para a installação do Instituto, e o actual predio em que funciona a Prefeitura Municipal, dada do povo á infancia no governo do benemerito Dr. Cincinato Pinto, pode ser adaptado perfeitamente para nelle funcionar o Instituto que poderá ser inaugurado com a montagem apenas de duas secções de officinas: a de *mechanica pratica* e a de *trabalhos de madeira*.

Essas duas officinas poderão ser constituídas do exagerado apparelhamento do Aprendizado Agricola de Satuba, sendo que, a de *mechanica pratica* não precisa ser tão completa quanto a do Aprendizado.

Nenhuma desvantagem trará ao Aprendizado a retirada d'ali de algumas das machinas das officinas citadas, porque, com essas officinas completas ou incompletas ou mesmo sem essas officinas, o governo federal continuará mantendo o Aprendizado, ao passo que, o Instituto "Gabinho Besouro" inda é um projecto e tem necessidade de tornar-se uma realiação.

Feita essa montagem sob os moldes das escolas profissionaes mantidas pelo Ministerio da Agricultura, estamos certos de que o Governo Federal dará uma subvenção com a qual o Estado possa manter esse Instituto, em condições especialissimas, sem pezar no seu orçamento.

No regulamento estudado por esta Directoria estão mencionados todos os pontos de vista essenciaes á technica do ensino professional mantido pelo Ministerio da Agricultura e nessas condições tudo nos leva a crer que nenhuma difficuldade haverá para obtermos do Governo Federal a subvenção pedida.

O projecto ora apresentado traz ainda o esboço de um Curso Normal em curso seriado, dependente do bom resultado apresentado no ensino durante o anno lectivo e provado

exames da Escola Normal do Estado, e do Lyceu Alagoano.

A cidade de Penedo, pela sua importancia no Estado, não pode continuar na situação de deficiencia de instrucção em que tem vivido até agora e a creação do Instituto "Gabinho Besouro" vem resolver plenamente esse problema.

—(X)—

Curso Rural

O governo do Estado fará funcionar no proximo anno, annexo a cada um dos grupos escolares do interior, um *curso rural*, em dois annos, destinado á formação do professorado rural.

No proximo anno esse curso ministrará o ensino dos disciplinas seguintes: Português, Geographia Geral e Chorographia de Alagoas, Historia do Brasil, Sciencias Physicas e Naturaes, Arithmetica, Geometria, Desenho, etc.

No segundo, além da revisão do programma do 1º anno, haverá o ensino de Pedagogia, Didactica Elementar e pratica de organização escolar.

O alumno que terminar o curso, só poderá ser nomeado professor rural da localidade do mesmo municipio de sua residencia e será inamovível.

Os professores do Curso Rural serão nomeados em commissão, escolhidos dentre os professores do proprio grupo, percebendo uma gratificação mensal de 100\$000, havendo dois professores para cada anno, quando a matricula exceder de 15 alumnos.

Esse curso aparelhará o governo a difundir no Estado o ensino publico, attendendo ao criterio das actividades de cada municipio e acabando, pouco a pouco, com o professorado subvencionado e extranumerario.

A justificacão desse curso foi assim desenvolvida pelo sr. Director

O Estado de Alagoas, com uma população de mais ou menos 1.200.000 habitantes, deve ter 120.000 crianças em idade escolar. Calculando-se uma escola para 60 alumnos (120.000 ÷ 60) — têm-se 2.000 escolas correspondentes ás necessidades da nossa alphabetização.

O Estado com o orçamento de... 12.000.000\$000 não pode manter tão elevado numero de professores precisos para essas escolas, nem ha esperanças proximas de maior receita.

Pagar menos do que o Estado paga actualmente ao professor formado pela Escola Normal é impossivel, visto como as cadeiras, a não serem as da Capital ou suas localidades proximas, não convêm ás alumnas-mestres.

Esse desinteresse é motivado pelo pequeno ordenado e pela falta de conforto, nos pontos mais centraes do Estado.

Não queira attribuir-se essa recusa dos candidatos ao concurso para professores de 1ª entrancia, á falta de preparo das alumnas-mestres; porque elles estão concorrendo vantajosamente aos lugares do Correio, Telegrapho, Escola de Aprendizizes Artifices, Secretarias de Estado, etc., onde são muito maiores as exigencias.

E nosso Estado mantem actualmente 400 escolas; porem representa isso apenas 1/5 das nossas mais urgentes necessidades educativas.

Como conciliar então os dois interesses: muitas escolas convenientemente providas com professores que se contentem com pequenos ordenados?

Estudemos a Escola Rural.

O melhor meio de encontrar o Professor Rural é procurá-lo nas immediações da propria zona rural, nos Grupos Escolares dos diversos Municipios, dentre alumnos modestos, porem intelligentes, bem comportados e que tenham manifestado gosto pelo ensino e tendencia para transmittir conhecimentos.

A criação de um curso com essa

finalidade não vem onerar o Estado, porque é mantido com uma pequena gratificação e não deve ter um character permanente, só devendo ser feito onde é provado haver necessidade.

Esse *Curso Rural* tem a sua justificação como medida de emergencia; porem, mesmo assim, ha de ser necessario durante vinte cinco annos ou mais.

Em Alagoas o combate ao analphabetismo não será victorioso com o esforço exclusivo do Estado que, não tendo elementos materiaes para attendê-lo, procurará o auxilio do Governo Federal, dos Municipios e dos particulares.

Ha, porem, outra difficuldade que vencer: onde encontrar actualmente o professor convenientemente habilitado para comprehender as instrucções da Directoria da Instrucção Publica, que será sempre, e nem podia deixar de ser, a repartição publica controladora de todo esse movimento educativo?

Admittamos que o Municipio queira contribuir para a alphabetização dos seus muncipes: a quem deve nomear para as suas escolas?

Pensem os que um particular quer custear a escola de um logarejo qualquer, onde reside e tem filhos alphabetizaveis, onde pode encontrar o professor?

Com as alumnas-mestras, sahidas da Escola Normal, nem conta, porque o numero tem sido reduzidissimo; nem contará, porque os ordenados não são compensadores.

Eis porque surgiu a idéa do *Curso Rural* com a possibilidade de satisfazer plenamente esta exigencia primaria: a alphabetização.

O Municipio póde e deve auxiliar o Estado nesse ramo de serviço publico, mantendo escolas onde houver população infantil que dellas precise, sendo o funcionamento inspeccionado e orientado pela Directoria da Instrucção Publica.

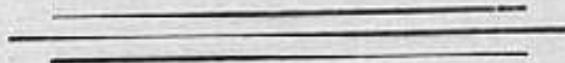
O Governo Federal pode igual-

mente auxiliar o Estado, subvencionando escolas profissionaes, escolas agricolas, escolas elementares de chimica industrial, escolas de pesca. de que tanto necessita Alagoas.

Ainda o Governo Federal podia prestar o seu auxilio, criando as secções de artes graphicas, artes decorativas e artes texteis na Escola de Aprendizizes Artifices, tornando-a mais attrahente; podia augmentar a verba para 200 aprendizizes de matricula na Escola de Aprendizizes Marinheiros, não precisando tambem

lembrar que Alagoas é dos Estados que dão maior numero de marinheiros e soldados á Marinha e ao Exercito nacionaes.

Não pensamos que os Municipios e o Governo Federal auxiliem o Estado, recolhendo a este uma quota de suas rendas; porem mantendo por sua propria conta, ou subvencionando, estabelecimentos de ensino criados e mantidos pelo Estado ou por pessoas ou associações particulares sob o controle didactico do Departamento Geral da Instrucção Publica.



BIBLIOTHECA DOS PROFESSORES ALAGOANOS

**ANTHOLOGIA DE PROSADORES E
POETAS DE ALAGOAS**

Anotações biographicas de LUIS
CERQUEIRA

e grammaticaes de AURYNO
MACIEL

BREVEMENTE

Edição da REVISTA DE ENSINO